

A IGREJA

Sua Natureza, Autoridade, Propósito e Culto



Jeffrey D. Johnson



Qual é o seu papel em uma cultura cada vez mais secular? Quais deveriam ser as suas prioridades? Como deve funcionar uma igreja local? Por que é necessário ser membro de uma igreja? Aliás, isso é necessário? Qual é a base para a verdadeira unidade? Este excelente livro reflete a brilhante luz das Escrituras sobre essas e muitas outras questões. Uma vez que Cristo amou a igreja o suficiente para morrer por ela, todo crente deve compartilhar dessa paixão. Jeffrey Johnson claramente o faz, e eu acredito que você verá que o entusiasmo dele é contagiante.

— John MacArthur

Jeffrey Johnson escreveu um livro sobre a igreja que é breve o suficiente para ser lido agora, claro o suficiente para ser compreendido e importante o suficiente para ajudar muitos de nós a seguirmos Jesus Cristo como ele intencionou — como membros de sua igreja. Por que não o ler agora mesmo?

— Mark Dever

Como o apóstolo Paulo antes dele, Jeffrey Johnson demonstra que tem zelo pela igreja de Cristo, um zelo piedoso, e que seu único grande desejo é apresentá-la a Cristo como uma virgem pura (2 Coríntios 11:2). Como um médico cuidadoso e perspicaz, ele não só diagnosticou corretamente o que aflige a igreja evangélica contemporânea, mas também prescreveu a cura adequada — um apego sincero e persistente à doutrina do Sola Scriptura. Esse livro conciso, porém, minucioso, deve ser uma leitura obrigatória para cada pastor, congregação e aspirante ao ministério.

— Paul Washer

Em dias em que muitos adoram no altar do pragmatismo, a igreja se encontra em extrema necessidade de uma visão bíblica de si mesma e de seu propósito. O pastor Jeffrey Johnson oferece uma mensagem concisa, sóbria e esclarecedora para uma geração que precisa de uma reforma eclesiológica. Johnson aborda as questões que enfrentamos hoje fundamentando-as em seu contexto histórico/teológico. Jeffrey nos lembra que as verdades profundas e permanentes das Escrituras são suficientes para sustentar a noiva de Cristo em cada época.

— Voddie Baucham Jr.

Como um carpinteiro que reforma uma peça de mobília clássica, Jeffrey Johnson remove camadas de tradição humana e de filosofia mundana para restaurar a nossa visão da igreja à sua simplicidade bíblica. Neste livro, a igreja brilha! Johnson oferece ensinamentos básicos sobre os propósitos, a adoração, a membresia e a liderança da igreja a partir de uma perspectiva batista. Como um cristão reformado achei especialmente valiosa a sua ênfase na santidade da igreja e em sua adoração como ordenada pela Santa Palavra de Deus e vivida em sua santa presença.

— Joel R. Beeke

Aqui está um livro que cada membro de cada igreja batista (e até de algumas outras denominações) precisa ler e aplicar às suas igrejas e às suas vidas. O livro é breve e direto tanto quanto aplicável e necessário, especialmente para os nossos dias. A obra cobre quase todos os aspectos do que uma igreja é e do que ela deve e não deve fazer, de acordo com as Escrituras.

— Richard P. Belcher Sr.

Jeffrey Johnson nos dá uma visão geral do que é a igreja, sem desordem ou confusão. Em capítulos compreensíveis e diretos, a natureza e a vida prática da igreja são explicadas de modo que até mesmo os recém-convertidos possam compreender. Em sua apresentação, ele não tentou ser inovador, mas fiel à Bíblia. Quanto à sua utilidade, recomendo-o para aqueles que são novos na vida da igreja e precisam de uma explicação a respeito dela em uma linguagem lúcida e acessível.

— Jim Elliff

Este livro de Jeffrey Johnson traz uma visão apaixonada e exaltada da igreja de Jesus Cristo, mas o autor também mostra estar ciente das suas tensões e imperfeições como congregações que vivem sob as santas exigências do Cabeça da igreja, em um mundo caído. Este livro o ajudará a entender a vida da igreja, seus deveres e bênçãos, e o encorajará a consagrar seus anos para servir e fortalecer o povo de Deus.

— Geoff Thomas

Existem duas características marcantes que se destacam neste livro: Clareza doutrinária e instrução prática. A igreja local é o único contexto institucional de Deus para os crentes viverem suas vidas em Cristo, mas muitos cristãos continuam sem saber o que é a igreja local e como Deus determinou que ela funcione. Sem dúvida, este livro é um bem imensamente útil para a igreja em nossos dias.

— Anthony Mathenia

Com vigor refrescante e simplicidade estimulante, Jeffrey Johnson nos dá um esboço claro dos princípios bíblicos relativos à natureza e à vida da igreja de Cristo. Este livro é breve o suficiente para ser

uma introdução útil, mas profundo o suficiente para suscitar uma reflexão cuidadosa e promover a prática sincera. Ele é um belo antídoto para atitudes superficiais, casuais e indiferentes em relação à casa de Deus, ao estabelecer uma concepção legitimamente elevada do povo do Deus vivo e estimular o cumprimento dos seus santos propósitos na presença do Deus vivo.

— Jeremy Walker

Nos dias de hoje o conceito de membresia de igreja ou é uma suposição que nunca é debatida e considerada biblicamente ou é uma ideia abandonada por novas igrejas como uma relíquia inútil do passado que é irrelevante para igrejas e cristãos atuais. Devemos ser gratos por existirem pastores como Jeffrey Johnson, que abordam essa questão a partir de uma perspectiva bíblica e demonstram para os cristãos de hoje a significativa importância de ser membro de uma igreja local.

— Don Whitney

Título Original
The Church: Her Nature, Authority, Purpose, and Worship

Por Jeffrey D. Johnson
Copyright © 2020 Jeffrey D. Johnson. Todos os direitos reservados.



Published by Media Gratiae
PO Box 21
New Albany, MS, 38652. United States.



Copyright © 2020 Editora O Estandarte de Cristo
Francisco Morato, SP, Brasil



1ª edição em português: 2020.



Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora O Estandarte de Cristo. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.



Salvo indicação em contrário e leves modificações, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.



Tradução: Janyson Ferreira
Revisão: William Teixeira e Fernando Angelim

Capa: Ordinary Folk
Adaptação da capa e diagramação: William Teixeira



Visite: oestandardedecristo.com

Dedicado a
Greg e Ingrid Stevens

Agradecemos de coração ao querido pastor Jeffrey Johnson por ceder gentilmente os direitos de publicação de sua obra em português.

Sumário

Prefácio à Edição Brasileira

Introdução

Crença-Fácil

A Salvação pelo Senhorio

PARTE 1 | *A Natureza da Igreja*

1 • As Marcas da Igreja

1. A Igreja é a Comunhão Unificada de Deus

A Unidade Invisível da Igreja Universal

A Unidade Visível da Igreja Local

2. A Igreja é uma Santa Comunhão

3. A Igreja é a Comunhão Sustentadora da Verdade de Deus

Conclusão

2 • A Membresia da Igreja

Uma Aversão à Membresia da Igreja

Uma Aversão à Prestação de Contas

Uma Aversão ao Compromisso

Razões para se Unir a uma Igreja

1. A Membresia da Igreja é Presumida no Novo Testamento

2. A Membresia da Igreja é Evidência do Novo Nascimento

3. A Membresia é Essencial para a Santificação

4. A Membresia da Igreja é Essencial para Amar a Cristo

5. A Membresia da Igreja é Essencial à Obediência

6. A Membresia é um instrumento de Deus pa-ra Prestação de Contas

Conclusão

3 • Os Deveres dos Membros da Igreja

Unidade

Os Membros Devem Ser Ativos e Fiéis em sua Participação na Igreja

Os Membros Devem Amar e Honrar Uns aos Outros

Pureza

Os Membros Devem Viver Vidas Santas

Os Membros Devem Estimular a Santidade nos Outros

Os Membros Devem Participar das Ordenanças da Igreja

Os Membros Devem Cumprir a Disciplina da Igreja

Verdade

Os Membros Devem Confessar a Verdade

Os Membros Devem Ser Estudantes da Verdade

Os Membros Devem Ser Transmissores da Verdade

Os Membros Devem Apoiar Financeiramente a Verdade

Conclusão

PARTE 2 | A Autoridade da Igreja

4 • O Poder e a Disciplina da Igreja

O Poder da Igreja

Sem Cristo, a Igreja não Possui Autoridade

A Igreja Possui Autoridade Quando se Submete a Cristo

A Disciplina da Igreja

A Natureza e os Passos da Disciplina da Igreja

A Atitude da Disciplina da Igreja

O Propósito da Disciplina da Igreja

A Autoridade da Igreja na Disciplina

A Eficácia da Disciplina da Igreja

Conclusão

5 • Os Oficiais da Igreja

Qualificações para Pastores e Diáconos

Os Pastores são Chamados por Deus

Os Pastores são Chamados a Pastorear

[Pastores são Chamados para Servir](#)

[Pastores são Chamados para Pregar](#)

[Os Pastores são Chamados para Aconselhar](#)

[Pastores são Chamados para Viver Vidas Exemplares](#)

[Os Pastores são Chamados para Presidir](#)

[Os Pastores são Chamados a se Submeterem](#)

[Conclusão](#)

[**6 • O Governo da Igreja**](#)

[A Separação do Poder](#)

[A Responsabilidade e Autoridade dos Presbíteros](#)

[A Prestação de Contas dos Membros](#)

[A Autoridade dos Membros](#)

[1. Reconhecer e Receber Novos Membros](#)

[2. Escolher Seus Próprios Líderes](#)

[3. Supervisionando seus Líderes](#)

[4. Supervisionando os Membros](#)

[5. Exercitando a Disciplina da Igreja](#)

[Conclusão](#)

[**PARTE 3 | O Propósito da Igreja**](#)

[**7 • A Missão da Igreja**](#)

[A História da Redenção](#)

[Duas Eras e Dois Reinos](#)

[A Igreja e o Reino dos Céus](#)

[Os Dois Reinos são Incompatíveis](#)

[As Chaves e a Missão da Igreja](#)

[A Natureza da Igreja](#)

[1. A Igreja Deve Crescer em Unidade](#)

[2. A Igreja Deve Crescer na Pureza](#)

[3. A Igreja Deve Crescer no Conhecimento da Verdade](#)

[A Grande Comissão](#)

[Discipulando os Crentes](#)

[Evangelizando os Incrédulos](#)

[As Missões Começam em Casa](#)

[Missões Estendidas às Nossas Comunidades](#)

[As Missões Terminam nos Quatro Cantos do Globo](#)

[As Missões Não Devem Ser Separadas da Igreja](#)

[Conclusão](#)

8 • A Metodologia da Igreja

[Minimizando a Santidade da Igreja](#)

[Minimizando a Depravação do Mundo](#)

[Uma Advertência de Charles H. Spurgeon](#)

[A Igreja Não Deve Imitar o Mundo](#)

[A Santidade Interior Afeta as Aparências Externas](#)

[Motivos](#)

[Quebrando as Barreiras Culturais](#)

[Conclusão](#)

9 • O Ensino da Igreja

[1. A Indiferença](#)

[2. Ignorância](#)

[3. Pragmatismo](#)

[4. Misticismo](#)

[A Natureza do Misticismo](#)

[A Influência do Misticismo](#)

[Como Corrigir o Misticismo](#)

[Uma Defesa das Confissões](#)

[Conclusão](#)

PARTE 4 | O Culto da Igreja

10 • A Teologia do Culto

A Adoração Tem sua Origem em Deus

O Culto é por Meio de Cristo

O Culto é em Verdade

O Culto é pelo Espírito

O Culto é Prestado em Santidade

O Culto é para Deus

Conclusão

11 • Os Elementos do Culto

1. Cultuar a Deus através da Pregação da Palavra

2. Cultuar a Deus através da Oração da Palavra

3. Cultuar a Deus por meio de Ver a Palavra nas Ordenanças

4. Cultuar a Deus por meio de Cantar da Palavra

5. Cultuar a Deus por meio da Comunhão em Torno da Palavra

Conclusão

12 • Os Princípios do Culto

1. O Culto Deve Ser Centrado em Deus

2. O Culto deve Ser Centrado na Palavra

3. O Culto Deve Ser Santo

4. O Culto Não Deve se Concentrar no que é Físico

5. O Culto Deve Ser Ordeiro

6. O Culto Deve Ser Centrado na Congregação

7. A Adoração Deve Seguir o Princípio Regulador de Culto

Conclusão

Prefácio à Edição Brasileira

“O meu prefácio possuirá pelo menos a virtude da brevidade, visto que acho difícil dar-lhe outra virtude”.

Início este prefácio citando o príncipe dos pregadores, Charles H. Spurgeon, confiante na lição deixada por ele na execução de tal tarefa, principalmente havendo me sido concedida a imensa honra de prefaciá-lo um livro tão didaticamente doutrinário, prático e pastoral como o de Jeffrey Johnson.

A leitura e tradução do livro do pastor Johnson foi-me extremamente edificante, prazerosa e motivadora:

Edificante, porque Johnson escreveu um livro profundamente bíblico. Ele conseguiu diagnosticar com destreza que as grandes ondas de pragmatismo, misticismo e tantos outros modismos que tem afetado a igreja moderna são decorrentes da indiferença fatal para com a Escritura Sagrada como revelação plena, infalível e inerrante de Deus. E essa postura produziu uma teologia fraca, humanista e sem compromisso para com Deus.

Compreendendo o problema, o autor conduz seus leitores, por meio da exposição das doutrinas fundamentais do Evangelho e da sua relação imediata com a vida da Igreja, à recuperação de uma visão adequadamente elevada da revelação de Deus, e da seriedade da resposta que o Senhor exige de nós diante de tal revelação: submissão total.

Temos nesta obra, uma clara demonstração da relação íntima entre doutrina e prática e, e somos levados a reconhecer a maravilhosa verdade de que sobre a igreja existe um Deus que não somente a gerou por sua Palavra, em Cristo Jesus e no poder do Espírito, mas a conduz objetivamente por meio da mesma Palavra.

Cristo nos é dado não somente como Salvador, mas também como Senhor, um Cabeça santo, poderoso e pessoal, que guia a vida da igreja, e define a sua natureza, autoridade, propósito e os elementos de uma genuína adoração. Seguindo exatamente essa ordem o autor expõe biblicamente cada um desses tópicos, nos desvelando a beleza do cuidado de Cristo por nós, um vislumbre da graça que nos traz segurança e paz, ao nos fazer reconhecer que O Senhor não nos entregou aos nossos corações corrompidos pelo pecado, mas que de maneira amável e soberana conduz a vida do seu povo.

Prazerosa, porque o reverendo Johnson, por meio de uma linguagem didática e pastoral, tornou verdades profundas acessíveis ao crente mais humilde e desprovido de instrução formal, bem como ao mais “recém-nascido” na fé.

É impressionante a leveza, clareza e praticidade com as quais são apresentadas as doutrinas sagradas e suas implicações práticas. É visível o desejo sincero do doutor Johnson de que cada um daqueles que estão unidos ao corpo de Cristo possa aprender e praticar de maneira digna as suas vocações, cooperando individualmente à edificação do corpo ao qual estão inseridos. Sua leitura me ajudou a articular muitas doutrinas em favor do povo de Deus sob minha responsabilidade.

Ao final de cada capítulo o autor elaborou uma série de perguntas para estudo e fixação do conteúdo, facilitando assim a sua utilização em classes de Escola Dominical, classe de novos membros e pequenos grupos de estudo e devoção, o que, mais uma vez, revela seu desejo de instruir não somente os ministros, mas a todos os membros da igreja.

Motivadora, porque tenho fé que o Senhor usará a exposição de Sua Palavra contida neste livro para demover muitas igrejas

locais de um falso cristianismo para uma experiência genuína de ser igreja conforme a vontade de Deus, o que implica possuir as características bíblicas de: pureza, unidade e verdade. Só assim as igrejas poderão cumprir o propósito de manifestar a multiforme sabedoria de Deus pela pregação e prática do Evangelho da graça de Cristo em meio a um mundo caído, para o louvor do nome dele.

O Bom Deus aos poucos tem revertido a realidade dos batistas no Brasil e levantando homens para produzir e publicar materiais que, com a bênção do Senhor, dissipem as trevas da mentira e da alienação e tragam de volta o vigor de uma fé bíblica, confessional e histórica, características pelas quais éramos reconhecidos no passado e que garantiram a saúde e relevância de nossa fé ao longo dos séculos. Que Deus abençoe toda a equipe da Editora O Estandarte de Cristo pelo investimento na tradução e publicação deste livro.

Todo o pastor deveria ler, reler, e conduzir cada membro de sua igreja ao estudo desta maravilhosa obra, crendo no poder de Deus em usar a exposição da Escritura para glorificar seu nome e incendiar corações.

Quatro-Bocas, Pará, Abril de 2020.

Janyson C. Ferreira.

Pastor presidente da Primeira Igreja Batista em Quatro-Bocas-PA.

Introdução

A visão da igreja sobre Deus, o homem e a salvação possuem um impacto vital em suas práticas. A teologia propriamente dita (a doutrina de Deus), a antropologia (a doutrina do homem), a soteriologia (a doutrina da salvação) e a eclesiologia (a doutrina da igreja) nunca deveriam ser separadas na prática. O que cremos acerca de Deus, do homem e da salvação irá, conseqüentemente, influenciar a maneira de vivermos como igreja. Possuir uma visão elevada de Deus e uma visão baixa do homem, ou uma visão baixa de Deus e elevada do homem, determinará se uma igreja é centrada em Deus (teocêntrica) ou centrada no homem (antropocêntrica). No final das contas, a visão da igreja sobre Deus, o homem e a salvação revelarão a quem essa igreja está procurando agradar.

Falando de maneira prática, existem duas visões sobre a salvação no protestantismo evangélico: (1.) Crença-fácil e (2.) salvação pelo senhorio:

Crença-Fácil

Crença-fácil, é a visão mais amplamente aceita acerca da salvação, evidenciada na forma como a maioria das igrejas se comportam. O que é *crença-fácil*? *Crença-fácil* é a visão diluída da salvação que procede de uma visão baixa de Deus e elevada do homem. A ideia é que arrependimento não é algo necessário para salvação e tudo o que é requerido por Deus é uma simples decisão de “aceitar Jesus em seu coração”. A opinião sustentada é que os pecadores são capazes, em si mesmos, de fazer essa escolha; tudo o que eles precisam é de um bom vendedor (ou seja, pregador) para mostrar-lhes as vantagens do céu em comparação com as outras alternativas.

Com essa visão baixa de Deus vem a ideia de que ele não exige de nós nada mais do que uma simples oração, muitas vezes realizada ao repetir as palavras do pastor depois de ir até a frente da igreja. Na melhor das hipóteses, o pregador pode nos lembrar no último segundo que devemos repetir “a oração do pecador” de todo o “coração”.

Segundo essa visão, demandar do pecador mais do que uma simples oração é considerada algo desnecessário e até mesmo um obstáculo para persuadir muitos a responderem satisfatoriamente. Por exemplo, a maneira como o Senhor lidou com o jovem rico — quando ele lhe disse para abandonar o seu ídolo (o seu verdadeiro deus) dando todo o seu dinheiro — não é um método de evangelismo que conduza à muitas conversões.

Com essa visão baixa da salvação vem a posição de que não precisamos fazer grandes sacrifícios para obter o céu; podemos ser salvos e continuar a viver as nossas vidas como sempre vivemos. Portanto, o ato de abandonar tudo, incluindo as nossas vidas, para seguir o Senhor é visto como algo completamente desnecessário.

Tudo o que se crê ser necessário para ir ao céu é “adicionar” Jesus às nossas vidas. Você vê como a salvação é fácil? Escape do inferno, fique no controle de sua vida e receba um bilhete de entrada para o céu através de uma simples oração que inclui as palavras sinceras: “Eu aceito Jesus em meu coração”. Seguindo esse método de evangelismo, não haveria necessidade de desapontar o jovem rico; ele poderia ter tido a Cristo e retido suas riquezas.

A crença-fácil leva a outra doutrina perigosa conhecida como *cristianismo carnal*. Como a salvação não exige abnegação e submissão a Cristo como Senhor, todos os que repetiram a oração do pecador devem ser salvos, não importa como vivam suas vidas. Sob essa ilusão, bêbados, adúlteros e idólatras são declarados herdeiros do céu em seus funerais porque fizeram uma oração quando eram crianças, e para ser um cristão, o amor a Deus e o amor ao povo de Deus (a igreja) é opcional. As igrejas estão cheias de pessoas que apenas recitaram a oração do pecador; e devido a isso, assume-se que a maioria dos frequentadores da igreja são verdadeiros cristãos.

Com uma visão barata da salvação, é fácil ver porque muitas igrejas funcionam da maneira que funcionam: como empresas. A igreja quer crescer o mais rápido possível, e os não convertidos querem uma consciência tranquila e que custe o mais barato possível; assim, a igreja está disposta a vender o Evangelho, oferecendo aos clientes uma salvação confortável. O importante é levar as pessoas para dentro da igreja, por qualquer meio possível, e depois salvá-las. Para fazer com que essas pessoas voltem e continuem frequentando, a igreja deve continuar a dar-lhes o que elas querem: uma consciência tranquila. Isso é obtido por uma pitada de verdade bíblica, um toque de persuasão e muito entretenimento.

A igreja guiada pelo “gosto do freguês” quer saber como atrair e satisfazer a maioria das pessoas. Como a igreja pode permitir que pessoas que buscam tais coisas — como o jovem rico que buscou o Senhor, mas infelizmente foi embora triste — saiam desapontadas? Numa tentativa de ser sensível a eles, a igreja deixou de seguir o direcionamento das Escrituras para consultar empresas de marketing e empregar as táticas do mundo dos negócios. Ela se voltou para o *pragmatismo*, no qual os fins justificam os meios. Em outras palavras, a igreja se sente satisfeita ao pensar que o Senhor está abençoando seus esforços por causa de seu rápido crescimento e dos recordes de frequência em seus cultos.

Com essa abordagem empresarial, o deísmo moralista e terapêutico tomou conta das igrejas. A igreja mudou de uma assembleia de santos que adoram a Deus em espírito e verdade para uma reunião social de cristãos nominais que semanalmente ouvem discursos motivacionais sobre como manterem uma mentalidade positiva e fazerem o que é certo para experimentarem “sua melhor vida agora”. A glória de Deus e a santidade pessoal não são mais as forças motrizes por trás das atividades e funções da igreja; ao contrário, o que governa a igreja é o desejo de manter as pessoas felizes enquanto vivem uma vida sem submissão completa ao senhorio de Cristo.

No final das contas, uma visão baixa de Deus e uma visão elevada do homem conduzem a uma *crença-fácil* e a igrejas centradas no homem que funcionam como empresas guiadas pelo consumidor.

A Salvação pelo Senhorio

Igrejas com uma visão alta de Deus e baixa do homem têm uma perspectiva diferente sobre a salvação e, portanto, uma perspectiva diferente sobre o propósito e as funções da igreja. Esse entendimento afeta especificamente como tal igreja vê a salvação: não principalmente por causa do homem, mas para a glória de Deus. Ou seja, o problema não é que os pecadores vão para o inferno, mas que os pecadores não glorificam o Senhor em suas vidas. Essa perspectiva pode soar como uma preocupação pequena, mas, finalmente, ela determina se uma igreja é centrada no homem ou centrada em Deus.

Se a salvação é, em última análise, para a glória de Deus, então ela não deve ser considerada como a simples obtenção de um bilhete gratuito de entrada para o céu. Pelo contrário, a salvação liberta os pecadores do seu pecado, tanto da sua penalidade como do seu poder. Essa é a própria razão pela qual Cristo veio — para salvar seu povo de seus pecados (Mateus 1:21). O pecado e a causa do pecado (depravação) são os maiores problemas do homem. O pecado é a razão principal pela qual as pessoas vão para o inferno e estão sob a ira de Deus. E o que é pecado? Pecado é qualquer pensamento ou ação destituídos da glória de Deus (Romanos 3:23). Assim, a salvação liberta o homem do pecado, ou seja, daquilo que busca roubar a glória de Deus.

A salvação nos liberta da culpa do pecado na *justificação*, e nos liberta do poder do pecado na *regeneração* e na *santificação*. Aqueles que são salvos vão para o céu, mas somente porque são salvos da culpa e do poder do pecado.

Mais importante ainda, a salvação reconcilia Deus e os pecadores através de Cristo Jesus. O pecado nos separou de Deus, e Cristo Jesus, o perfeito Cordeiro de Deus, é o único caminho para o Pai (João 14:6).

Se Cristo veio para salvar seu povo da culpa e do poder do pecado para um relacionamento reconciliado com Deus, então a salvação é somente para aqueles que estão buscando ser libertos do pecado e desejando um relacionamento pessoal com Deus. Portanto, se não há arrependimento, não há salvação. Apegar-se a qualquer pecado ou amar algo mais do que a Cristo, como o jovem rico que se agarrava à sua riqueza, é um ato de rebeldia contra Cristo. Enquanto permanecermos rebeldes, permanecemos sem arrependimento. Sem arrependimento, nós não estamos procurando nos reconciliar com Deus.

O Senhor disse o seguinte: “Porque eu não vim a chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento” (Mateus 9:13). Ele também afirmou: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me” (Mateus 16:24), e “qualquer de vós, que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14:33).

O argumento contra a *salvação pelo senhorio* é que ela parece fazer a salvação depender de algo a mais do que a fé em Cristo Jesus. Se devemos nos submeter a Cristo como Senhor, então isso significa que a salvação é pela fé *mais* a submissão. Não pode ser assim, dizem eles, porque a salvação é somente pela fé; exigir que nos submetamos a Cristo para a salvação é exigir algo além da fé. Fé é crer, e tudo o que é necessário para a salvação é que creiamos que Jesus existiu e morreu na cruz pelos nossos pecados. A salvação é para ser simples. Vamos fazer as pessoas confessarem que Jesus é seu Salvador primeiro, e depois podemos trabalhar

para fazê-las se submeterem a ele como Senhor, e assim o raciocínio segue.

A salvação é pela fé somente. Mas a salvação é somente para aqueles que sabem que estão perdidos. Como disse o Senhor: “Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido” (Lucas 19:10), e ainda: “Não necessitam de médico os sãos, mas, sim, os doentes.... Porque eu não vim a chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento” (Mateus 9:12-13).

A maior necessidade do homem é saber que ele tem uma necessidade. Em outras palavras, se não tivermos consciência de que somos pecadores, então obviamente, não enxergaremos que precisamos de um Salvador. Se a salvação é vista principalmente como um bilhete de entrada para o céu, então tudo o que é necessário para nós querermos a salvação é um desejo de escapar das chamas do inferno. Mas se a salvação é libertação do pecado e reconciliação com Deus através de Cristo Jesus, é necessário que percebamos que somos pecadores primeiro, para assim desejarmos libertação de nossos pecados. Se não estamos arrependidos de nossos atos de rebeldia, então não queremos ser salvos deles. Se não queremos o perdão e a libertação do poder do pecado (e isso é evidenciado por uma vontade de abandonar tudo, até mesmo nossas vidas), então nós não queremos a salvação que Cristo oferece no Evangelho.

O que devemos fazer depois de nos vermos como culpados perante Deus? O que devemos fazer quando estamos perturbados e com remorsos por haveremos pecado contra Deus? O que devemos fazer quando reconhecemos a nossa necessidade de Cristo e queremos segui-lo? O que devemos fazer se desejamos ser salvos dos nossos pecados? A resposta é simples — crer no Senhor Jesus Cristo.

Não devemos confiar na nossa justiça, mas, em vez disso, olhar para Cristo em busca de perdão e libertação das garras do pecado. Nós devemos crer no glorioso Evangelho — que Cristo, que era sem pecado, morreu pelos nossos pecados para que pudéssemos ser justificados diante de Deus no Amado.

Somente a fé nos salva, mas para estarmos em um estado de espírito onde desejamos a salvação, devemos parar de confiar em nós mesmos. Nós devemos perceber que somos pecadores e somos incapazes de nos justificar diante de Deus pela nossa justiça.

Assim, pelo arrependimento, reconhecemos a nossa culpa e, de forma contrita, nos voltamos de nossos pecados para Cristo, para o perdão. Pela fé, nós olhamos para Cristo em busca de perdão, onde temos certeza de que ele pagou tudo. É por isso que o Senhor disse: “Arrependei-vos, e crede no Evangelho” (Marcos 1:15).

Tecnicamente falando, o arrependimento e a fé não podem ser cronologicamente separados. John Murray esclarece isso:

A interdependência da fé e do arrependimento pode ser facilmente vista quando nos lembramos que a fé é a fé em Cristo para a salvação do pecado. Mas se a fé é dirigida para a salvação do pecado, deve haver ódio ao pecado e o desejo de ser salvo dele. Tal ódio ao pecado envolve arrependimento que, essencialmente, consiste em se voltar do pecado para Deus. Novamente, se nós nos lembramos que o arrependimento é se voltar do pecado para Deus, essa conversão para Deus implica fé na misericórdia de Deus segundo ela é revelada em Cristo. É impossível separar a fé do arrependimento.^[1]

Com uma visão baixa da salvação e uma visão elevada do homem, é natural pensar que um pouco de pressão e persuasão é

tudo o que é necessário para que as pessoas sejam convencidas a aceitar Jesus. Se tudo o que os pecadores precisam fazer é crer em um Jesus que deseja dar-lhes gratuitamente um bilhete de entrada para o céu, então não é de se admirar que as igrejas possam batizar tantas pessoas.

Por outro lado, se uma igreja tem uma visão alta da salvação e uma visão baixa do homem, tudo muda. Aqueles que são escravizados pelo pecado podem ser capazes de confessar que Jesus morreu na cruz por seus pecados, mas, à parte da obra do Espírito Santo, eles serão incapazes e indispostos a abandonar seus pecados. Os pecadores, pela sua própria natureza, sempre se amarão mais do que amam a Deus. Os pecadores são escravos tanto de sua vontade egoísta quanto do Diabo (Efésios 2:1-3), o que torna humanamente impossível para eles amar a Deus o suficiente para abandonar voluntariamente tudo por Cristo.

Ter amor por Deus e fazer certos sacrifícios é uma coisa, mas amar a Deus acima de todas as coisas é outra bem diferente. Desejar um Cristo que quer dar às pessoas sua “melhor vida agora” parece razoável o suficiente para a maioria dos frequentadores de igreja, mas desejar um Cristo que requer que os pecadores renunciem a tudo, até mesmo suas vidas, parece totalmente irracional. E pode ser fácil convencer alguém a repetir uma oração, especialmente com táticas de alta pressão e música emocional tocando calmamente ao fundo, mas despertar um pecador para sentir uma verdadeira contrição por ofender a Deus e fazer com que ele esteja disposto a desistir de sua vida é impossível.

Depois dos discípulos terem ouvido o Senhor explicar o alto custo do discipulado ao jovem rico, voltaram-se e perguntaram ao Senhor: “Quem poderá, pois, salvar-se?”. O Senhor respondeu dizendo: “Aos homens isso é impossível” (Mateus 19:25-26).

Como os pecadores são salvos então? Os pecadores são salvos somente pela graça. Felizmente, depois que o Senhor disse: “Aos homens é isso impossível”, ele continuou dizendo, “mas a Deus tudo é possível” (v. 26).

Como Deus salva os pecadores? O Espírito Santo regenera seus corações para que eles possam crer no Evangelho (João 3:5-8), pois o Evangelho é “o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (Romanos 1:16). Sem o poder salvador do Espírito Santo, os pecadores teriam permanecido mortos em suas ofensas e pecados. Somente Deus pode mudar os corações de pedra e trazer os pecadores rebeldes ao arrependimento e à fé em Cristo Jesus. “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Efésios 2:8). Embora Deus use, e até mesmo ordene, o seu povo a evangelizar os perdidos, é somente ele que pode levar as pessoas à fé em Cristo Jesus e, assim, dar crescimento à igreja (1 Coríntios 3:6).

Aderir a essa visão de Deus, do homem e da salvação muda tudo na igreja. Se é impossível mudar os corações dos pecadores por mera persuasão ou através da manipulação das emoções, e se é impossível para os pecadores negarem a si mesmos e se submeterem a Cristo como Senhor, sem a graça iluminadora do Espírito Santo, então a igreja deve se concentrar em proclamar a verdade — a única coisa que o Espírito Santo escolheu usar para salvar e santificar os pecadores.

A igreja não será julgada pelo número de batismos ou pelo tamanho de sua membresia, mas pelo quanto tem sido fiel ao ensinar todo o conselho de Deus. Sim, a igreja precisa ter uma profunda paixão pelas almas perdidas e deve procurar alcançá-las para a glória de Deus. Mas ela precisa lembrar que a melhor coisa que pode fazer pelas almas perdidas é pregar um Evangelho sem

mistura, que chama os pecadores a se arrependerem de seus pecados e a se reconciliarem com Deus pela fé em Cristo Jesus.

A igreja deve desejar crescer *numericamente*, mas não à custa do seu crescimento *espiritual*. Como nos lembra John Owen: “O grande objetivo da igreja não são números produzidos por nós, mas, pela graça, por crescer em Cristo”.^[2] Marketing, truques e entretenimento podem construir uma grande congregação, mas somente a verdade da Palavra de Deus edificará a igreja e purificará os seus membros para a glória de Deus.

A convicção central por trás deste livro é baseada em uma visão elevada de Deus e uma visão baixa do homem, porque a igreja fica de pé ou cai dependendo da visão correta de Deus, do homem e da salvação. Onde não há Evangelho, não há igreja! se queremos saber se uma igreja em particular tem a aprovação de Deus e está cumprindo sua missão, então devemos procurar ver como a igreja está tratando e proclamando o Evangelho de Jesus Cristo.

Uma visão adequada de Deus, do homem e da salvação tem muitas implicações sobre como uma igreja funciona. *Qual é o principal propósito da igreja? O que significa para uma igreja ser santa? Quais são as qualificações e responsabilidades dos membros da igreja? Como a igreja lida com a disciplina?* As respostas a essas perguntas nascem de uma visão bíblica de Deus, do homem e da salvação. O objetivo deste livro é mostrar como uma visão alta de Deus e uma visão baixa do homem devem moldar nosso entendimento da natureza, autoridade, propósito e adoração da igreja local.

PARTE 1

A Natureza da Igreja

Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor. No qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito.

Efésios 2:19-22



1

As Marcas da Igreja

O que é a igreja? Os cristãos são ordenados a se unir a uma igreja local? Quais são os privilégios e responsabilidades dos membros da igreja? Qual é a autoridade da igreja? O que é a disciplina da igreja, e como a igreja deve ser governada? Qual é o propósito da igreja? Quais são as atividades da igreja? Como a igreja deve se expressar no culto? As respostas a essas perguntas importantes não devem ser deixadas à opinião de alguém ou de suas ideias pragmáticas ou relativistas, antes elas devem ser respondidas a partir do fundamento seguro da Palavra escrita de Deus. O propósito deste estudo, portanto, é estabelecer o que a Bíblia ensina sobre a natureza, autoridade, propósito e adoração da igreja local.

Antes de podermos entender corretamente a autoridade, propósito e adoração da igreja, precisamos compreender a natureza da igreja. Em outras palavras, o que é “a igreja”? Há uma grande confusão sobre como responder a essa pergunta. Muitas vezes pensamos em centros de adoração como igrejas. No entanto, nem uma vez a Bíblia fala da igreja como um edifício físico. Capelas, catedrais, basílicas e santuários podem facilitar as atividades e a adoração da igreja, mas eles não são a igreja. Ao contrário, como procuraremos explicar neste primeiro capítulo, três marcas essenciais definem a igreja — *unidade, pureza e verdade*.

1. A Igreja é a Comunhão Unificada de Deus

O Senhor Jesus, em Mateus 16:18, foi o primeiro a usar a palavra *igreja* para descrever seu povo quando ele disse: “Edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. A palavra grega traduzida como igreja é *ekklesia*, que significa “assembleia” (veja Atos 19:32, 41). Contudo, quando Cristo usou a palavra *ekklesia* para falar sobre seu povo, ele elevou a palavra para significar mais do que apenas uma assembleia de pessoas comum. Ele elevou a palavra para significar a reunião particular de pessoas que ele pessoalmente edificaria. Embora alguns possam “plantar” o Evangelho pela evangelização de incrédulos, e outros possam “regar” o Evangelho ensinando os crentes, só Deus pode dar o “crescimento” (1 Coríntios 3:6-7). Isso quer dizer que, é o Senhor, e somente o Senhor, que acrescenta diariamente à igreja aqueles que estão sendo salvos (Atos 2:47).

Consequentemente, porque Cristo é o único que edifica a igreja, Cristo é o único a quem a igreja *pertence*. Cristo disse: “Eu edificarei a *minha* igreja” (Mateus 16:18, grifo do autor). Isto significa que a igreja não pertence aos pastores ou ao povo, mas ao Senhor. Isso é crucial de ser entendido. Cristo é o único proprietário da igreja. A palavra *igreja* comunica essa verdade. A palavra inglesa para igreja é “*church*”, que, por sua vez, é derivada da palavra grega “*kuriakon*”, o adjetivo neutro de *kurios*, que é traduzido por *Senhor*. A palavra *kuriakon* só é encontrada duas vezes no Novo Testamento e significa “pertencer ao Senhor” (veja 1 Coríntios 11:20; Apocalipse 1:10).

Uma das características identificadoras da igreja é que ela *pertence* ao Senhor; isto é, o que distingue a igreja de sociedades

seculares, clubes sociais e outras congregações religiosas é que a igreja é posse única de Deus. É por isso que é comum encontrar as frases *igreja de Deus* e *igreja de Cristo* repetidamente no Novo Testamento. Consequentemente, a igreja de Deus, como é definida na Bíblia, não é um grupo de descrentes que se reúnem em nome de Cristo, como Mórmons e Testemunhas de Jeová, mas trata-se do povo de Deus — aquelas pessoas particulares que foram chamadas por ele através da fé pessoal em Cristo.

O material que Deus usa para edificar a sua igreja é o seu povo redimido (Efésios 2:19-22). Pedro explica que os santos são as “pedras vivas” que compõem uma “casa espiritual” (1 Pedro 2:5). A pedra angular é Cristo, com as outras pedras basilares que consistem nos profetas e apóstolos (Efésios 2:20). Todas essas pedras são colocadas e entrelaçadas para formar uma *única* estrutura ou templo.

A igreja é comparada não só a um edifício ou a um templo, mas também a um corpo (Efésios 1:22-23). Assim como a metáfora de um edifício, a metáfora do corpo comunica que a igreja consiste de diferentes membros que estão unidos para formar uma única entidade. Sendo assim, a igreja tem múltiplos membros (1 Coríntios 12:14) que estão espiritualmente unidos e interligados em *um* corpo espiritual sob o único cabeça, Cristo Jesus (Colossenses 1:18-19). Desse modo, a igreja é uma só (Efésios 2:14).

A Unidade Invisível da Igreja Universal

No entanto, é importante notar que a unidade da igreja não se deve a alguma organização externa. Pelo contrário, a unidade do corpo místico de Cristo é um subproduto da comunhão e da união que todos os crentes compartilham na pessoa de Cristo pela fé.

Essa união com Cristo não é física ou visível, mas invisível e espiritual.

Em outras palavras, os crentes *não* são unidos a Cristo ao se unirem a uma igreja local. Ao contrário, eles são unidos a Cristo pela fé, e depois, são interiormente compelidos pelo Espírito e pela Palavra a se unirem a uma igreja local. Assim, somente os crentes são membros da igreja universal, e somente os membros da igreja universal são candidatos apropriados para a membresia da igreja local.

Somente quando estamos espiritualmente unidos a Cristo pela fé estamos unidos ao corpo invisível e universal de Cristo. Consequentemente, há somente um corpo invisível e universal de Cristo (Efésios 4:4), que é acessado pela união pessoal e espiritual com Cristo, o Cabeça da igreja, por meio da fé (Gálatas 2:20). Como João Calvino declarou: A igreja é chamada “católica”, ou “universal”, porque não poderia haver duas ou três igrejas a menos que Cristo fosse dividido — o que não pode acontecer! Mas todos os eleitos estão tão unidos em Cristo e, à medida que são dependentes de uma só Cabeça, também crescem juntos em um só corpo, sendo unidos e ligados como são os membros de um corpo. Eles se tornam verdadeiramente um, pois vivem juntos em uma só fé, esperança e amor, e no mesmo Espírito de Deus.^[3]

A fé não só nos uniu com Cristo, mas com todos aqueles que também estão unidos a Cristo. Essa união nos faz “um só corpo em Cristo” e “individualmente somos membros uns dos outros” (Romanos 12:5). No corpo de Cristo, não há divisão entre judeu e gentio, rico e pobre ou homem e mulher; somos todos um em Cristo Jesus (Gálatas 3:28; Efésios 4:4). Essa unidade não está apenas na identidade, mas na vitalidade da vida espiritual.

Cristo é a vida de todos os que creem. A vida que cada crente tem em Cristo, no entanto, é a própria vida que é compartilhada mutuamente por todos os crentes. Essa vida partilhada une cada cristão em uma única família espiritual. Segundo François Turretini: Entre os atributos da igreja, o primeiro é sua unidade, que flui de sua natureza. Visto que ela é uma sociedade santa e um corpo místico, que abrange todos os eleitos unidos no vínculo do mesmo espírito, fé e amor entre si e com Cristo, necessariamente deve ter uma certa unidade pela qual todos os seus membros podem ser mutuamente ligados”.^[4]

R.C. Sproul declarou: “Uma das realidades mais preciosas da fé cristã é a unidade que liga os corações e as almas de cada cristão não só com Cristo, mas uns com os outros”.^[5] Sproul continuou explicando que: Embora estar em Cristo seja intensamente pessoal e individual, nunca é individualista. Cada indivíduo que está pessoalmente unido a Cristo está, ao mesmo tempo, pessoalmente unido a cada outra pessoa que está em Cristo”.^[6]

Por esta razão, James Bannerman, em seu livro clássico sobre a igreja, afirmou: “A ideia primária e normal da igreja, tal como está exposta nas Escrituras, é inquestionavelmente a de um corpo de pessoas espiritualmente unidas a Cristo e, em consequência dessa união, uma com a outra, como são um com Ele”.^[7]

A Unidade Visível da Igreja Local

Porque a igreja é formada pelo povo de Deus, aqueles que foram espiritualmente unidos, os membros individuais são chamados a se congregarem (Hebreus 10:25). Essa unidade invisível e espiritual, como veremos no capítulo 3, constrange

interiormente o povo unido de Deus a se reunir voluntária e alegremente em assembleias locais.

Aqueles que têm relacionamento e comunhão com Cristo Jesus não podem deixar de ter relacionamento e comunhão uns com os outros. É a unidade invisível da alma com o Cristo invisível que compele os crentes que vivem em um corpo físico a se unirem externamente em assembleias visíveis e locais. A igreja local é simplesmente uma expressão externa da unidade interna que os cristãos têm uns com os outros em Cristo Jesus.

Foi por essa razão que Cristo usou a palavra *assembleia* (*ekklesia*) para descrever seu corpo (Colossenses 1:18). Essa palavra descreve corretamente a igreja porque uma das marcas definidoras da igreja é que ela consiste em pessoas que desfrutam de comunhão e companheirismo em um lugar (1 Coríntios 11:18, 14:23). Todos aqueles que Deus acrescentou à igreja, por exemplo, continuaram a se reunirem enquanto “perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações” (Atos 2:42). Por essa razão, o puritano inglês Benjamin Keach afirmou: Uma igreja é uma congregação de cristãos piedosos, que como uma assembleia definida... fazem por mútuo acordo e consentimento, a entrega de si mesmos ao Senhor, e uns aos outros, de acordo com a vontade de Deus; e ordinariamente se reúnem em um lugar determinado.^[8]

Os santos se congregam não só porque Deus uniu seus corações, mas porque ele projetou os cristãos para serem interdependentes. Isto é, eles se congregam porque não podem funcionar corretamente um sem o outro. Deus tem propositalmente dotado os cristãos de formas diferentes para que eles precisem uns dos outros para sua maturidade espiritual. Embora cada membro do corpo de Cristo receba sua vida e alimento do Cabeça, eles são designados individualmente para contribuir para o crescimento

espiritual de todo o corpo. Como o apóstolo Paulo explica: “do qual todo o corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor” (Efésios 4:16). Consequentemente, a igreja como um corpo unificado é projetado para crescer, mas somente em sincronia com o crescimento de suas partes individuais, enquanto elas operam juntamente.

Em outras palavras, Deus projetou a igreja de tal forma que cada membro do corpo é codependente. Como as partes internas de um relógio, cada membro é necessário para que a igreja funcione adequadamente. Cada membro do corpo de Cristo é necessário para o crescimento mútuo e edificação do todo. Assim como “o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti” (1 Coríntios 12:21), os cristãos não podem dizer que não têm necessidade uns dos outros. Agir isoladamente é como se o pé se separasse do resto do corpo e pensasse que pode saltar para o céu por si só.

Os membros se reúnem em assembleias locais para que possam trabalhar, desenvolver amizade e ter comunhão uns com os outros. Por esta razão, a igreja não é: *santos individuais e desconectados*; a igreja é a *comunhão dos santos*. Como João Calvino observou: “A comunhão dos santos... expressa o que a igreja é. É como se alguém dissesse que os santos estão reunidos na sociedade de Cristo com base no princípio de que qualquer benefício que Deus lhes confira, eles devem, por sua vez, compartilhar uns com os outros”.^[9] Da mesma forma, o puritano William Dell resumiu a natureza da igreja com estas palavras: A igreja é a comunhão dos santos, que é a comunhão que os crentes têm uns com os outros; não nas coisas do mundo, ou nas coisas do homem, mas nas coisas de Deus. Porque, assim como os crentes têm a sua união no Filho e no Pai, assim também eles têm a sua comunhão; e a comunhão que eles têm uns com os outros em Deus

não pode estar nas suas próprias coisas, mas nas coisas dele, como sua luz, vida, justiça, sabedoria, verdade, amor, poder, paz, alegria. Essa é a verdadeira comunhão dos santos, e essa comunhão dos santos é a verdadeira igreja de Deus.[\[10\]](#)

2. A Igreja é uma Santa Comunhão

A igreja não é apenas o povo unificado de Deus, a igreja é o povo santificado de Deus. Essa é a segunda marca essencial da igreja. Na verdade, a razão pela qual os santos estão unidos é que eles foram santificados em Cristo Jesus. O povo redimido de Deus foi santificado em Cristo Jesus pela verdade da Palavra de Deus (1 Coríntios 1:2). O povo de Deus foi chamado para fora do mundo de trevas e de pecado, e transportado para o reino do amado Filho de Deus (Colossenses 1:13). Eles foram lavados e santificados pelo sangue de Jesus Cristo (1 Coríntios 6:11). Consequentemente, eles são uma nação santa e um reino de sacerdotes que foram consagrados pelo Espírito Santo ao Senhor (1 Pedro 2:5, 9).

A verdadeira igreja é santa pela sua própria natureza. Como R.B. Kuiper declarou: “A santidade é a própria essência [da igreja]. Santidade constitui a igreja. A igreja é sinônimo de santidade”.^[11] Por que é que Kuiper associa a santidade à essência da igreja? Porque isso é o que a igreja é — santa. Kuiper prosseguiu dizendo: “[Santidade] não é apenas um mero ornamento que é acrescentado à sua glória, como um colar cintilante pode realçar a beleza de uma mulher. Não, a santidade é a sua própria essência”.^[12]

O grande objetivo da igreja, consequentemente, é crescer em unidade e em santidade. É o pecado que destrói a unidade, e assim Deus está buscando trazer seu povo para uma maior unidade, libertando-o da escravidão do pecado e santificando-o por sua verdade (João 17:17).

3. A Igreja é a Comunhão Sustentadora da Verdade de Deus

A igreja é “a coluna e firmeza da verdade” (1 Timóteo 3:15). Isso significa que a verdade não é algo que simplesmente adorna a igreja, mas algo que define a própria natureza da igreja. É por isso que a verdade é a terceira marca essencial da igreja.

Em primeiro lugar, a igreja está estabelecida sobre a verdade. O fundamento da igreja é a Palavra de Deus (Efésios 2:20). A igreja é construída sobre a verdade da Escritura. A igreja cresce conforme as pessoas são unidas ao corpo de Cristo pela fé. Contudo, a fé vem pelo ouvir, e o ouvir vem pela Palavra de Deus (Romanos 10:17). Em outras palavras, sem a Palavra, não há salvação, e sem salvação, não há igreja.

Em segundo lugar, a igreja é governada pela verdade. Cristo é a cabeça da igreja (Colossenses 1:18), e Cristo governa e dirige sua igreja através de sua Palavra (Mateus 28:20). Sem a Bíblia, a igreja seria deixada às suas próprias estratégias pragmáticas enquanto perambulava na escuridão até a sua própria morte. Felizmente, a igreja tem tudo o que precisa nas Escrituras para conhecer e realizar seus propósitos (2 Timóteo 3:16-17).

Em terceiro lugar, a igreja é santificada pela verdade (João 17:17). A igreja é chamada a ser santa e a amadurecer em santidade, e a santidade vem somente pela Palavra de Deus (Efésios 5:26). A igreja existe, além disso, para ser um instrumento de Deus para a santificação. Ou seja, é através da igreja que o povo de Deus é purificado e moldado à perfeita imagem do Senhor Jesus Cristo (Efésios 4:13).

Em quarto lugar, a igreja é a guardiã da verdade. A própria coisa que estabelece a unidade e a pureza dos santos, tem sido

confiado à igreja — a verdade (Judas 3). Como mordomos, a igreja é chamada a crer, obedecer, defender e proclamar a verdade.

Em quinto lugar, a igreja é a confessora da verdade. A missão da igreja é evangelizar incrédulos e discipular os crentes com a verdade da Palavra de Deus (Mateus 28:19-20). Por isso Martyn Lloyd-Jones declarou: “A tarefa principal da igreja e do ministro cristão é a pregação da Palavra de Deus”.^[13] A igreja deve se reunir para adorar a Deus comunicando a verdade através da pregação da Palavra de Deus, cantando a Palavra de Deus, orando a Palavra de Deus e vendo a Palavra de Deus na observação das ordenanças. Através desses métodos divinamente prescritos, a igreja realiza seu propósito de ser o que Deus designou que ela fosse — a coluna e firmeza da verdade.

E devido a isso que os reformadores e puritanos colocaram a pregação doutrinária e a observância das ordenanças como vitais à própria existência da igreja. Como o artigo 7 da Confissão de Augsburgo (1530) afirma: “A igreja é a congregação dos santos, na qual o Evangelho é corretamente ensinado e os sacramentos são corretamente administrados”. Da mesma forma, João Calvino disse: “Onde quer que vejamos a Palavra de Deus puramente pregada e ouvida, e os sacramentos administrados de acordo com a instituição de Cristo, ali, não há que se duvidar, existe uma igreja de Deus”.^[14]

A igreja vive pela verdade. Sem a verdade, a igreja deixa de existir. Em uma era pós-moderna onde a cultura é moldada pelo relativismo, subjetividade e pragmatismo, a igreja é a única luz que resplandece a verdade em meios às trevas.

Para realizar esse objetivo, Deus deu à igreja pastores e mestres para supervisionar o trabalho do ministério (Efésios 4:8-16). Consequentemente, a igreja local não está destituída de uma estrutura formal, membresia, liderança e disciplina. Pelo contrário,

como veremos no capítulo 5, Cristo prescreveu uma certa forma de organização e liderança à sua igreja. Deus tem chamado igrejas locais para serem conduzidas por seus líderes ordenados (Atos 20:28). Quando Paulo se dirigiu à igreja de Filipos, por exemplo, ele saudou não somente “todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos”, mas também seus “bispos e diáconos” (Filipenses 1:1). A igreja tem o poder de ordenar seus pastores e diáconos, assim como o poder de exercer a disciplina prescrita (Mateus 18:15-20). Sem a organização, liderança e disciplina prescrita a ela, uma igreja não está em submissão a seu Cabeça — Jesus Cristo.

Conclusão

O que é a igreja? Em poucas palavras, a igreja é a comunhão de Deus. Mas, para ser mais preciso, as três marcas essenciais da igreja precisam ser incluídas na nossa definição. A igreja é de Deus:

1. *A comunhão unificada*, que consiste de todos aqueles que foram invisivelmente unidos a Cristo e uns aos outros e que se manifestam visivelmente em assembleias locais, que comungam e trabalham juntos para seu próprio benefício individual e corporativo.

2. *A comunhão santa*, que consiste naqueles que foram separados pelo Espírito e estão sendo santificados e moldados à imagem perfeita de Jesus Cristo.

3. *A comunhão portadora da verdade*, que sob seus oficiais ordenados e disciplina, prega a Palavra e observa as ordenanças.

Em suma, se somarmos essas três marcas essenciais — *unidade, pureza e verdade* — a igreja é a comunhão dos santos, e consiste na união do povo santificado de Cristo, que se comprometeram a sustentar a verdade por meio de uma assembleia reunida com seus líderes ordenados, enquanto se dedicam a adorar a Deus pregando a Palavra, observando as ordenanças e exercendo a disciplina.

Entender a natureza da igreja é vital, porque é a natureza da igreja que determina a membresia, a autoridade, o propósito e a adoração da igreja. Assim como a igreja é santa e unida na verdade por sua própria natureza, assim também a igreja é chamada a ser santa e unida na verdade em seus participantes, propósitos e práticas.

Perguntas para Estudo

1. Quais são as três marcas da igreja?
2. Por que é que a igreja pertence ao Senhor?
3. Por que é que as seitas e religiões falsas não são uma igreja?
4. Por que é que um edifício físico não é uma igreja?
5. Como Cristo edifica a sua igreja?
6. Por que o Evangelho é o único meio de crescimento da igreja?
7. Como é que a igreja é unida?
8. Por que a igreja universal é invisível?
9. Por que os crentes são unidos a Cristo antes de serem unidos ao corpo de Cristo?
10. Por que a igreja invisível e universal se manifesta em assembleias visíveis e locais?
11. Por que os cristãos precisam uns dos outros?
12. Por que a santidade é uma das marcas da igreja?
13. Como a santidade deve impactar a membresia e a disciplina da igreja?
14. Como a igreja é a "coluna e a firmeza" da verdade?
15. Como as marcas da igreja devem moldar o propósito e a missão da igreja?
16. O que você pensa que a maioria das pessoas está procurando em uma igreja?
17. O que os crentes devem procurar ao escolher uma igreja?

2

A Membresia da Igreja

Deus chama seu povo para serem membros ativos e fieis de uma igreja local. Ir à igreja não é algo que deve estar espremido na agenda semanal do cristão; ao contrário, deve ser a atividade principal e o ponto focal da vida cristã. Entretenimento, hobbies, trabalho e família são secundários em relação à adoração a Deus na assembleia dos santos. Em outras palavras, os cristãos devem organizar seus horários em função da vida da igreja.

A principal razão para ir à igreja não é se tornar um melhor pai, cônjuge, trabalhador ou cidadão, mas, sim, adorar a Deus. Aqueles que só vão à igreja com o fim de serem capacitados para liderem melhor com os problemas da vida entenderam o propósito da igreja de forma equivocada. É claro que a igreja ajudará o cristão em todas as áreas da vida, mas o objetivo final do cristão não é a si mesmo, seu trabalho, sua família, *mas Deus*. Os cristãos devem ir à igreja para glorificar a Deus, e se Deus deve ser o centro da vida cristã (e o centro da família cristã), então a igreja deve ser o centro da agenda cristã.

Uma Aversão à Membresia da Igreja

No entanto, infelizmente, isso parece demasiado extremo para muitos cristãos professos. Mesmo se eles admitirem que a adoração tem prioridade sobre qualquer outra atividade da vida, muitos deles ainda sentem que podem cultuar a Deus separados de outros cristãos (por exemplo, em suas casas ouvindo ou assistindo um sermão online ou caminhando em um bosque) tão bem como poderiam fazê-lo em uma assembleia de santos.

Uma Aversão à Prestação de Contas

A individualidade e a liberdade pessoal do pós-modernismo têm influenciado o cristianismo contemporâneo. O crente pós-moderno enxerga a vida cristã, em sua maior parte, como algo independentemente do corpo de Cristo. E quando a frequência à igreja é levada em consideração, um determinado tipo de igreja que se enquadra na personalidade e nos desejos pessoais de cada um, deve ser correspondido. Os “jovens e inquietos” estão procurando uma igreja inovadora. Os idosos procuram um culto tradicional. Os pais estão à procura de um bom lugar para seus filhos. Os jovens estão à procura de atividades legais. Os adultos solteiros estão à procura do seu “amor”. Ver a igreja através da lente do “eu” leva as pessoas a julgarem uma igreja com base em quão bem a igreja satisfaz as suas expectativas pessoais.

Muitas igrejas têm agravado o problema, atendendo a esse tipo de individualismo. Para satisfazer o espírito livre do homem, o individualismo tem sido exaltado acima da comunidade corporativa, e criar uma atmosfera na qual as pessoas possam desfrutar de sua própria “experiência” individual se tornou mais importante para a igreja do que sustentar e promover seus padrões doutrinários e confissões. A “igreja” se tornou um lugar para as pessoas terem uma “experiência espiritual” em vez de ser um lugar de responsabilidade mútua e instrução bíblica para a interação corporativa. Consequentemente, as igrejas não têm mais uma membresia formal, mas simplesmente enxergam todos — crentes e não crentes — como participantes. A igreja se transformou em um restaurante de *fast-food*: entrar, comer e sair, sem compromissos.

Esse tipo de individualismo, é claro, está minando a membresia da igreja. Com uma visão baixa de responsabilidade, os cristãos começaram a acreditar que a membresia na igreja é opcional. Talvez, eles até enxerguem a membresia como uma coisa boa, mas não como uma necessidade bíblica. Muitas pessoas estão contentes em passar a vida inteira pulando de igreja em igreja ou simplesmente ficar em casa. A opção B é ir a um local de preferência pessoal, como por exemplo, um parque, para adorar a Deus à sua própria maneira ou ir até uma igreja, mas nunca se comprometer e se submeter a uma igreja local.

Uma Aversão ao Compromisso

Mesmo quando as pessoas se unem a uma igreja, não é de se esperar que permaneçam comprometidas e fiéis. As pessoas não estão mais deixando a igreja por causa de erro doutrinário ou de outras preocupações bíblicas, mas porque ouvem sobre toda a empolgação que vem da nova igreja que abriu no final da rua. Ao invés de permanecerem fiéis ao corpo de crentes com os quais se uniram, eles correm ansiosamente pela rua para se juntarem ao entusiasmo. As pessoas também pularão do barco se ficarem magoadas. Os pós-modernistas são rápidos em mudar de membresia mesmo pelo menor motivo. Já se foram os dias em que os cristãos permaneciam fiéis a uma igreja e procuravam resolver as suas diferenças com amor e humildade. O conselho de Paulo para Evódia e Síntique que “se reconciliem no Senhor” (Filipenses 4:2, versão do autor) já não tem mais valor. Agora ouvimos: “Você tem que encontrar uma igreja que seja certa para você”.

Acho que esse espírito descompromissado não é assim tão novo; até mesmo o teólogo puritano John Owen se queixava desses que ficavam saltando de igreja em igreja no final do século XVII: Também não aprovamos a prática daqueles que diante de qualquer falha nas questões relativas à igreja, se julgam, devido a isso, suficientemente justificados para se afastarem imediatamente de sua comunhão. Condenamos muito mais aqueles que se deixam guiar por suas próprias suposições e mal-entendidos, pois fazem de suas próprias concepções precipitadas a regra de todas as administrações eclesiásticas e da comunhão, e, a menos que estejam satisfeitos em todas as coisas, não podem ficar quietos em lugar algum.^[15]

Este tipo de independência é angustiante porque é contrário à verdade da Palavra de Deus e à unidade dos irmãos. Embora todos os cristãos tenham um relacionamento individual e pessoal com Cristo, eles também são chamados por Deus a viver o seu cristianismo dentro da comunidade do povo de Deus. O cristianismo é pessoal, mas não individualista. Na verdade, é seu relacionamento pessoal e invisível com Cristo que obriga os crentes a terem um relacionamento corporativo e visível uns com os outros. O mesmo Espírito que une os crentes a Cristo é o Espírito que une os crentes uns aos outros. Amar a Cristo é amar seu povo, e submeter-se a Cristo é submeter-se a uma igreja local.

Alguns cristãos que vivem a grandes distâncias de uma igreja sólida podem não ter outra alternativa senão ouvir sermões gravados em casa com outros crentes durante um tempo. Mas os cristãos nunca devem se contentar com isso como uma solução a longo prazo.

Alguns cristãos professos têm incontáveis desculpas para lidar de forma leviana com a membresia da igreja. Um espírito de individualismo está vivo e bem vivo. Uma aversão ao compromisso, submissão e responsabilidade também é prevalecente. No entanto, seja qual for a desculpa, a vida cristã não é projetada para ser experimentada de maneira independente da membresia fiel e ativa dentro de uma comunidade, de uma assembleia biblicamente organizada dos santos — a igreja local.

Razões para se Unir a uma Igreja

Se a igreja é o povo unido e santo de Deus a quem foi confiada a verdade (veja capítulo 1), então isso somente faz sentido se o povo de Deus se reunir em congregações locais. A Bíblia não vê a membresia da igreja como opcional para o crente. Embora você possa não achar que a membresia ativa da igreja seja tão importante, há pelo menos seis razões pelas quais envolver-se responsabilmente em uma igreja local é uma necessidade.

1. A Membresia da Igreja é Presumida no Novo Testamento

Algumas pessoas enxergam a igreja local como um clube social ou um tipo de associação de voluntários. A igreja, no entanto, não é uma sociedade de voluntários em que as pessoas são livres para aderir e sair segundo seu bel-prazer. Aqueles que pensam assim podem argumentar que a Bíblia não exige que os cristãos se unam formalmente a uma igreja local. No entanto, o Novo Testamento presume que os cristãos são membros de uma igreja local. Assim como o batismo, a membresia na igreja não salva os pecadores, mas também como o batismo, a membresia na igreja não é vista como opcional.

O Novo Testamento não define a igreja como uma sociedade voluntária. Em vez disso, a igreja é vista na Escritura como uma família. Uma família não é algo que alguém escolhe, mas é algo ao qual se une por nascimento — e nos unimos à igreja pelo *novo nascimento*. Por causa disso, Michael Horton afirma com razão: “Uma igreja não é um grupo de amigos que você escolheu; é um grupo de irmãos e irmãs que Deus escolheu para você”.^[16] Embora possamos ter que escolher (por causa da pluralidade de

congregações) a qual assembleia nos unir, escolher abandonar completamente a igreja não é uma opção bíblica.

Além disso, o processo orgânico e natural de salvação é (1.) a fé, (2.) o batismo e (3.) a membresia na igreja. Pois, foi essa sequência que Lucas registrou no livro de Atos: “De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas; e perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações” (Atos 2:41-42). Explicando isso, Jonathan Leeman diz: Do ponto de vista não cristão, uma igreja local é uma associação voluntária. Ninguém é obrigado a se unir. Do ponto de vista do cristão, no entanto, não é. Uma vez que você tenha escolhido Cristo, você também deve escolher o seu povo. Uma coisa leva à outra. Escolha o Pai e o Filho, e você tem que escolher a família inteira — o que você faz por meio de uma igreja local.^[17]

Além disso, o Novo Testamento foi escrito sob a suposição de que os cristãos são membros de igrejas locais, pois foi escrito principalmente não para indivíduos desconectados, mas para várias igrejas locais. Como Paulo se comunicava com os santos individuais? ele se comunicou com eles dirigindo suas cartas às igrejas e fazendo com que suas cartas fossem lidas em voz alta nas reuniões de suas assembleias (Colossenses 4:16).

Paulo escreveu suas epístolas, como, por exemplo, 1 Timóteo, com a suposição de que os crentes são membros de uma igreja local, e para que eles soubessem “como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo” (1 Timóteo 3:14-15). Se precisamos saber como devemos nos comportar na igreja, isso implica que somos membros de uma igreja. De fato, muitas das responsabilidades da vida cristã não podem ser realizadas independentemente da membresia de uma igreja. James

Bannerman entendeu isso quando declarou: Sozinho com Deus, devo perceber a Bíblia como se fosse uma mensagem dele para o meu eu solitário, destacado e separado dos outros homens, e sentindo minha própria responsabilidade individual em recebê-la ou rejeitá-la. Mas a Bíblia não para aqui: ela trata do homem, não apenas como uma unidade solitária na sua relação com Deus, mas também como membro de uma sociedade espiritual, reunida em nome de Jesus. Não é um mero sistema de doutrinas a serem cridas e preceitos a serem observados por cada cristão individualmente, independentemente e à parte dos outros: é um sistema de doutrinas e preceitos, designado e adaptado para uma sociedade de cristãos.^[18]

Em outras palavras, grande parte do Novo Testamento não pode ser devidamente compreendida e plenamente aplicada sem a existência da membresia da igreja.

Além disso, o apóstolo Paulo não estava contente em ver conversões individuais. Paulo era mais do que um evangelista; ele era um plantador de igrejas. Ele, ou trabalhava o tempo suficiente em um determinado local para estabelecer uma igreja local, ou enviava um companheiro de trabalho, como Silas ou Timóteo, para aquelas regiões até que fosse plantada uma igreja que pudesse governar a si mesma. Plantar igrejas era importante para Paulo, porque a maturidade dos santos era importante para ele. E se o apóstolo Paulo gastou tanta energia plantando e estabelecendo igrejas, por que qualquer cristão pensaria que eles estão isentos da necessidade de ser um membro ativo de uma igreja?

Então, por essas três razões — a igreja é uma família, o Novo Testamento foi escrito às igrejas e Paulo era um plantador de igrejas — o Novo Testamento presume que os cristãos são membros de uma igreja local. E se essa é a suposição das Escrituras, então deve

ser admitido que a membresia na igreja é um requisito bíblico para os crentes.

2. A Membresia da Igreja é Evidência do Novo Nascimento

Se a ordem natural é fé, batismo, então a membresia na igreja (Atos 2:41, 47), então essa membresia é evidência do novo nascimento. Por essa razão, Mark Dever diz: “Quando uma pessoa se torna cristã, ela não se junta apenas a uma igreja local porque é um bom hábito para crescer em maturidade espiritual. Ele se junta a uma igreja local porque é a expressão do que Cristo *fez dele* — um membro do corpo de Cristo”.^[19] Jay Adams chegou ao ponto de dizer: “A membresia na igreja era tão importante que Paulo e Silas batizaram o carcereiro filipense para que ele fosse inserido na membresia da igreja de Cristo à meia-noite com as costas de Paulo ainda ensanguentadas devido aos açoites recentes! ele nem sequer esperou até de manhã! A identificação com a igreja de Cristo é importante; sem ela, é preciso ser tratado ‘como um gentio e um publicano’”.^[20]

Por causa de sua união espiritual no corpo de Cristo, os cristãos são atraídos por uma força interna. Por essa razão, James Bannerman afirmou: Se não houvesse um comando ou direcionamento positivo exigindo que os cristãos se unissem e formassem uma sociedade unida pela profissão da mesma fé, a própria natureza do cristianismo forçaria tal resultado. Com base em sua profissão comum de serem cristãos, os homens se veriam imperceptivelmente atraídos por outros crentes por um poder irresistível; e, nos vínculos do mesmo Salvador e do mesmo Espírito, eles sentiriam e possuiriam um laço mais próximo do que o de parentesco, e uma relação mais sagrada do que a de sangue. Na alegria e na tristeza comum que os cristãos, e nenhum outro senão

os cristãos, compartilham, na única fé e no único Salvador em que eles se alegram juntos, nas mesmas esperanças e temores, no mesmo livramento do pecado e na mesma vitória através da salvação recebida e compartilhada, há uma união de um tipo mais íntimo produzida e consolidada, que para eles não é uma questão de escolha, mas de necessidade inevitável.^[21]

Os santos se amam, cuidam uns dos outros e se sentem mais próximos do céu quando estão juntos. No passado, e em certos países, a perseguição, a angústia e várias ameaças não podiam impedir os cristãos de se reunirem regularmente. Cristãos de antigamente se encontravam frequentemente nas florestas, nos campos, ou até mesmo em antros escuros ou cavernas. Eles não se importavam de viajar muitos quilômetros em condições difíceis. Tudo que eles sabiam era que amavam ao Senhor e desejavam se encontrar com os irmãos para adorar o Deus vivo coletivamente e desfrutar da comunhão dos santos. Se alguém não ama aos irmãos, mesmo em seu estado imperfeito e não glorificado, então devemos nos perguntar se essa pessoa realmente nasceu de novo na família de Deus (1 João 3:14).

3. A Membresia é Essencial para a Santificação

A razão pela qual ser membro da igreja é uma evidência do novo nascimento é que a Escritura ensina que quando os crentes estão unidos a Cristo pelo novo nascimento, eles também estão *mutuamente* unidos em um só corpo. Essa união não é meramente simbólica ou hipotética, mas é intencional na produtividade e funcionamento de cada cristão. Os cristãos estão entrelaçados de tal forma que não podem funcionar adequadamente separados uns dos outros (1 Coríntios 12). Portanto, a noção de que um cristão pode servir e agradar a Deus à parte do resto do corpo de Cristo

não é apenas uma concepção errada e orgulhosa, é uma impossibilidade.

4. A Membresia da Igreja é Essencial para Amar a Cristo

Cristo ama a igreja o suficiente para morrer por ela (Efésios 5:25). E embora a igreja ainda não esteja aperfeiçoada (Efésios 5:26-27), mesmo assim Cristo a ama. Portanto, como nós vamos amar a Cristo sem amar o que ele também ama? Como podemos dizer que amamos o Cabeça da igreja se não dissermos também que amamos o corpo de Cristo — mesmo em seu estado imperfeito? se você disser ao seu cônjuge que só ama a cabeça, mas não o corpo dele, isso é uma ofensa que não vai ser resolvida facilmente. Da mesma forma, ao amar a Cristo, somos chamados a amar a igreja. Por essa razão, concordo com Joel Beeke que perguntou: “Se o Senhor Jesus Cristo amou tanto a igreja que morreu por ela, será demais para ele pedir aos seus seguidores que amem a igreja e vivam por ela?”.^[22]

5. A Membresia da Igreja é Essencial à Obediência

A Bíblia deixa claro que devemos ser membros ativos de uma igreja local quando diz: “E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras, não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia” (Hebreus 10:24-25). Com essa ordem em mente, Charles Spurgeon abordou a necessidade de ser membro da igreja para aqueles que falsamente pensam que não precisam se submeter a um corpo local da igreja: Sei que aqueles que dizem: “Bem, eu me entreguei ao Senhor, mas não pretendo me entregar a

nenhuma igreja”. Eu pergunto: “Ora por que não?”. E eles respondem: “Porque sem isso eu posso ser um cristão tão bom quanto qualquer outro”. Eu digo: “Você foi realmente sincero quanto a isso? Você pode ser um cristão tão bom pela obediência às ordens do seu Senhor quanto pela desobediência a elas? Eu não acredito que você esteja correspondendo adequadamente ao propósito para o qual Cristo o salvou. Você vive sua vida de modo contrário ao que Cristo gostaria que vivesse e você é grandemente culpado pela ofensa que comete”.^[23]

Não somente a membresia na igreja é um mandamento direto, como também muitos outros mandamentos nas Escrituras não poderiam ser obedecidos sem que alguém fosse um membro ativo de uma igreja local:

- Não poderia obedecer aos pastores (Hebreus 13:17).

- Não poderia participar adequadamente da ceia do Senhor (1 Coríntios 10:17).

- Não poderia se reunir com outros cristãos para adoração corporativa (Colossenses 3:16).

Portanto, de acordo com Charles Hodge: “A independência de um cristão de todos os outros... é inconsistente com a relação em que os crentes estão uns com os outros, e com as ordens expressas nas Escrituras”.^[24]

6. A Membresia é um instrumento de Deus para Prestação de Contas

Ser membro da igreja é mais do que ter nossos nomes, números de telefone e fotos no rol da membresia da igreja. É mais do que apenas o reconhecimento externo de que escolhemos uma igreja particular para ser a nossa nova igreja. Compromissos sérios

e consequências graves estão relacionados à membresia da igreja. No coração da membresia da igreja está a responsabilidade. Somos chamados a nos comprometermos e a nos submetermos uns aos outros. A igreja é designada para ministrar, amar, cuidar e zelar pelos seus membros. Isso significa que cada membro tem a responsabilidade de amar e orar pelo corpo de Cristo.

Conclusão

Se saltarmos de igreja em igreja, e mudarmos nossa membresia daqui para lá muito casualmente, isso revela que não consideramos a membresia da igreja co-mo algo muito importante. O que está por detrás dessa mentalidade de “entrar e sair”? É a perspectiva de que a igreja deve ser tratada da mesma forma que o cinema local favorito. A igreja se tornou nada mais do que um evento para os espectadores, outro lugar ao qual se pode ir para se entreter aos domingos, sem compromisso.

O fato de Cristo ter morrido pela igreja deve incutir em nós uma visão elevada dela a ponto de a considerarmos mais do que apenas um local onde entramos e saímos aos domingos, após termos participado de certas atividades. Ser membro da igreja é algo que Deus requer do seu povo, e isso inclui se colocar sob os cuidados da igreja e sob o direcionamento dos pastores, comprometer-se a ser fiel na participação nos cultos e atividades e um apoiador regular do ministério, além de se tornar responsável pelo bem-estar espiritual dos outros membros do corpo da igreja. Cristo instituiu a igreja para os santos; evitando assim que eles vejam a si mesmos como mais sábios do que Deus (Mateus 16:18).

Outras razões poderiam ser dadas em favor da membresia da igreja, mas essas são mais do que suficientes para provar que Deus requer que seu povo viva a vida cristã de maneira ativa e fiel no contexto de um corpo local de crentes. Muito mais coisas precisam ser ditas sobre as bênçãos e responsabilidades dos membros da igreja, como as assembleias locais devem ser estabelecidas e governadas, e que funções elas devem desempenhar em suas reuniões organizadas, mas neste ponto do nosso estudo, fica claro

que a membresia da igreja não é opcional para os seguidores de Cristo.

Perguntas para Estudo

1. Estar comprometido e submetido a uma igreja local é opcional? Por que sim ou por que não?
2. Por que o culto e as atividades da igreja local devem ter prioridade em nossas agendas semanais?
3. Quais são algumas razões não bíblicas que as pessoas apresentam para não permanecerem fiéis a uma igreja local?
4. Por que a submissão a uma igreja é tão importante?
5. Por que a prestação de contas é tão importante?
6. Existe alguma razão aceitável para não se unir a uma igreja local? Explique:
7. Liste pelo menos três razões pelas quais os crentes devem estar comprometidos e submetidos a uma igreja local?
8. Por que se tornar membro da igreja é tão importante para os cristãos?
9. Quais são as razões justificáveis para deixar uma igreja local?
10. Como devemos deixar uma igreja?
11. Por que Deus requer que exista membresia em uma igreja local?

3

Os Deveres dos Membros da Igreja

Todo cristão tem tanto a responsabilidade como o privilégio de participar e compartilhar do dom espiritual que Deus tem dado à igreja. Todo cristão foi enxertado no corpo de Cristo e pessoalmente recebeu dons do Espírito Santo (Romanos 12:6) para ajudar no crescimento espiritual dos outros membros do corpo de Cristo (Efésios 4:16). Pelo fato de que a igreja, como a comunhão dos santos, é a portadora oficial da verdade de Deus, e é constituída por aqueles que foram santificados e unidos em Cristo Jesus, e que regularmente se reúnem para adorar a Deus por meio da observação das ordenanças e de ouvir a pregação da Palavra, os principais deveres e privilégios de cada membro da igreja é manter a *unidade* através de um amadurecimento *santo*, em nível pessoal e corporativo, e crescer no conhecimento da *verdade*. Em outras palavras, a prioridade de cada membro da igreja inclui três coisas básicas: *unidade, pureza e verdade*.

Unidade

A unidade dos cristãos é bela aos olhos de Deus. É mais do que a ausência de discórdia, pois inclui uma calorosa comunhão saturada de amor e boa vontade. “Oh!”, diz Davi, “Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união” (Salmos 133:1). Não há nada como adorar a Deus coletivamente com um coração e uma mente unânimes — é a coisa mais próxima do céu que encontramos na terra.

Essa unidade é estabelecida pela comunhão que os cristãos têm com Cristo Jesus. A igreja é um corpo unido por um Espírito (Efésios 4:5). Essa unidade é mais profunda do que um interesse compartilhado, pois está enraizada na vida espiritual que todo o povo de Deus compartilha em Cristo Jesus.

Portanto, “os cristãos não são exortados a criar uma unidade entre si”, disse Alan Stibbs, “como se, antes disso, não existisse nenhuma. Em vez disso, é dito a eles para se empenharem primeiro em preservar, e depois em dar expressão plena e madura à unidade do Espírito criada por Deus. Essa unidade, por sua própria natureza, é promovida e consumada quando os irmãos em Cristo desfrutam e expressam juntos sua comunhão com o único Senhor em um único Espírito”.^[25]

Mas, infelizmente, nem todas as igrejas experimentam tal unidade. Divisões, discórdias e “panelinhas” podem abundar nas igrejas. Isso acontece por causa de duas coisas. Primeiramente, como o trigo e o joio muitas vezes crescem juntos, os incrédulos estão misturados à membresia da igreja. Sem regeneração espiritual, não há unidade no Espírito. Em segundo lugar, embora os cristãos tenham uma nova natureza e estejam unidos a Cristo e um

ao outro, eles ainda lutam contra o pecado. Cristãos podem ser orgulhosos, duros e contenciosos. Onde quer que o rancor e o orgulho residam, a unidade terá dificuldade em prosperar. Portanto, porque não existe nenhuma igreja perfeita, cada membro da igreja é chamado a lutar contra o pecado e a trabalhar para manter “a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Efésios 4:3).

Os Membros Devem Ser Ativos e Fiéis em sua Participação na Igreja

A manutenção da unidade que Deus estabeleceu começa com a adesão ativa e fiel à membresia da igreja, pois Cristo não projetou a vida cristã para ser vivida de maneira isolada e separada dos outros membros do seu corpo espiritual. A vida espiritual e os dons são designados por Deus para serem exercidos dentro do contexto da igreja local. Ao nos unirmos a Cristo, tornamo-nos unidos aos outros membros do corpo de Cristo (Romanos 12:5). Isso significa que nosso próprio crescimento e maturidade espiritual estão interconectados com o crescimento e maturidade espiritual do corpo de Cristo. De acordo com Alan Stibbs: “Membros diferentes complementam uns aos outros. Eles são destinados a compreender e desfrutar a vida em Cristo juntos, e no serviço uns dos outros”. Por essa razão, Stibbs afirmou: Como cristãos, só podemos viver adequadamente e crescer até à plena maturidade, ao cumprirmos serviço que Deus designou para nós, por meio de uma cooperação ativa com os nossos companheiros cristãos. Cada membro do corpo de Cristo, a igreja, tem a sua própria e necessária contribuição para o bem-estar do todo. Ninguém pode ser desprezado ou desconsiderado sem que isso resulte em danos e perdas para o corpo inteiro.^[26]

E se precisamos da igreja para viver e amadurecer adequadamente, então precisamos ser ativos e fiéis aos propósitos e à vida da igreja. “Um membro inativo da igreja”, segundo Joel Beeke, “é uma contradição de termos. Se nós não valorizamos a igreja e enxergamos a membresia como um grande privilégio, precisamos questionar se somos realmente parte da igreja”.^[27]

Os cristãos são ordenados a manterem a comunhão com os santos (1 João 1:7) e a não abandonarem a congregação local (Hebreus 10:25). Portanto, quando os cristãos deixam uma igreja para cultuar em casa, eles estão falhando em manter a unidade do Espírito.

Os Membros Devem Servir Uns aos Outros

Não só precisamos dos dons espirituais de outros cristãos, mas outros cristãos também precisam dos nossos dons espirituais. E se outros precisam do que Deus nos deu, então nós somos responsáveis por ajudá-los (Romanos 12:3-8). “Todo cristão”, afirmou o renomado teólogo de Princeton, Charles Hodge: “é responsável em sua fé e conduta para com seu irmão no Senhor, porque ele constitui com eles um só corpo e possuem uma fé e uma vida em comum”.^[28] Em outras palavras, Deus não nos chamou ou capacitou para nos concentrarmos em nós mesmos. Pelo contrário, Deus nos chamou para usar nossos dons e recursos em prol do crescimento do seu corpo. Essa é uma responsabilidade nossa, como Don Whitney explica, a respeito de servir à igreja: Quando Deus cria partes do corpo, seja para corpos físicos ou espirituais, ele as cria para desempenharem uma função específica em um corpo específico. Independentemente do seu nível educacional, QI, experiência ou talentos, se você é um cristão, há uma função na igreja que Cristo intencionou para você. Você está lá por uma razão,

e não apenas por si mesmo e pelo que pode obter da igreja. O plano de Deus para a igreja envolve que cada membro ministre ao restante da igreja. Pois dessa forma cada um de nós supre algo de Cristo aos outros.^[29]

Portanto, temos o dever de viver para o Senhor, não apenas para nosso próprio proveito espiritual, mas também para o proveito de nossos irmãos e irmãs em Cristo. Portanto, não é uma coincidência que os membros do corpo de Cristo tenham sido capacitados com dons de forma variada e diferente. E estes dons espirituais diferentes não devem ser desperdiçados em um autoconsumo egoísta. Os cristãos usam mal a medida da graça que lhes foi concedida por Deus, quando se abstêm da comunhão dos santos e permanecem inativos no corpo de Cristo. Desse modo, cada membro do corpo deve desempenhar sua função e exercer seus dons espirituais para o benefício geral do corpo (Romanos 12:3-8). Como disse o apóstolo Paulo, “Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros” (Filipenses 2:4).

O benefício para cada membro do corpo de Cristo é enorme. Tudo o que o pé precisa fazer é ajudar o corpo a andar, e em troca, o pé tem os olhos para ajudá-lo a ver, a mão para ajudá-lo a trabalhar e o resto do corpo, ligado à sua Cabeça que lhe dá vida — Jesus Cristo — para ajudá-lo a se tornar um homem completo, sem falta alguma. Como esses dons de Deus são designados para a edificação do corpo de Cristo, então a igreja local, a única realidade visível e tangível desse corpo, é o cenário adequado para os cristãos exercerem seus dons (Romanos 12; 1 Coríntios 12). Assim, cada membro da igreja é chamado por Deus para amar (1 Pedro 1:22), cuidar (1 Coríntios 12:24-26), orar (Tiago 5:16), honrar

(Romanos 12:10) e submeter-se (Efésios 5:21) uns aos outros como ao Senhor.

Os Membros Devem Amar e Honrar Uns aos Outros

É fácil semear contenda e discórdia na igreja. Mas aí daqueles que plantam tais sementes perversas na vinha de Deus. Deus odeia o pecado, e é pecado — um grande pecado — semear “contendas entre irmãos” (Provérbios). Tudo o que divide o povo de Deus e prejudica a unidade da igreja é certamente um pecado grave. Se nos é ordenado que mantenhamos a unidade, devemos perceber que pecamos contra Deus quando iniciamos a discórdia entre os santos.

Sendo assim, Paulo nos exorta: “andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Efésios 4:1-3). Aqui estão listados muitas das características necessárias para a unidade: humildade, mansidão, longanimidade e amor. O mandamento é que utilizemos essas características para “guardar a unidade do Espírito”. Essa exortação implica que a unidade não pode ser dada como certa. Ainda existe egoísmo dentro de todos nós, e o pecado continuará a ocorrer dentro da igreja. É por isso que longanimidade, perdão e amor são atributos necessários para os santos. Se não houvesse egoísmo e hipocrisia na igreja, não haveria necessidade de longanimidade e perdão por muito tempo. No entanto, a longanimidade e o perdão são necessários porque o perigo da discórdia e das facções está sempre presente. Todos nós somos chamados a exhibir e mostrar o fruto do Espírito porque fomos encarregados por Deus de fazer tudo o que pudermos para manter a unidade que foi estabelecida pelo Espírito.

Se desconsiderarmos essa obrigação, estaremos vivendo em pecado.

Com isso em mente, nós devemos guardar nossos corações. Antes que a discórdia irrompa abertamente, ela primeiramente acontece no interior. Uma vez que nos tornamos críticos e infelizes com algumas coisas — se não lidarmos adequadamente com nossas preocupações — começaremos a procurar por problemas. E assim que começarmos a procurar problemas, as comportas se abrirão, e veremos ofensas por todos os lados. Embora não possamos abandonar a igreja imediatamente, nossas afeições já começaram a se afastar da congregação. Embora ainda participemos do corpo, nossos corações já saíram. Lentamente, mas gradualmente, começaremos a faltar às atividades da igreja, até nos removermos por completo — causando uma ruptura na unidade da igreja.

Devemos lembrar que é pecado abrigar animosidade para com um irmão da igreja e não buscar a reconciliação (Provérbios 10:18). Ficar ofendido secretamente e não procurar perdoar leva à separação de amigos e rompe a unidade da igreja. Portanto, devemos ter o cuidado de guardar os nossos corações contra todas as formas de ressentimento, inveja e orgulho. Devemos cultivar um amor pelos nossos irmãos e nunca permitir que amarguras ou contendas destruam nossas afeições pelo povo de Deus.

Um espírito crítico é contagioso. Ele pode se espalhar rapidamente por toda a congregação. Queixas sutis, mesmo quando legítimas, muitas vezes geram descontentamento, e o descontentamento frequentemente se espalha até causar uma divisão dentro da igreja. Embora possa haver preocupações legítimas, essas queixas podem ser mal interpretadas e causar discórdia.

Por vezes isso começa com uma simples preocupação, mas a preocupação logo se transforma em fofoca. Ao invés de procurar lidar com o problema biblicamente, o problema é, muitas vezes, comunicado a outros. Além disso, é natural para nós, quando ouvimos críticas, responder com nossas próprias críticas. Nós nos tornamos críticos, e nossos espíritos críticos influenciam os outros a serem críticos. Não só pecamos em nossos próprios corações, mas também temos levado os outros a esse mesmo pecado. Deixamos de promover a unidade, e ao invés disso passamos a semear sementes de discórdia entre os santos.

Não é errado ter preocupações, mas uma vez que temos prazer em apontar falhas e em compartilhá-las com os outros, nós falhamos em agir em amor. Temos falado contra nossos irmãos, e isso é uma transgressão contra a lei de Deus (Tiago 4:11). Os problemas menores devem ser relevados — pois o amor cobre tais coisas (1 Pedro 4:8). Quando as preocupações de fato precisam ser tratadas, elas devem ser dirigidas somente às pessoas que estão diretamente envolvidas. Isso deve ser feito com o espírito de humildade, com o desejo de resolver a questão e com o objetivo de fortalecer a unidade do Espírito (Gálatas 6:1).

Deixar a igreja pela porta dos fundos sem procurar resolver as diferenças também não é uma boa solução. Embora alguns possam pensar que estão procurando não perturbar a unidade da igreja, saindo em silêncio, eles ainda estão saindo com diferenças não resolvidas sem qualquer oportunidade para uma resolução bíblica. Se é desrespeitoso abandonar uma amizade sem buscar a pacificação, é ainda mais desrespeitoso deixar uma igreja sem primeiro procurar resolver as diferenças que possam existir. Infelizmente, muitos são demasiado precipitados para deixar uma igreja.

Uma maneira de manter a unidade quando ouvimos outros reclamarem da igreja é redirecionar essa crítica com palavras de graça. Paulo nos ordena que devemos não deixar sair “da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem” (Efésios 4:29). Esta ordem é para ser implementada em todas as situações. Se nossa comunicação não procura ajudar os outros em sua caminhada com o Senhor, então devemos abster-nos de falar até que o Espírito e sua Palavra reajustem nossos corações.

Assim, quando um irmão da igreja começar a sussurrar ao nosso ouvido, não há necessidade de dizer a essa pessoa que ela está em perigo de fofocar. Nós só precisamos redirecionar a conversa. Uma das melhores maneiras de redirecionar a fofoca é dizendo: “Você está preocupado com o João? Nós amamos o João. Você já falou da sua preocupação com ele? se ainda não, ficarei feliz em ir com você”. Isso normalmente é efetivo. Independentemente disso, o objetivo é sempre responder de uma forma que procure reconciliar e edificar nossos preciosos irmãos e irmãs — ao invés de derrubá-los. Se nós, no entanto, entrarmos nos seus mexericos, nós compartilhamos da culpa deles. É nosso dever é não apenas procurar defender a honra dos nossos irmãos e irmãs, mas também ajudar os outros a se absterem de calúnias.

Por essa razão, somos ordenados a sentir “o mesmo, tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa. Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo” (Filipenses 2:2-3). Em suma, devemos nos amar “cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros” (Romanos 12:10).

Pureza

Embora a fé seja o único requisito para se juntar ao corpo universal de Cristo, algo mais deveria ser necessário para se juntar a uma igreja local — uma santidade visível. Uma vez que a igreja invisível se manifesta numa sociedade local e visível, então alguma forma externa de afirmação é necessária para reconhecer quem de fato pertence à sua irmandade; ou seja, a fé deve ser demonstrada de forma tangível para que alguém possa se unir a uma igreja local. Porque a igreja local não pode ver o coração, ela deve julgar a profissão de alguém por suas obras de fé. John Owen identificou o requisito para ser membro da igreja local como “uma profissão dupla, uma por *palavras* e a outra, por *obras*”.^[30] Em outras palavras, uma pessoa precisa não apenas de uma profissão de fé, mas de uma vida que esteja de acordo com essa profissão (Mateus 3:8).

Em termos práticos, as igrejas locais são responsáveis por reservar as suas membesias somente para aqueles que mantêm seu testemunho cristão. Joel Beeke diz: “É um escândalo quando as igrejas listam dezenas e, frequentemente, centenas de famílias em seu rol de membros que raramente frequentam cultos de adoração e demonstram não possuir nenhuma fé pessoal em Cristo e nem qualquer relacionamento vivo com Ele”.^[31]

Os Membros Devem Viver Vidas Santas

Segue-se que a membresia na igreja é exclusivamente para crentes cujas vidas estão de acordo com o seu testemunho. Como o livro de Tiago claramente ensina, a única maneira de a igreja ver

essa fé interior é observando uma vida transformada — uma vida que é caracterizada pela obediência a Deus e amor aos irmãos.

Os Membros Devem Estimular a Santidade nos Outros

A santidade pessoal não é benéfica apenas ao indivíduo, mas também ao corpo de Cristo. Os membros da igreja que estão vivendo zelosamente para o Senhor ao longo da semana servirão de maior benefício para a igreja no domingo do que aqueles que estão contaminados pela praga do mundanismo. Portanto, devemos ter em mente que temos a responsabilidade de viver uma vida santa, não apenas para nós mesmos, mas para os outros. Se somos chamados a promover a santidade nos outros, ela começa por vivermos nós mesmos uma vida santa. Esse dever inclui também as nossas palavras. Somos chamados a encorajar, repreender e orar pelos outros em nossa busca comum de santidade. Porque o Senhor nos chamou a considerar “uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras” (Hebreus 10:24).

Os Membros Devem Participar das Ordenanças da Igreja

Uma razão pela qual os crentes devem ser batizados é que isso demonstra à igreja sua vontade de serem submissos a Deus (Atos 2:38). E a ceia do Senhor é reservada somente para os crentes que estão em boa relação com o corpo de Cristo (1 Coríntios 11:24). Sem fé em Deus e consciência limpa para com o homem, os membros devem se abster de comungar, o que diz respeito a nossa comunhão e companheirismo com Cristo e seu corpo.

Os Membros Devem Cumprir a Disciplina da Igreja

As Escrituras também ensinam que os membros da igreja são obrigados conduzir a disciplina daqueles que caem em pecado habitual ou não arrependido (2 Tessalonicenses 3:14-15). Se um membro da igreja está vivendo em pecado e se recusa em atender à admoestação da igreja, a igreja é obrigada (pela autoridade de Cristo) a disciplinar o membro não arrependido na esperança de restauração (Gálatas 6:1).

Verdade

A sã doutrina não é apenas uma preocupação dos pastores, é também responsabilidade de cada membro da igreja. Os membros individuais da igreja são chamados a crescer em unidade e pureza através do crescimento no conhecimento da verdade (Efésios 4:13-16). Assim, todos nós somos chamados a abraçar, confessar, guardar e promover a verdade como aqueles que foram redimidos e transformados pela verdade.

Os Membros Devem Confessar a Verdade

Cada membro é obrigado a crer e confessar a verdade do Evangelho. Isso é inegociável. O Evangelho de Jesus Cristo consiste nas verdades essenciais que devem ser cridas para que alguém seja reconhecido e tratado como um cristão.

O Evangelho inclui as doutrinas que salvam a alma e que devem ser abraçadas para que alguém se torne um cristão, tais como: a divindade, a humanidade, a ausência de pecado, a morte, a ressurreição, a ascensão e o retorno de Jesus Cristo. Algumas verdades não podem ser rejeitadas ou desacreditadas sem que isso resulte nas mais severas consequências. É por isso que cada pessoa deve professar fé no Cristo histórico da Bíblia para que lhe seja permitido ser membro de uma igreja.

Os Membros Devem Ser Estudantes da Verdade

Cada membro da igreja é chamado para ser um amante e um estudante da verdade. Doutrina é para todo crente. Isso acontece por que todo crente vive pela fé (Romanos 1:17), e “a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (Romanos 10:17). Os crentes não

somente são justificados pela fé (Romanos 5:1), eles são santificados pela fé (Atos 26:18). Sem fé é impossível agradar a Deus (Hebreus 11:6). E para que nossa fé cresça, nosso conhecimento da verdade deve crescer. Dessa maneira, cada membro da igreja é chamado a ser um estudante da Palavra.

Os Membros Devem Ser Transmissores da Verdade

Além de estudar a Palavra de Deus, somos chamados a transmitir a sua Palavra. Isso inclui não só evangelizar os perdidos, mas também a comunhão com os santos. A conversa espiritual entre os santos é vital para a saúde espiritual da igreja. Como o ferro afia o ferro, os santos afiam uns aos outros exortando e encorajando uns aos outros na verdade (Provérbios 27:17). Devemos nos dirigir uns aos outros “em salmos, e hinos, e cânticos espirituais; cantando e salmodiando ao Senhor em nosso coração” (Efésios 5:19), e devemos consolar (1 Tessalonicenses 4:18), exortar (Hebreus 3:13), admoestar (Romanos 15:14) e edificar uns aos outros (1 Tessalonicenses 5:11). Muito do trabalho do ministério vem dos membros individuais falando e cuidando uns dos outros.

Os Membros Devem Apoiar Financeiramente a Verdade

O ministério do púlpito é da responsabilidade de cada membro. Nós somos chamados a pregar aos outros ou chamados a apoiar financeiramente aqueles que pregam para nós. Deus designou pastores, os quais devem se dedicar à pregação, para serem apoiados financeiramente pela igreja. Embora alguns pastores, por necessidade, sejam bivocacionados, o ideal é que eles sejam integralmente apoiados pela igreja para que possam se comprometer a orar e administrar a Palavra (Atos 6:4). E se os pastores devem dedicar suas vidas à oração e à preparação e pregação do sermão, é responsabilidade da igreja apoiá-los

(Gálatas 6:6), pois “assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o Evangelho, que vivam do Evangelho” (1 Coríntios 9:14).

Isso não consiste apenas em mais uma responsabilidade financeira da igreja, mas é a *principal* responsabilidade financeira dela. Embora as igrejas possam ter outras despesas, tais como gastos de construção e custos operacionais, a única despesa que as Escrituras ordenam para a igreja é o sustento de seus ministros.

Isto faz com que seja responsabilidade de cada membro apoiar a obra do ministério. Embora seja uma bênção ajudar os pobres, ou doar ao nosso ministério paraeclesiástico favorito, ou apoiar diretamente um missionário, a nossa principal obrigação é apoiar o ministério da nossa própria igreja local. Pois o apóstolo Paulo diz: “Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito que de vós recolhamos as carnis?” (1 Coríntios 9:11). Em outras palavras, é nosso doar materialmente para aqueles que nos estão doando espiritualmente.

Conclusão

É óbvio, portanto, que a membresia da igreja deve ser levada a sério. A igreja não é um cinema onde podemos entrar e sair a nosso bel-prazer, sem qualquer compromisso. Ao contrário do cinema, a igreja é um lugar sagrado de responsabilidade e prestação de contas.

Poderíamos encarar todas essas responsabilidades como um fardo, mas isso seria inútil, além de uma concepção errada. Ao invés disso, devemos encarar essas responsabilidades como privilégios. Amar e servir o corpo visível de Cristo na terra é amar e servir o Cristo invisível no céu. Isso inclui beneficiar os outros e ser beneficiado por eles.

Que alegria e privilégio é ser um membro da igreja de Cristo. É por isso que Martyn Lloyd-Jones disse: “Temos que reavivar a ideia de que ser membro da igreja é ser membro do corpo de Cristo e a maior honra possível a um homem neste mundo”.[\[32\]](#)

Perguntas para Estudo

1. Por que é que ser membro da igreja é mais do que apenas frequentar à igreja?
2. Os cristãos têm responsabilidades para com sua igreja local?
3. Onde os nossos dons espirituais devem ser usados principalmente?
4. O que significa lutar para manter a unidade do Espírito?
5. Por que a humildade e o amor são tão importantes para manter a unidade da igreja?
6. Por que a santidade pessoal é uma responsabilidade para com a igreja?
7. Como a nossa falta de santidade afeta a santidade de nossas igrejas locais?
8. Como nós, enquanto indivíduos, podemos sustentar a verdade dentro de nossas igrejas locais?
9. Por que apoiar financeiramente a sua própria igreja local é um mandamento bíblico?

PARTE 2

A Autoridade da Igreja

Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu.

Mateus 18:18



4

O Poder e a Disciplina da Igreja

Deus concedeu poder e autoridade à igreja. A igreja não é uma associação fraca de pessoas que se reúnem por iniciativa própria e que definem seus próprios objetivos e regulamentos à medida seguem adiante. A igreja não é um clube social criado pelo homem e que cria suas próprias regras de administração. Ao contrário, a igreja é uma instituição divina e santa, equipada por Deus e sustentada pelo seu Espírito. A igreja local é um organismo vivo que recebeu autoridade e poder de Deus para executar e cumprir seus propósitos prescritos e exercer a disciplina, quando necessário.

Embora a igreja não tenha o poder de escrever e prescrever novas doutrinas, leis e ordenanças (já que esse poder pertence somente a Cristo), ela tem o poder de proclamar e cumprir as doutrinas, leis e ordenanças de Cristo para assegurar que os membros de Cristo estejam andando em fé e obediência.

O Poder da Igreja

Deus *não* deu à igreja a autoridade para fazer o que ela quer. A igreja *não* tem permissão para criar seus próprios objetivos, para realizar seus próprios desejos e funcionar por meio de regras elaboradas por ela mesma. A igreja *não tem o direito* de obrigar a consciência de seus membros a regras e objetivos criados artificialmente por homens. O poder legislativo pertence ao Cabeça da igreja, Cristo Jesus, e somente a Ele.

Sem Cristo, a Igreja não Possui Autoridade

Se a igreja abandona a Grande Comissão (Mateus 28:16-20) para redirecionar sua energia e recursos para questões sociais, a igreja não mais funcionará sob a autoridade e poder de Deus. Consequentemente, quando as igrejas estão mais interessadas em agradar ao homem do que em agradar a Deus, elas não funcionarão mais com a autoridade de Deus.

E, quando as igrejas funcionam à parte da autoridade de Deus, elas deixam de funcionar com o poder de Deus. Embora suas portas possam permanecer abertas e seus bancos possam permanecer cheios, seu poder espiritual e eficácia serão esgotados. A regeneração e santificação, que são o resultado do poder sobrenatural do Espírito trabalhando por meio da Palavra, serão substituídas por falsas profissões de fé e pelo cristianismo carnal, o resultado de homens usando artifícios carnavais e técnicas fabricadas por homens. A pregação poderosa será trocada por discursos motivacionais e sem vida, e as reuniões de oração efetivas serão substituídas por algumas petições desonestas e ineficazes. Talvez subsista alguma forma de piedade, mas o poder e a presença do Espírito está ausente das igrejas que não se submeterem à Palavra de Deus.

Isso acontece quando as igrejas falham em pregar e ensinar todo o conselho de Deus. Quando o foco da igreja se torna “igrejar” os que estão sem igreja, não demora muito para que ela se torne falha em seu poder. Como é que isso acontece? A igreja abusa de sua autoridade quando direciona suas atividades para agradar possíveis visitantes. Quando o propósito da igreja se torna impulsionado pelas exigências do “freguês”, então o consumidor é

quem detém as chaves da igreja. A igreja busca saber o que as pessoas querem, e então procura atender seus desejos. quando vemos que as igrejas estão substituindo a Bíblia pelos resultados de pesquisas, não é de admirar que os de fora tenham tão pouca consideração pela autoridade da igreja — o consumidor sabe quem é que realmente está no comando.

O crescimento numérico pode iludir essas igrejas a pensar que Deus ainda está abençoando seus esforços, mas a crescente “mundanização” de seus membros, e o entretenimento em seus cultos revela que elas são meramente clubes religiosos destituídos de poder e disfarçados de igrejas do Deus vivo. Embora as igrejas possam crescer mais rapidamente edificando com madeira, feno e palha, tais técnicas de crescimento de igrejas não construirão uma igreja que suportará o fogo do julgamento de Deus (1 Coríntios 3:13).

A Igreja Possui Autoridade Quando se Submete a Cristo

Embora a igreja não tenha autoridade e poder em si mesma, a igreja tem autoridade e poder divino quando está submissa à Palavra de Deus. Com que autoridade a igreja pode esperar realizar seus importantes propósitos, ordenanças e disciplina? Por nada menos do que pela autoridade da Palavra de Deus escrita. Cristo é a cabeça e o governante divino da igreja, e sua Palavra é a única regra autoritativa dela. Se alguém se pergunta quem deu autoridade à igreja para realizar suas atividades, a resposta é simples, mas profunda — o próprio Deus.

É Cristo quem diz aos santos para não abandonarem a igreja local. É Cristo quem diz a essas assembleias locais como devem se organizar e se estruturar. É Deus quem diz a essas assembleias organizadas que precisam de uma pluralidade de líderes. É Cristo quem diz a eles o que devem fazer quando se reúnem. É Cristo que chama os membros da igreja a serem submissos uns aos outros. É Cristo que diz a essas assembleias para praticar a disciplina. Em resumo, é Cristo quem governa a sua igreja.

Portanto, se uma igreja local quer funcionar com a autoridade e o poder de Deus, ela deve funcionar sob a autoridade da Escritura. Ela deve obedecer a Deus. Ela deve manter seus membros em conformidade com a Palavra de Deus. Isso acontece por que as igrejas só têm autoridade quando se submetem à autoridade de Deus. Em outras palavras, a igreja deve estar sob a autoridade para ter autoridade. Consequentemente, as igrejas devem se abster de serem influenciadas pelos ventos sempre mutáveis da cultura e tomar uma posição firme sobre a rocha da Palavra de Deus, que permanece e é imutável. Elas devem buscar realizar os interesses

de Deus seguindo o caminho de Deus, caso desejem ter o poder de Deus.

Portanto, quando uma igreja faz o que Deus diz para ela fazer, ela age com autoridade e poder divino. E com tal autoridade e poder, as portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mateus 16:18). Sua pregação será autoritativa, suas reuniões de oração serão eficazes e a sua disciplina será exercida por que todas essas atividades são sancionadas e fortalecidas pelo próprio Deus. Em resumo, onde nós encontramos igrejas verdadeiras, encontramos Deus.

Os cristãos são obrigados a estarem em submissão a uma igreja local que está em submissão a Deus. Os filhos são chamados a obedecerem aos seus pais (Efésios 6:1), as esposas são chamadas a estarem em submissão aos seus maridos (Efésios 5:22), e os cristãos são chamados a prestar contas aos seus pastores (Hebreus 13:17). Estar em desarmonia com a igreja de Deus é estar em desarmonia com Deus. Desconsiderar os seus membros, negligenciar os seus cultos de adoração, desdenhar da sua disciplina e rejeitar a sua autoridade é ser um seguidor desobediente de Deus. Enquanto o corpo da igreja funcionar e permanecer fiel à verdade da Palavra de Deus e enquanto seus pastores e líderes não ultrapassarem os limites das Escrituras, então a doutrina, as atividades, as ações e a disciplina da igreja conduzem à aprovação divina e à autoridade do céu.

A Disciplina da Igreja

Além disso, o poder da igreja pode ser visto claramente na sua autoridade para exercer a sua disciplina. Pois onde não há autoridade para disciplinar a desobediência, não há autoridade para comandar a obediência. Por exemplo, você e seu cônjuge — não os estranhos — têm a jurisdição para disciplinar seus filhos, pois somente você e seu cônjuge têm autoridade para dizer aos seus filhos como devem se comportar. Da mesma forma, Cristo deu à igreja a jurisdição sobre seus membros por que Cristo deu à igreja o poder de manter seus membros responsáveis diante da Palavra de Deus e de disciplinar os desobedientes.

Com isso dito, o pecado nunca deve ser tratado com leviandade. Os cristãos devem buscar a santidade de todo o coração e fazer tudo o que podem para crucificar os prazeres da carne (Romanos 13:14). Assim como os cristãos individuais não devem tolerar pecados em suas vidas, a igreja não deve desculpar o pecado habitual e não arrependido em sua membresia. A igreja deve lidar com o fermento antes que ele contamine a integridade espiritual de toda a igreja (1 Coríntios 5:7-8). Portanto, quando necessário, a igreja é autorizada e obrigada por Deus a levar a cabo a disciplina.

A Natureza e os Passos da Disciplina da Igreja

O que é exatamente a disciplina da igreja? Essa questão é melhor explicada em Mateus 18:15-20 e 1 Coríntios 5. Nessas passagens, aprendemos que a disciplina da igreja é um processo de cinco passos: 1. O Senhor Jesus instruiu os cristãos a exortarem com amor e humildade outros crentes que pecaram abertamente ou que abandonaram os fundamentos da fé. Es-se é o primeiro passo. Se a pessoa se arrepende, o problema foi resolvido, e a unidade da igreja pode continuar. Ninguém precisa saber sobre o(s) pecado(s), exceto os indivíduos envolvidos. Sem rotulá-lo formalmente como tal, os esposos cristãos, com efeito, devem praticar esse primeiro passo de disciplina dentro do casamento.

2. No próximo passo da disciplina da igreja, se a pessoa que cometeu o pecado não se arrepender, ela deve ser abordada novamente, dessa vez na presença de alguns cristãos que são conhecidos por serem espiritualmente maduros (Mateus 18:16; Gálatas 6:1).

3. Se essa segunda admoestação não for eficaz em levar tal pessoa ao arrependimento, o terceiro passo da disciplina eclesiástica precisa ser exercido. As tentativas fracassadas de confrontação em relação ao(s) pecado(s) que foi(ram) cometidos (ou estão sendo cometido[s]) precisam ser tornadas públicas para todo o corpo da igreja (Mateus 18:17; 1 Timóteo 5:20).

4. Novamente, se essa vergonha pública não trazer mudança de postura, depois de haver sido dado tempo suficiente para o arrependimento, a igreja é requerida por Deus para realizar o quarto passo — excomungar a pessoa da membresia da igreja (Mateus 18:17; 1 Coríntios 5:5-13; 2 Tessalonicenses 3:6, 14-15).

5. O quinto passo é talvez o mais difícil e, contudo, o mais redentor. Após um membro que cometeu certo pecado ter sido excomungado, Deus chama cada membro da igreja para remover, tanto quanto possível, toda associação e comunhão com essa pessoa não arrependida (1 Coríntios 5:9-13). Isso incluiria até mesmo a interação nas mídias sociais. Esse é o verdadeiro aguilhão da disciplina da igreja — enfrentar a vida e as tentações desse mundo sem o apoio, a ajuda, o benefício e a bênção do precioso povo de Deus. Todos os verdadeiros crentes que enfrentam essa disciplina concordam que ela é a muito eficaz para trazer a correção e o arrependimento. Em qualquer ponto de contato, os membros da igreja devem considerar o ofensor como um descrente e procurar evangelizá-lo.

A Atitude da Disciplina da Igreja

- Espiritual — Ao confrontarmos os outros, precisamos ter certeza de que estamos espiritualmente qualificados para corrigir aqueles que tropeçaram (Gálatas 6:1a).
- Gentil — Ao confrontarmos os outros, precisamos ter certeza de fazê-lo no espírito de gentileza (Gálatas 6:1b).
- Cautelosa — Ao confrontarmos os outros, precisamos ter certeza de que não estamos sendo autoconfiantes. Ao invés disso, devemos estar prevenidos para cairmos no próprio pecado que estamos procurando corrigir (Gálatas 6:1c).

O Propósito da Disciplina da Igreja

A disciplina da igreja tem um triplo propósito: (1.) é um meio de manter pura a membresia da igreja (1 Coríntios 5:6-11); (2.) é um meio de restaurar o membro da igreja que se desvia (2 Coríntios 2:6-8; Gálatas 6:1), e (3.) é um meio de evitar que outros caiam em pecado (1 Timóteo 5:20).

A Autoridade da Igreja na Disciplina

Ser disciplinado pela igreja é uma coisa a ser temida. A disciplina da igreja não é uma invenção feita pelo homem, mas uma intervenção amorosa estabelecida pelo próprio Cristo. Quando uma igreja executa a disciplina, ela o faz pela autoridade do próprio céu (Mateus 18:18-19). Portanto, a disciplina da igreja é eficaz e autorizada.

A Eficácia da Disciplina da Igreja

Nos dias em que vivemos, em que os cristãos muitas vezes saltam de igreja em igreja, por causa de preferências ou sentimentos feridos, pode parecer que a disciplina da igreja é ineficaz. Mas mesmo que os resultados não sejam imediatamente vistos, a disciplina da igreja sempre terá um efeito purificador para o corpo eclesialístico local quando executada adequadamente.

Porque o povo de Deus está espiritualmente unido em um corpo, eles se amam uns aos outros e não podem viver separados uns dos outros. Porque a igreja local é chamada a funcionar como uma comunidade que consiste de irmãos engajados em comunhão regular e assistência mútua, quando um cristão desobediente é colocado fora dessa comunhão amorosa, ele ou ela se sente severamente privado. Restringir um cristão da comunhão dos irmãos é como tirar uma criança de uma mãe amorosa.

É por isso que a disciplina da igreja funciona. Os filhos de Deus descobrem que eles não podem viver e estar contentes ou alegres fora da comunhão dos santos, e no final das contas, se eles forem verdadeiramente filhos de Deus, eles estarão dispostos a fazer o que é necessário para recuperar o favor do povo de Deus e o seu lugar entre ele.

Além disso, se os filhos de Deus são obrigados a buscar o perdão uns para com os outros antes de se aproximarem de Deus (Mateus 5:23-24), quanto mais eles são obrigados a fazerem as coisas certas com a sua igreja se eles estiverem sob a sua disciplina? Nesse relacionamento comunitário, o que a igreja liga na terra será ligado no céu. Ser correto com Deus é ser correto com sua igreja.

É claro, se uma pessoa pode estar satisfeita fora da comunhão da igreja e permanecendo em seu pecado, então essa pessoa provou não ser cristã de modo algum (1 João 2:19), e a disciplina da igreja se mostrou eficaz para a purificação dos membros da igreja.

Conclusão

A igreja não é uma instituição feita pelo homem e que funciona debaixo de sua própria autoridade e poder. Ao contrário, a igreja é estabelecida e governada por Cristo. Quando a igreja está de acordo com as Escrituras, sua comissão é divina, sua doutrina é poderosa e sua disciplina é eficaz. Os cristãos são chamados a se submeterem à sua instrução e disciplina, e aqueles que se recusam a ouvir a igreja estão se recusando a ouvir a Deus (Lucas 10:16). Em resumo, Cristo deu poder e autoridade à igreja para proclamar e executar seu ensinamento a fim de instruir e responsabilizar seu povo por tudo o que ele tem ordenado.

Perguntas para Estudo

1. De onde é que a igreja obtém a sua autoridade?
2. Qual é a jurisdição da autoridade da igreja?
3. O que é a disciplina da igreja?
4. Qual é o propósito da disciplina da igreja?
5. Qual deve ser a atitude dos que praticam a disciplina da igreja?
6. Quais são os passos para a disciplina da igreja?
7. A disciplina eclesiástica é opcional para as igrejas?
8. A disciplina eclesiástica é eficaz? Por que sim ou por que não?

5

Os Oficiais da Igreja

A igreja não é uma família cristã que se reúne e escuta sermões online em casa. A igreja não é dois ou três crentes reunidos em uma cafeteria para falar sobre o Senhor. A igreja não é nem mesmo alguns cristãos que se reúnem regularmente para estudo bíblico e oração.

Ouvir sermões em casa, ter comunhão com outros crentes tomando uma xícara de café, e até mesmo participar de conferências bíblicas, tudo isso é bom, mas todas essas coisas carecem da estrutura bíblica, organização e governo, que Deus tem ordenado à sua igreja.

Não pode haver verdadeira igreja sem uma membresia comprometida, uma responsabilidade formal e uma liderança estruturada. Tal organização é necessária porque foi prescrita por Deus à igreja.

A principal organização necessária à igreja é uma pluralidade de líderes ordenados (Tito 1:5). A igreja deve ser conduzida por seus líderes. E de acordo com as Escrituras, os ofícios legítimos de liderança na igreja são duplos: pastores e diáconos (Filipenses 1:1).

Os pastores devem ter uma vida pessoal e familiar exemplar e ter sido dotados pelo Espírito com o dom de ensino das Escrituras (1 Timóteo 3:2-5). As responsabilidades desse ofício são pregar e ensinar, governar, supervisionar os assuntos espirituais da igreja e pastorear as almas daqueles que estão sob seus cuidados (1 Timóteo 3:5; 2 Timóteo 4:1-5; 1 Pedro 5:1-3).

Semelhantemente, os diáconos devem ter uma vida pessoal e familiar exemplar e um coração para servir ao povo de Deus (1 Timóteo 3:10). Diáconos não são chamados para serem zeladores, pois qualquer membro da igreja pode ser responsável por levar o lixo para fora. Ao contrário, os diáconos são servos que são chamados para ministrar às necessidades dos santos (Atos 6:3). Eles devem ser uma extensão dos braços e das pernas dos presbíteros para ajudar na administração e facilitação do ministério da igreja (Atos 6:1-3).

Para ajudar os pastores a observarem seu tempo de estudo e oração, Deus designou diáconos para lidar com as demandas e necessidades dos santos (Atos 6:4). Amar, cuidar e ministrar às pessoas são os principais objetivos dos diáconos, e não abrir as portas da igreja e preparar o café. Suas prioridades são visitar os doentes, atender às necessidades das viúvas, e cuidar dos membros da igreja que estão passando por problemas e dores. Embora as responsabilidades dos diáconos possam incluir a supervisão e a manutenção das instalações da igreja, mesmo essas responsabilidades têm o fim maior de servir ao povo de Deus.

Qualificações para Pastores e Diáconos

Pastores	Diáconos
1. Irrepreensível	1. Honestos
2. Marido de uma esposa	2. Não de língua dobre
3. Vigilante	3. Não dado a muito vinho
4. Sóbrio	4. Não ganancioso
5. Honesto	5. Uma consciência pura
6. Hospitaleiro	6. Testado
7. Apto para ensinar ^[33]	7. Irrepreensível
8. Não dado ao vinho	8. Casado com esposa fiel
9. Não violento	9. Exemplar em governar a sua família
10. Não ganancioso 11. Moderado 12. Não contencioso 13. Não avarento 14. Exemplar em governar a sua família 15. Não neófito 16. Um bom testemunho para	

quem está fora da igreja	
-----------------------------	--

Os Pastores são Chamados por Deus

Infelizmente, muitos homens decidem entrar no ministério porque pastorear soa como uma boa oportunidade de carreira ou porque não têm nenhuma outra boa ideia do que devem fazer com suas vidas. Pior ainda, as igrejas são muito ansiosas em chamar esse tipo de candidatos ao pastorado. As igrejas frequentemente escolhem um novo pastor com base em suas habilidades de administração, personalidade, aparência ou carisma, ao invés das qualificações bíblicas de piedade pessoal, doutrina e sua habilidade manejar bem a Palavra de Deus. Por causa disso, as igrejas estão cheias de pastores não qualificados que não foram espiritualmente dotados ou chamados por Deus.

A boa pregação que nutre as almas inclui tanto habilidade como capacitação com dons espirituais. Um certo nível de treinamento e destreza são necessários para expor a Palavra de Deus apropriadamente. É impressionante como muitos pregadores não têm o conhecimento básico e a habilidade de realizar corretamente a exegese de uma passagem das Escrituras e aplicá-la sem distorcer o significado pretendido na passagem. Infelizmente, muitos sermões vindos de púlpitos de todo o mundo não chegam nem perto de ser uma exposição da Escritura, mas se assemelham a um discurso motivacional de autoajuda no qual é citada uma boa quantidade de versículos bíblicos. Além disso, a falta de conhecimento bíblico e teológico que muitos dos pastores de hoje têm é surpreendente.

Ainda mais importante que a habilidade natural e o treinamento bíblico, é que a verdadeira pregação seja acompanhada pelo poder sobrenatural do Espírito Santo. Falta poder em muitas das pregações de hoje. Os sermões parecem mais um discurso do que uma palavra autoritativa do céu.

A verdadeira pregação pode ser reconhecida não necessariamente por um discurso dinâmico e eloquente, mas sim pelo fato de a Palavra de Deus estar sendo proclamada com precisão e aplicada no poder do Espírito Santo. As igrejas precisam de ensinamentos claros e precisos, não de personalidades cativantes. Acima de tudo, a pregação precisa ser bíblica e pregada com o poder do Espírito — uma pregação que repreende, encoraja e edifica a igreja. Quando a igreja ouve a verdadeira pregação, ela ouve algo sobrenatural — ou seja, a igreja ouve do próprio Deus. A verdadeira pregação é autoritativa, corretiva, edificante e, finalmente, santificadora. A pregação com poder é uma dádiva espiritual obtida somente de Deus.

Os verdadeiros ministros recebem um chamado e uma capacitação divinos. Pelo menos três marcas identificadoras separam aqueles que Deus chamou para o ministério daqueles que entraram no ministério devido à sua própria vontade: 1. Aqueles que são chamados por Deus têm um desejo ardente e insaciável de ensinar e pregar a Palavra de Deus. Eles têm uma mensagem de Deus que eles se sentem obrigados a proclamar.

2. Aqueles a quem Deus chama são aqueles que têm a oportunidade providencial de pregar. Isso por si só não evidencia o chamado de um homem, mas é de se duvidar que Deus chamaria um homem para o ministério sem lhe dar uma oportunidade de ministrar.

3. Mais importante, a confirmação principal do chamado de um homem é a verificação da igreja local. Se a igreja não está consistentemente ouvindo a Deus na pregação de um homem, é improvável que o homem tenha sido chamado por Deus.

A ordenação, que é a confirmação oficial da igreja local que afirma o chamado de Deus na vida de um homem, é importante

para o ministério. Se o povo de Deus não é abençoado e servido espiritualmente pela pregação de um homem, é improvável que esse homem tenha sido capacitado com dons ou chamado por Deus.

As igrejas locais devem ter cuidado para não continuar a encorajar homens não chamados a pregar porque eles têm medo de ferir os sentimentos de tal homem. Além disso, os homens devem ser cautelosos em começar uma nova igreja sem que seus dons tenham sido verificados por uma igreja estabelecida. Muitas igrejas têm sido iniciadas por causa da falta de vontade de um pregador não ordenado de se submeter ao julgamento de uma igreja bíblica pré-existente.

Com tudo isso dito, nem todos os chamados ministros de Deus são igualmente capacitados com dons. Todos os pregadores são únicos e têm diferentes pontos fortes e fracos. A igreja precisa ser cuidadosa para não ser muito crítica e julgadora em relação ao seu pastor. Não devemos julgar e comparar nosso pastor com nosso pastor famoso favorito. Esse foi o erro dos Coríntios, pois eles debatiam sobre quem era o melhor pregador — Paulo ou Apolo. É bom ter um pregador favorito, mas estamos em terreno perigoso quando fazemos de um pregador em particular o padrão para que todos os outros pregadores sejam comparados. A maneira mais rápida de deixar de ouvir a voz de Deus na pregação do nosso pastor é começar a ouvi-la com um espírito crítico.

Os Pastores são Chamados a Pastorear

Os pastores não são chamados para serem CEOs de uma corporação; eles são chamados para serem pastores das ovelhas de Deus. A igreja não é uma empresa, e, portanto, os pastores não devem procurar conduzir a igreja como uma empresa. É requerido dos pastores mais do que uma liderança dinâmica e habilidades de comunicação efetiva. O homem de Deus é chamado principalmente para estar familiarizado com a presença de Deus através da oração fervorosa e do estudo consistente da sua Palavra. Se os pastores não estiverem regularmente de joelhos e comprometidos com o estudo da verdade, por mais talentosos que sejam, eles serão maus guias espirituais. Eles podem ser bem-sucedidos na construção de uma empresa, mas falharão em supervisionar e cuidar da igreja de Deus. Habilidades de liderança são uma coisa; pastorear é outra bem diferente. Em parte, o pastoreio inclui servir, pregar, aconselhar e viver uma vida exemplar para que outros a sigam.

Os Pastores são Chamados para Servir

Os pastores são servos. Pastorear uma igreja é um ministério, não uma carreira, e assim os pastores nunca devem colocar a si mesmos ou seu ministério acima das ovelhas de Deus. Pastores devem sacrificar suas aspirações pessoais por grandeza, renunciar ao desejo de se tornarem uma celebridade cristã e estar dispostos (se necessário) a ministrar em um lugar onde não estará em evidência. Eles não devem usar igrejas menores como trampolins para conseguirem empregos em igrejas maiores. Pastorear não é construir um currículo, pois as ovelhas de Deus não devem ser exploradas dessa forma. Assim como os pastores não devem deixar as ovelhas quando o perigo se aproxima (João 10:11-13), os pastores não devem abandonar seu rebanho só porque a oportunidade de ministrar em pastos mais verdes se torna disponível. Ao invés disso, os ministros de Deus deveriam estar dispostos a se sacrificar e se entregar para alimentar, ministrar e servir as ovelhas de Deus onde quer que Deus os chame. As necessidades e cuidados do rebanho devem vir sempre primeiro (Atos 20:28; 1 Pedro 5:1-3).

Pastorear não se trata de dinheiro ou prestígio, mas de cuidar da herança de Deus (1 Pedro 5:2-3). Os pastores devem caminhar ao lado das ovelhas, orar pelas ovelhas, pregar às ovelhas, repreender as ovelhas e encorajar as ovelhas conforme necessário. Isso requer humildade, piedade, mansidão e paciência, que só vêm através de um caminhar diário no Espírito (Gálatas 5:22-25). Se os pastores não estão dispostos a servirem, eles não são aptos para serem ministros do povo de Deus.

Em resumo, pastorear é dar, não receber, e é ministrar e não explorar o povo de Deus. Portanto, bons pastores são aqueles que estão mais preocupados com o louvor de Deus do que com o louvor dos homens. Deus dá pastores para servir à igreja ao invés de dar a igreja para servir aos pastores.

Os Pastores são Chamados para Pregar

Os pastores devem se dedicar à doutrina (1 Timóteo 4:13-16), pois eles são chamados a trabalhar na Palavra (1 Timóteo 5:17; Tito 1:9). A tarefa principal dos pastores é alimentar as ovelhas de Deus; o principal chamado de um pastor é pregar e ensinar (João 21:15; 1 Timóteo 4:15-16; 2 Timóteo 4:1-5). “O primeiro e principal dever de um pastor”, segundo John Owen, “é alimentar o rebanho através da pregação diligente da Palavra”.^[34] Owen também diz: “Não pode ser considerado um pastor aquele que não alimenta o seu rebanho”.^[35] Os pastores devem, portanto, estudar para se mostrarem aprovados por Deus e serem capazes de interpretar corretamente e aplicar a verdade (2 Timóteo 2:15). Já que os pastores são chamados para pregar, eles devem ser estudantes comprometidos com a Palavra de Deus.

Quando se trata do estudo das Escrituras, a preguiça não deve caracterizar o homem de Deus. Assim, os pastores devem ser encontrados muito mais frequentemente dedicados aos seus estudos, e buscando a Deus, do que em um campo de golfe perdendo tempo e tentando conquistar os líderes proeminentes da comunidade. Se os pastores não estão sempre prontos para pregar, então eles estão negligenciando uma de suas principais responsabilidades.

Os Pastores são Chamados para Aconselhar

Os pastores devem confortar, repreender, corrigir, encorajar e instruir aqueles que estão em necessidade espiritual. Para serem eficazes no aconselhamento bíblico, os pastores devem primeiro visitar a Deus antes de visitar os outros. Eles devem receber aconselhamento das Escrituras antes de se tornarem competentes para aconselhar os outros. O aconselhamento deve vir do transbordamento de um coração saturado com a Palavra de Deus.

Os Pastores são Chamados para Viver Vidas Exemplares

Uma das qualidades mais impressionantes do apóstolo Paulo foi a sua vida exemplar como cristão. Com a direção do Espírito, ele podia ousadamente proclamar: “Sede meus imitadores, como também eu de Cristo” (1 Coríntios 11:1; Filipenses 3:17). Paulo exemplificou o que pregava com a sua vida e nos deu uma ilustração visível de sua mensagem. Da mesma forma, os pastores são chamados a viver uma vida cristã exemplar para que sua congregação os imite. Se eles vão pregar a Palavra, então eles devem viver essa Palavra. O melhor elogio que pode ser dito sobre qualquer pastor é que ele é um homem piedoso e completamente comprometido com o que ensina.

Os Pastores são Chamados para Presidir

Um pastor é um entre uma pluralidade de pastores e presbíteros que devem vigiar e conduzir o rebanho de Deus (Tito 1:5). Uma pluralidade de pastores é uma salvaguarda natural contra muitos perigos. Ter múltiplos pastores impede que a culpa seja focalizada em uma única pessoa. Em um contexto de pluralidade, os líderes podem usar seus diferentes pontos fortes para serem mais produtivos e equilibrados em sua liderança.

Os Pastores são Chamados a se Submeterem

Os pastores são líderes, mas devem fazer parte de uma pluralidade de pastores que se submetem uns aos outros e são supervisionados pela congregação. Não é sábio para nenhum líder, além de Cristo Jesus, estar livre de prestação de contas.

Conclusão

Há apenas dois ofícios ordenados na igreja: diáconos e pastores. Ambos são chamados para servir e ministrar ao rebanho de Deus, sendo que aos presbíteros são dadas as responsabilidades especiais de ensinar, pregar e governar. Juntos, esses dois ofícios são suficientes para ministrar e supervisionar a igreja do Deus vivo.

Perguntas para Estudo

1. Quais são os dois tipos de oficiais de uma igreja?
2. Por que uma pluralidade de líderes é útil?
3. Quais são as duas passagens principais das Escrituras que listam as qualificações dos líderes da igreja?
4. Por que a piedade é tão importante para os líderes da igreja?
5. Qual é a diferença chave entre os dois tipos de oficiais da igreja?
6. Quais são as responsabilidades dos diáconos?
7. Por que a pregação e o ensino é a principal responsabilidade dos pastores?

6

O Governo da Igreja

Quem está no comando? Claro, Cristo é o Cabeça da igreja, mas quem toma todas as decisões importantes, tais como escolher a cor do novo tapete para o templo? As decisões são tomadas pela maioria dos votos da congregação, ou são os pastores que tomam todas as decisões? Neste capítulo, veremos que a Bíblia atribui a supervisão da igreja a uma pluralidade de pastores ou presbíteros, os quais, por sua vez, devem prestar contas perante o corpo da igreja.

A Separação do Poder

Cristo, como o único Cabeça da igreja, não delega poder exclusivamente aos pastores ou à congregação. Ao contrário, Cristo dá certa autoridade aos presbíteros, e dá certa autoridade à congregação. Os presbíteros têm autoridade para ensinar, administrar as ordenanças, convocar reuniões especiais, supervisionar e presidir, enquanto a congregação tem autoridade para nomear e dispensar seus pastores, aceitar novos membros, disciplinar e desligar membros desordeiros.

Os presbíteros e a congregação recebem suas respectivas autoridades não um do outro, mas diretamente e imediatamente de Cristo — o Cabeça da igreja. Por exemplo, as responsabilidades dos presbíteros são derivadas da autoridade de Cristo, não da autoridade da congregação. Sim, os pastores devem ser responsabilizados pela congregação, mas seus deveres são dados a eles por Cristo. Da mesma forma, os presbíteros não têm o direito de tirar nenhum dos privilégios e responsabilidades que Cristo delegou diretamente à congregação.

A Responsabilidade e Autoridade dos Presbíteros

Os presbíteros presidem pela autoridade delegada da Escritura. A extensão ou jurisdição da sua autoridade é restrita aos assuntos espirituais da igreja. Os presbíteros não têm autoridade para administrar os assuntos privados da congregação mais do que um empregador tem autoridade para dizer a um empregado o que fazer no seu tempo livre. Deus responsabiliza os pastores por zelar pela vida espiritual da congregação e pela direção geral da igreja. Os pastores não devem dominar a herança de Deus (1 Pedro 5:3). No entanto, assim como os pais não podem deixar sua responsabilidade de governar seus filhos ao deixar seus filhos governarem a si mesmos, os pastores não são livres para entregarem o governo para a congregação.

Sem dúvida, pais sábios e amorosos escutam as preocupações e desejos de seus filhos; da mesma forma, os pastores precisam escutar as preocupações gerais, a sabedoria e os pensamentos de sua congregação. É sábio trazer as decisões não doutrinárias e práticas, tais como mudança de lugar ou projetos de construção, à congregação para a oração corporativa e com o desejo de chegarem a um acordo coletivo e à unidade. No final das contas, Deus responsabiliza os pastores, pois lhes foi dada a responsabilidade e a autoridade para ensinar e governar a casa de Deus (1 Timóteo 3:5).

A Prestação de Contas dos Membros

Deus ordena aos membros da igreja: “Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossa alma, como aqueles que hão de dar conta delas; para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil” (Hebreus 13:17). Portanto, a congregação nunca deve procurar agir sem o conhecimento, consentimento e liderança de seus pastores.

No entanto, uma mentalidade que tem crescido em muitos membros da igreja é uma atitude de autossuficiência. Parece que um número crescente de cristãos sente como se sua vida espiritual não fosse da responsabilidade de mais ninguém. Esses cristãos parecem pensar que os pastores de sua igreja não têm nada que se intrometer em suas vidas, dando-lhes conselhos espirituais ou correções.

Uma coisa é os membros da igreja supervisionarem seus pastores; outra coisa é os membros da igreja colocarem seu julgamento pessoal relacionado à vida da igreja acima da liderança da igreja. Se muitos dos cristãos de hoje não concordarem com uma decisão dos pastores, eles protestarão, e até boicotarão a igreja e ficarão em casa, para mostrar o seu descontentamento. Muitos cristãos sentem que podem escolher o que gostam e deixar o que não gostam em uma igreja. Esses tipos de cristãos colocam seu julgamento pessoal acima do julgamento da liderança da igreja.

Quantas igrejas se dividiram, ou novas igrejas se formaram, por causa de questões relacionadas a poder e controle, e não por causa de preocupações legítimas e bíblicas? É triste ouvir sobre cristãos que parecem amar o Senhor mantendo suas famílias em casa nas manhãs de domingo porque eles não conseguem

encontrar uma igreja local com a qual concordam em cada pequena questão da vida da igreja. Ainda mais preocupante é quando esses homens, que nunca provaram ser submissos a outros, procuram começar a sua própria igreja.

Receio que muito do que está por trás do crescente *movimento de igrejas nos lares*,^[36] onde o papel dos pastores ordenados é minimizado ou mesmo removido, é uma atitude contra a submissão. Não há nada de errado com uma reunião de igreja em um lar, mas remover o papel e a autoridade dos pastores mina a autoridade da igreja. O movimento de igrejas nos lares, pelo que parece, é muito atraente e apelativo para aqueles que são resistentes a qualquer forma de responsabilidade pessoal. O verdadeiro problema com essa atitude é a falta de submissão a Cristo. Cristo Jesus é aquele que organizou e dotou a igreja com seus ofícios de liderança e depois chamou seu povo para se colocar sob a supervisão e autoridade delegada a ele aos homens que chamou para ocuparem esses ofícios.

A Autoridade dos Membros

Os pastores têm autoridade, mas não uma autoridade absoluta. A congregação também tem uma medida de autoridade. A cada membro da igreja foi dada autoridade por Cristo em pelo menos cinco áreas:

1. Reconhecer e Receber Novos Membros

Todos os candidatos a novos membros devem ser confirmados pela igreja para que sejam admitidos como membros. Por exemplo, antes da igreja em Jerusalém aceitar Saulo, foi necessário que eles soubessem de sua conversão (Atos 9:26-27). Enquanto a membresia na igreja não pode ser negada nem mesmo ao crente mais fraco, desde que faça uma profissão de fé confiável e esteja caminhando em obediência, a congregação deve ter a oportunidade de protestar contra qualquer candidato à membresia que eles saibam que está vivendo uma vida abertamente escandalosa.

2. Escolher Seus Próprios Líderes

A congregação não só tem autoridade para reconhecer e receber novos membros, como também tem autoridade para reconhecer e receber seus próprios líderes (Atos 6:3-5). Nem o estado nem uma organização de fora da igreja tem o direito de instituir líderes nela. Esse direito pertence a cada igreja local (Atos 14:23).

3. Supervisionando seus Líderes

Os membros são responsáveis por se submeterem aos seus pastores, mas os membros também são responsáveis por supervisionarem os seus pastores por meio da Palavra de Deus.

Guardar a verdade é responsabilidade de cada membro. Porque os pastores são reconhecidos e aprovados pela congregação, a congregação tem a autoridade de nomear seus próprios líderes, bem como de remover aqueles que não mais cumprem as qualificações bíblicas que Deus exige deles (1 Timóteo 3:1-7).

Os pastores que se desviam doutrinária ou eticamente devem ser submetidos à disciplina que Deus deu ao corpo da igreja. Os pastores também são membros da igreja, e nenhum membro está isento de responsabilidade. Eles, como qualquer outro membro, não estão isentos da disciplina da igreja (1 Timóteo 5:19).

As congregações não podem negligenciar essa responsabilidade. Os membros da igreja que tolerarem a falta de ortodoxia, escândalo ético ou abuso em sua liderança serão responsabilizados por Deus, isto é, Deus coloca a culpa pela ascensão de falsos mestres sobre os congregantes que têm comichão nos ouvidos (2 Timóteo 4:3).

4. Supervisionando os Membros

Os membros da igreja também têm a autoridade de manter em relacionamento de prestação de contas de uns para com os outros. Embora existam papéis distintos entre pastores e membros (um lidera e o outro é segue sua liderança), eles têm o mesmo objetivo (manter a unidade, a pureza e a verdade na igreja) e têm as mesmas tarefas básicas (amar, edificar, cuidar e zelar uns dos outros no Senhor). Pastores são chamados a liderar o rebanho, e o rebanho é chamado a seguir o ensinamento e o exemplo de seus pastores. Pastores são chamados para ensinar os membros a realizarem a obra do ministério (Efésios 4:12).

Pastores são chamados não somente para vigiar e cuidar do rebanho de Deus, mas também para equipar o rebanho a vigiar e

cuidar uns dos outros. Pastores cuidam de pessoas a partir de um lugar de liderança e de visibilidade, enquanto membros cuidam de pessoas discretamente em seus bancos. Embora tendo diferentes papéis e diferentes graus de autoridade, pastores e membros são mutuamente *responsáveis* uns pelos outros, pois ambos são chamados a observar, repreender, edificar e cuidar uns dos outros.

Isso significa que a autoridade da igreja compreende cada membro. Embora possamos gostar de pensar que nossas crenças e práticas não são da responsabilidade de ninguém, esse simplesmente não é o caso no cristianismo bíblico. Como todo crente, somos chamados a sermos um membro de uma igreja local. Ser um membro de uma igreja local requer que nos submetamos aos cuidados e supervisão de seus pastores e também de seus membros.

5. Exercitando a Disciplina da Igreja

Finalmente, para que os membros tenham autoridade para responsabilizar seus pastores e a si mesmos, eles devem ter poder. Esse poder é a *disciplina da igreja*. Embora sejam necessárias testemunhas adicionais para cada passo progressivo do processo disciplinar, um único membro tem o direito e o poder de iniciar o primeiro passo da disciplina da igreja — *o confronto privado*.

A autoridade dada à congregação para realizar a disciplina da igreja vai além da autoridade investida aos seus pastores. Os líderes da igreja não são livres para realizar o passo final da disciplina sozinhos. Embora o confronto privado possa ser realizado por um único pastor ou por um membro individual, a excomunhão é realizada pela congregação (1 Coríntios 5:4-5).

Porque a disciplina da igreja reside no poder do corpo local, a igreja local é autônoma. Por isso é impossível para uma

congregação local disciplinar os não membros, e também não é bíblico que uma igreja local seja governada por pessoas que não membros dela, tais como uma junta externa de consultores ou um presbitério. A autoridade da igreja para governar a si mesma está dentro da assembleia local. Em resumo, os membros da igreja não são obrigados a se submeterem a líderes terrenos que não têm autoridade ou capacidade de disciplinar. Assim, a igreja, com seus pastores e membros, tem a autoridade de cumprir sua responsabilidade de supervisionar e governar a si mesma sob a chefia de Cristo. Que responsabilidade! Mas também que bênção que Deus deu ao seu povo quando os chamou para se submeterem coletivamente uns aos outros como ao Senhor.

Conclusão

Em conclusão, a Escritura chama todos os cristãos a se submeterem uns aos outros. Mesmo que nós, como cristãos individuais, tenhamos maior sabedoria e mais maturidade espiritual do que os pastores da nossa igreja, desde que os nossos pastores não abusem do poder que lhes foi delegado por contradizerem os claros ensinamentos das Escrituras, somos chamados a nos submeter e apoiar as decisões da igreja. É preciso mais graça, amor e humildade para nos submetemos e apoiarmos os pastores de uma igreja do que para nos mantermos firmes em nossas opiniões particulares. E esperamos que a cor do tapete não seja tão importante quanto a beleza dos irmãos que vivem em união (Salmos 133:1).

Como é belo e doce ver os pastores governando de acordo com os princípios da Escritura no espírito de humildade e amor, e ver a congregação buscando coletivamente ser solidária e submissa à regra e autoridade da igreja. Oh, que Deus conceda à sua igreja a graça de viver esse modelo divino e bíblico de vida da igreja.

Perguntas para Estudo

1. Quais são as duas categorias de autoridade dentro da igreja local?
2. De onde deriva a autoridade dos pastores da igreja?
3. Quem supervisiona e responsabiliza os pastores?
4. Os pastores estão acima da disciplina da igreja?
5. Que poder e responsabilidades são dadas aos pastores?
6. Que poder e responsabilidades são dadas à congregação?
7. Por que a disciplina da igreja é dada à congregação?

PARTE 3

O Propósito da Igreja

*Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;
Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém.*

Mateus 28:19-20



A Missão da Igreja

Há muita confusão acerca do propósito da igreja. A igreja existe para alimentar e vestir os pobres e os desabrigados? A igreja existe para trazer restauração cósmica e reforma política à nossa sociedade? A igreja existe para combater as injustiças e as desigualdades sociais? É claro que a igreja existe para pregar o Evangelho, mas, e quanto a esses outros objetivos?

Para responder a essas perguntas, é importante para nós examinarmos três coisas. Primeiro, precisamos ter uma compreensão básica da teologia bíblica para que possamos avaliar adequadamente o papel que a igreja desempenha no cumprimento do propósito de Deus na terra, na história da redenção. Segundo, precisamos examinar a natureza da igreja para que possamos entender o principal motivo de a igreja existir. Terceiro, precisamos observar a declaração da missão que Cristo emitiu para a igreja, para que possamos entender o seu propósito. Em resumo, precisamos entender (1.) o papel que a igreja desempenha na história da redenção, (2.) a natureza da igreja e (3.) a Grande Comissão.

A História da Redenção

Para começar, precisamos ter uma compreensão fundamental da teologia bíblica e do papel que a igreja desempenha na linha da história da redenção.

Duas Eras e Dois Reinos

De uma perspectiva geral, na história da redenção há dois estágios, ou eras: *a presente era maligna* e *a era vindoura* (Gálatas 1:4; Efésios 1:21). A presente era maligna, segundo a Escritura, estende-se desde a queda de Adão até o retorno de Cristo (Mateus 28:20). É representada como o período de tempo em que as trevas, a escravidão, a injustiça e a morte reinam sobre a terra. Segundo Jesus, todos os incrédulos nascem nesse mundo caído como “os filhos deste mundo” (Lucas 20:34), e segundo Paulo, os filhos deste mundo são mantidos cativos ao poder do “presente século mau” (Gálatas 1:4-5). O presente século mau, conseqüentemente, é o reino das trevas sobre os povos, os governos e as nações deste mundo (Apocalipse 18:3).

O presente século mau e o reino das trevas não passarão até o retorno de Cristo, pois somente quando Cristo retornar, *a era vindoura* chegará. A era vindoura é quando os “novos céus e nova terra, em que habita a justiça” serão estabelecidos (2 Pedro 3:13). Somente então, no retorno físico de Cristo, esse mundo caído passará pelo fogo, e somente então o estado eterno de glória será estabelecido na nova terra ressurgida. Isso significa que a restauração cósmica não acontecerá até que “também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Romanos 8:21).

A era vindoura é o estado eterno quando a luz, a vida e a liberdade reinarão para sempre. A era vindoura é o reino dos céus. E embora o reino dos céus não esteja estabelecido na terra (durante esse presente século mau), seu poder se manifesta atualmente na terra dentro da igreja (Tito 2:11-13); ou seja, aqueles que foram

unidos, pela fé, ao Rei da Glória: “E provaram a boa palavra de Deus, e as virtudes do século futuro” (Hebreus 6:5). Eles foram libertados do domínio e do reino das trevas e transferidos para o reino do amado Filho de Deus (Colossenses 1:13). Ao nascerem de novo pelo Espírito, eles entraram no reino dos céus.

Assim, durante esse presente século mau, o reino dos céus é invisível para o mundo incrédulo, pois existe somente dentro das mentes e corações dos crentes (Lucas 17:20-21; João 18:36). Aos crentes foram dados os primeiros frutos da era vindoura, quando entraram no reino dos céus e lhes foi dada a vida eterna, no Filho.

A Igreja e o Reino dos Céus

Consequentemente, o poder do reino dos céus já está presente dentro da igreja, mas ainda não se manifestou para os reinos deste mundo. O mundo não sabe nada sobre a vida, o poder, a liberdade e a paz do reino dos céus. As nações e os governantes desta era permanecem na escuridão e sob o domínio de Satanás.

Por essa razão, aqueles que fazem parte da igreja são peregrinos e estrangeiros neste mundo caído (1 Pedro 2:11). Os cristãos são estrangeiros e exilados nesta terra (Hebreus 11:13). Como cidadãos do céu, eles não têm colocado sua esperança neste presente mundo, que está passando (1 João 2:17), mas em um reino eterno, “da qual o artífice e construtor é Deus” (Hebreus 11:10). Neste sentido, a igreja, como casa de Deus, funciona como a embaixada do reino dos céus na terra.

Sim, cada centímetro quadrado deste universo pertence a Cristo, mas nem todos têm dobrado os seus joelhos a Cristo. Embora Cristo governe soberanamente sobre Satanás e os reinos deste mundo, sua Palavra só é abraçada e seguida por aqueles que estão dentro da embaixada do céu.

Somente aqueles que estão dentro da igreja e que se submeteram ao seu senhorio. Somente aqueles que fazem parte da igreja é que estão protegidos contra a ira que está por vir. Somente eles encontraram paz e liberdade sob a sua direção. Somente eles, pela fé, têm visto o reino de Deus (João 3:3). Somente a igreja tem experimentado o poder libertador da era vindoura. Assim, o reino dos céus, nesta presente era má, não se expandirá além daqueles que foram unidos pela fé ao Rei — a igreja.

Os Dois Reinos são Incompatíveis

Como água e óleo, o reino das trevas e o reino dos céus são incompatíveis. A luz e as trevas não têm nada em comum (2 Coríntios 6:14). É impossível, portanto, fundir esses dois reinos opostos. Os magistrados civis não têm jurisdição sobre a embaixada dos céus, e a igreja não tem o dever de cumprir sua missão através do uso das armas terrenas deste mundo (2 Coríntios 10:4). Assim como Cristo não tentou estabelecer seu reino através da força política (João 18:36), a igreja não deve ser seduzida a pensar que pode expandir o reino de Deus por meio de revoluções políticas e sociais. Marchas políticas, protestos, comícios e ativismo não são as chaves para o reino dos céus.

O melhor que os governos terrenos podem fazer, mesmo que sejam liderados por cristãos, é conter o mal e punir os malfeitores (1 Pedro 2:14). No entanto, tais medidas políticas não têm poder para quebrar as correntes das trevas e libertar os filhos deste mundo do poder do pecado. A teocracia do estado judaico, no Antigo Testamento, provou que nem mesmo a melhor legislação pode estabelecer o reino dos céus na terra. Embora o poder político possa influenciar o comportamento externo para o bem, ele não pode desfazer o reino das trevas que está dentro dos corações daqueles estão escravizados ao príncipe do presente século mau.

As Chaves e a Missão da Igreja

A única esperança para este mundo é a mensagem do Evangelho que foi confiada à embaixada do céu. Por essa razão, a missão da igreja não é a restauração desta presente era má por meio de reformas sociais e legislativas. O reino dos céus não avança por tais meios.

Não me entendam mal. Cada cristão, como membro ativo da sociedade, é chamado a ajudar pessoalmente os necessitados, a orar por seus governantes e a fazer o que puder para promover a justiça e a igualdade neste presente mundo mau. Embora os cristãos não sejam deste mundo, eles permanecem neste mundo (João 15:19; 17:14-19). A Palavra de Deus tem um impacto na forma como os cristãos vivem neste mundo. Eles têm seus deveres cívicos, tais como votar com consciência e pagar seus impostos (Mateus 22:21). Eles são chamados por Deus para ajudar seus próximos que estão em necessidade (Provérbios 3:27-28) e a ter compaixão pelos doentes, pobres e abandonados deste mundo. Eles devem procurar fazer o bem a todos. Para onde quer que o cristianismo vá, tais bênçãos certamente o seguirão.

No entanto, as responsabilidades dos cristãos individuais e as bênçãos que seguem a propagação do Evangelho não são a mesma coisa que a Grande Comissão que Cristo deu à igreja enquanto uma sociedade de crentes. A igreja não é chamada para tomar o controle das nações. Nem sequer é chamada para alimentar as nações. Deus não prometeu santificar a cultura ou redimir os governos terrenos. Earl Blackburn avalia corretamente o problema: Hoje, muitos acreditam que os objetivos primários da igreja são alimentar os pobres, educar os analfabetos, ensinar as nações

desprivilegiadas e subdesenvolvidas a cultivar a terra, construir lares e estabelecer sistemas de bem-estar, além de promover sua libertação das garras de governos tirânicos. Isso é chamado de o “evangelho social”. Embora haja uma necessidade legítima de muitas dessas atividades no mundo de hoje, essas não são as principais responsabilidades da igreja. O “evangelho social” não é o Evangelho de modo algum; ele pode ser usado como um instrumento sutil de Satanás para desviar as verdadeiras igrejas de Deus de seu propósito principal.^[37]

E o principal propósito e missão da igreja é pregar o Evangelho. A única maneira de a igreja poder cumprir sua missão e avançar o reino dos céus é empunhando o poder do Evangelho (Romanos 1:16). As chaves para o reino dos céus não são o ativismo social e a dominação do mundo, mas a mensagem do perdão em Jesus Cristo.

A igreja foi encarregada destas chaves por uma razão. Somente dispensando os poderes da era vindoura por meio da pregação da Palavra de Deus, os filhos deste mundo mau serão libertados da escravidão das trevas e do príncipe deste mundo. Somente pela pregação do Evangelho é que o reino do céu se expandirá por todo o mundo para aqueles que creem. O reino do céu não avançará de outra forma.

A igreja é chamada para resgatar os pecadores deste século mau, trazendo o poder e as bênçãos da era vindoura para aqueles, e somente aqueles, que entregam suas vidas ao rei do céu. No retorno glorioso de Cristo, toda a criação será restaurada, bem como a glória e o conhecimento de Deus cobrirão a terra como a água cobre o mar (Habacuque 2:14). Quando o reino dos céus estiver cheio de um povo redimido de cada nação, língua e tribo de pessoas, então o trabalho e a missão da igreja estarão concluídos.

Então, e somente então, “os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre” (Apocalipse 11:15).

Até lá, enquanto estiver no presente século mau, a igreja precisa se certificar de não se distrair e deixar de lado o único poder que tem para realizar mudanças reais neste mundo caído — o Evangelho de Jesus Cristo.

A Natureza da Igreja

A linha cronológica da *história da redenção* não só ilumina a missão da igreja, bem como a natureza da igreja também indica a sua missão. Como martelos, grampeadores, canetas e outras ferramentas e instrumentos são feitos para fazer o que foram designados para fazer, a igreja é chamada a fazer o que Deus a criou para fazer. Como diz Earl Blackburn: “A existência e a natureza da igreja não podem ser separadas do seu propósito”.^[38]

Com isto em mente, a igreja foi estabelecida pelo Senhor para adorar e glorificá-lo, proclamando o Evangelho ao mundo e sendo a administradora dos meios de santificação dos santos através da sustentação e propagação da Palavra de Deus. Paulo explica em Efésios 4:9-16 que a igreja tem três objetivos distintos: (1.) manter sua *unidade* intrínseca em Cristo, funcionando como uma comunidade interdependente, (2.) crescer em *pureza* na busca da santidade pessoal e corporativa, (3.) e permanecer firme em crer e proclamar a *verdade*.

Cada objetivo não está apenas ligado ao outro, mas também contribui para o desempenho do outro. Ao amadurecer nessas três áreas (unidade, pureza e verdade), a igreja glorifica a Deus seguindo o seu propósito. E qual é o propósito da igreja? Ser o que Deus a criou para ser — um povo unido e santo que sustenta, segue e propaga a verdade da Palavra de Deus de uma forma inflexível.

1. A Igreja Deve Crescer em Unidade

De acordo com as Escrituras, a igreja é um corpo de crentes unidos, e sua unidade inerente precisa ser fomentada e vivida nas atividades diárias da igreja. É através da unidade que a igreja é

chamada a funcionar como uma comunidade de indivíduos que se confraternizam e trabalham juntos para a edificação mútua do todo.

Aprendemos em Efésios 4:9-16 que Deus tem dado à igreja líderes espirituais para equipar os santos para a obra do ministério. Portanto, é um erro pensar que o ministério pertence exclusivamente aos pastores e mestres da igreja. Como ministros equipam os congregantes, eles, por sua vez, são capacitados a ministrar uns aos outros. Paulo continua a enfatizar a necessidade do ministério universal do corpo de Cristo: “Do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor” (Efésios 4:16).

A nossa comunidade eclesial deve consistir nessa comunhão e cooperação que é exercida e experimentada pelos santos. A igreja deve ser uma família, onde os seus membros ajudam, oram, exortam, repreendem e encorajam uns aos outros em amor. Portanto, quando um membro sofre ou se alegra, o resto da igreja também sofre ou se alegra. Dessa forma, cada membro da igreja é chamado a “andar como é digno da vocação com que foram chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Efésios 4:1-3).

Se a igreja é uma em Cristo, sem distinção de etnia, gênero e classe social, e se a igreja é chamada a funcionar como uma comunidade em amor, então a igreja precisa estar atenta às formas práticas de cultivar a comunhão dentro do corpo da igreja.

Para manter a unidade, a igreja deve se proteger contra formas sutis de segregação dentro da congregação, como, por exemplo, quando o principal critério para a aproximação e comunhão entre os membros é que possuam a mesma idade ou interesses pessoais. A

formação de “panelinhas” desestimula a interação e o companheirismo entre recém-casados, jovens, idosos, e assim por diante. Em vez disso, a igreja deve encorajar os jovens a aprenderem com os santos mais velhos e, da mesma forma, os pastores da igreja precisam estar dispostos a ensinar os mais jovens. Assim como nas funções familiares, pode haver um tempo apropriado para nossos filhos irem para fora e brincarem juntos, mas quando chegar a hora de comer ou de aprender, devemos beber e partir o pão juntos como uma família sob a liderança de Cristo.

Nós, a igreja, devemos encorajar a comunhão não apenas durante as atividades que organizamos como igreja, mas também nas casas dos congregantes (através de famílias e indivíduos que se reúnem espontaneamente). De fato, grande parte do ministério da igreja deve ocorrer fora do culto de domingo pela manhã, nas salas de estar, nas salas de jantar e nos quintais das famílias da igreja.

Em essência, ao invés de gravitar em direção a uma experiência de adoração desconectada, isolada e uma vez por semana, a igreja deve proativa e intencionalmente fomentar um senso de comunidade entre os crentes que se estenda tanto dentro como fora das paredes do edifício da igreja.

2. A Igreja Deve Crescer na Pureza

Quando o corpo da igreja funciona segundo o seu propósito, ele será um meio de santificação para o povo de Deus. O objetivo é que a igreja seja individual e coletivamente moldada segundo a imagem perfeita e a estatura do Senhor Jesus Cristo (Efésios 4:13). “A igreja local”, portanto, segundo Don Kistler, “é a ferramenta de Deus para trazer seu povo à plena maturidade no conhecimento e

na fé”.^[39] O objetivo de Cristo para a igreja sempre foi “a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Efésios 5:27). Consequentemente, o pecado e o mundanismo precisam ser confrontados enquanto lutamos pela santidade. Essa busca restringe a membresia da igreja somente aos crentes, e requer aplicação da disciplina da igreja quando necessário entre seus membros.

3. A Igreja Deve Crescer no Conhecimento da Verdade

Como a igreja é a coluna e firmeza da verdade, seus membros devem dar sua energia para sustentar, seguir e propagar a verdade.

Em primeiro lugar, como a igreja deve *defender* a verdade? se a Palavra de Deus é absoluta, imutável e autoritativa, então a igreja é chamada a proclamá-la como tal. Talvez nunca houve um tempo na história em que a igreja tenha sido tão tentada a fazer concessões teológicas. Em tais tempos o povo de Deus deve se apegar à fé. Sempre que uma igreja local dilui a verdade ou negligencia certos aspectos dela para obter uma audiência maior ou por qualquer outra razão, ela perdeu o seu caminho. A igreja nega a si mesma e ao seu líder, Jesus Cristo, quando coloca o crescimento numérico acima do cumprimento do seu propósito divino.

Em segundo lugar, Cristo não só comissionou a igreja para sustentar a verdade, ele a chamou para *crescer* na verdade e no conhecimento do Senhor; ou seja, a igreja é chamada a ser santificada pela verdade (João 17:17). Paulo expõe isso em Efésios 4:11-14: E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do

ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo, para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulentamente.

De acordo com essa passagem, a verdade é vital tanto para salvaguardar a igreja do erro doutrinário como para trazer maturidade espiritual ao corpo de Cristo. Assim, a igreja nunca deve se envergonhar da sã doutrina, nem se deixar de ensinar todo o conselho de Deus (Atos 20:27).

Em terceiro lugar, Deus encarregou a igreja de *pregar* a verdade tanto àqueles que estão dentro dos muros da igreja quanto aos de fora. Um dos principais objetivos da igreja é evangelizar e fazer discípulos para Cristo (Mateus 28:19). A igreja não é responsável apenas pela pregação do Evangelho para aqueles que estão presentes na manhã de domingo, mas também por equipar os santos para estarem prontos para fazer evangelismo pessoal na manhã de segunda-feira. Todo cristão precisa entender claramente a mensagem do Evangelho (especialmente a doutrina da justificação pela fé somente) e então ser competente para compartilhar sua fé com a família, os amigos e vizinhos (1 Pedro 3:15). O Senhor Jesus não confiou prata e ouro à sua igreja; ele confiou a verdade a ela. Portanto, é a verdade que a igreja é responsável por disseminar a todas as pessoas. A igreja é a luz do mundo; por essa razão, é imperativo que os membros da igreja sejam ativos no evangelismo na comunidade local e no apoio às missões mundiais.

Isso nos leva ao terceiro meio de determinar o propósito da igreja — a declaração da missão que Cristo prescreveu para a igreja

em Mateus 28.

A Grande Comissão

A missão da igreja não só é afirmada pelo papel que ela desempenha na linha cronológica da história da redenção e por sua tripla natureza de unidade, pureza e verdade, mas também na declaração da missão que Cristo pessoalmente prescreveu a ela. Consequentemente, a Grande Comissão e o propósito da igreja são o mesmo.

O objetivo da igreja não consiste apenas em evangelismo. A missão da igreja é fazer discípulos. Isso inclui evangelizar incrédulos, mas também consiste em ensinar todo o conselho da Palavra de Deus aos crentes. Proclamar o Evangelho ao mundo é uma parte vital do cumprimento da Grande Comissão, mas o mesmo acontece com a pregação no púlpito todos os domingos para os crentes.

A comissão da igreja não está completa até que ela tenha ensinado tudo o que Cristo a instruiu a ensinar. Não só devemos ir ao mundo inteiro, mas quando chegarmos lá, devemos ensinar os convertidos a observarem tudo o que Cristo ordenou. Simplificando, a comissão da igreja consiste em proclamar todo o conselho de Deus aos santos e pregar o Evangelho ao mundo (Mateus 28:18-20).

Discipulando os Crentes

A Grande Comissão tem tudo a ver com a proclamação e defesa da verdade em um mundo que quer suprimi-la. Não podemos evangelizar nossas comunidades ou realizar missões mundiais sem procurar plantar igrejas em todo o mundo. O objetivo da Grande Comissão não é simplesmente resgatar pessoas do inferno, mas fazer discípulos de Cristo. E o discipulado, de acordo com o plano de Deus, deve ser realizado na igreja local. Paulo não se contentou em pregar o Evangelho e ver os pecadores convertidos apenas para depois abandoná-los a si mesmos. Seus esforços missionários não estavam completos até que as igrejas fossem plantadas e os pastores ou presbíteros fossem constituídos (Tito 1:5). O objetivo, por essa razão, é evangelizar os perdidos e equipar os santos para seguirem a Cristo em cada área de suas vidas (Efésios 4:11).

A igreja tem a responsabilidade de pregar o Evangelho e discipular os crentes em suas comunidades. Embora a igreja deva evitar ser autocentrada, a principal prioridade da igreja é discipular o seu povo. A ideia de que a igreja não é mais sobre “nós” uma vez que nos tornamos cristãos não é bíblica, para dizer o mínimo.

A igreja é para os crentes porque a igreja deve ser constituída por crentes. A igreja local deve se preocupar principalmente com a edificação de seus próprios membros. Maturidade e santidade são os objetivos. Se a igreja falha aqui, ela falha em todos os outros pontos. Se a igreja não se importa com os seus membros, ela não tem como procurar alcançar os que estão no mundo.

Evangelizando os Incrédulos

No entanto, a igreja tem a responsabilidade de evangelizar os perdidos. Cristo chamou a todos nós para sermos pescadores de homens (Mateus 4:19). Nós somos chamados para sermos o sal da terra e luz sobre uma colina (Mateus 5:13-14). Quando a igreja deixa de fazer novos discípulos, ela cria um caminho seguro para que as portas do inferno prevaleçam na próxima geração.

Contudo, dizer que evangelismo é responsabilidade da igreja não é dizer que a igreja local é obrigada a ter um programa de evangelização organizado. A responsabilidade de evangelizar recai sobre cada membro da igreja. Para alcançar a comunidade, uma igreja não tem que realizar eventos de alcance comunitário, mas apenas encorajar e equipar seus membros para estarem prontos para responderem aqueles que perguntam pela razão da esperança que eles possuem em Cristo (1 Pedro 3:15).

Se a igreja quer evangelizar a sua comunidade, então a igreja não pode fazer nada melhor do que ensinar aos seus membros um Evangelho claro e preciso. A igreja deve equipar e encorajar os discípulos de Cristo a evangelizarem. Todo cristão deve conhecer a mensagem básica do Evangelho e a doutrina da justificação pela fé somente. Compreender a soberania de Deus na salvação também é importante quando se trata de evangelismo. Se a igreja falha em ensinar essas doutrinas centrais, então a igreja está falhando com relação à Grande Comissão.

As Missões Começam em Casa

A evangelização começa com aqueles que estão mais próximos de nós. Devemos amar os nossos próximos, e isso começa com aqueles que estão mais próximos de nós — os nossos familiares perdidos. Nossos filhos precisam do Evangelho. Se não estamos preocupados com a salvação deles, por que estaríamos preocupados com os filhos dos aborígenes nos lugares não alcançados do mundo? Charles Spurgeon foi inflexível a respeito disso: Os pagãos devem ser buscados por todos os meios, e as estradas e sebes devem ser revistadas atrás deles, mas o lar tem a prioridade, e aí daqueles que reverterem a ordem dos arranjos do Senhor.... O ensino dos pais é um dever natural — quem está tão apto a olhar para o bem-estar do filho como aqueles que são os autores do seu próprio ser? Negligenciar a instrução de nossos filhos é algo mais do que brutal. [\[40\]](#)

As missões começam com a paternidade. O principal objetivo da paternidade não é criar filhos obedientes e cidadãos produtivos. É algo muito mais sério — algo impossível. Somente o Senhor pode salvar nossos filhos, mas nós temos o privilégio e a responsabilidade de direcioná-los para Cristo.

A igreja é responsável por ensinar aos pais a respeito do ensino bíblico sobre a paternidade. As igrejas devem encorajar a adoração familiar no lar. Quando se trata de missões, disciplinar o coração dos nossos filhos deve ser a nossa principal prioridade.

Missões Estendidas às Nossas Comunidades

As missões começam em casa, mas devem fluir para as ruas dos nossos bairros. Todo cristão é um missionário; todo cristão deve ser um evangelista. Não somos todos igualmente dotados ou tão extrovertidos como os outros, mas todos somos chamados a ser luz. Quer nos sintamos à vontade para abordar estranhos ou nos sintamos mais à vontade para falar uma palavra oportuna aos nossos amigos, devemos ter o propósito de compartilhar o Evangelho com os outros. Nunca tenhamos vergonha de Cristo! Como Cristo disse: “Porquanto, qualquer que, entre esta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai, com os santos anjos” (Marcos 8:38).

As Missões Terminam nos Quatro Cantos do Globo

A igreja moderna deve ter o mesmo desejo da igreja primitiva. A igreja primitiva não se contentava apenas em alcançar Jerusalém com o Evangelho. Em poucos anos, o Evangelho viajou por todo o mundo conhecido. O objetivo final é resgatar um povo para Deus de todos os povos, tribos, raças e nações.

As Missões Não Devem Ser Separadas da Igreja

Separar missões da igreja é entender mal a Grande Comissão. As missões são de responsabilidade da igreja. A igreja local envia missionários, e eles procuram plantar igrejas locais.

Os cristãos agem de maneira errada ao procurar ser missionários em lugares estrangeiros sem que primeiro busquem estar submetidos a uma igreja local. Infelizmente, há muitos missionários autochamados que se recusam a se submeterem ou serem enviados por uma igreja local. Eles desejam o apoio financeiro das igrejas locais, mas não a sua supervisão. Além disso, até que uma igreja local possa ser plantada em uma região não alcançada e sua liderança seja estabelecida, os missionários devem prestar contas às suas igrejas que os enviaram originalmente. Missões estrangeiras devem fluir para fora da igreja local com objetivo de iniciar novas igrejas locais.

As igrejas devem desejar apoiar e enviar missionários, mas os missionários, como o apóstolo Paulo, devem estar comprometidos em evangelizar os perdidos e plantar igrejas para discipular aqueles que o Senhor graciosamente salva. Paulo elogiou a igreja de Filipos por apoiar seus esforços missionários (Filipenses 4:15). Embora a igreja em Filipos não fosse rica, eles procuravam fazer o que podiam para avançar o reino para além das fronteiras de sua própria cidade.

Paulo não trabalhou em regiões onde já havia uma igreja próspera; ele procurou ir onde não houvesse nenhum testemunho do Evangelho. Os missionários estrangeiros são necessários nas regiões não alcançadas do mundo. Devemos ir (Mateus 18:19), ou devemos enviar (apoiar) aqueles que vão (Romanos 10:15). Já que

plantar igrejas é o objetivo, parece mais sábio apoiar e treinar pastores nativos onde as verdadeiras igrejas já existem. Não faz sentido enviar missionários para lugares que já têm igrejas saudáveis. Pelo contrário, por que não apoiar aquelas igrejas e pastores que já têm uma base de apoio nessas regiões? Os pastores nativos têm muitas vantagens — eles já conhecem a língua, não precisam tirar longas licenças de suas igrejas locais, e provavelmente não sairão da área depois de quatro a oito anos.

A igreja tem recebido uma grande responsabilidade. Apesar de parecer impossível alcançar as nações, a igreja recebeu uma promessa: “E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém” (Mateus 28:20). Portanto, não importa o tamanho da congregação, a igreja não tem desculpa para não fazer das missões uma prioridade.

O objetivo da igreja e o objetivo das missões é a glória de Deus. Nossa preocupação pela humanidade perdida deve nos levar a compartilhar o Evangelho, mas nosso amor por Deus deve fazer nossos corações arderem com grande desejo de ver o nome de Cristo glorificado entre as nações. Oh, que o nome de Cristo seja louvado por todas as nações e tribos! Oh, que o nome de Cristo seja glorificado em nossos lares, glorificado em nossas comunidades e glorificado nos quatro cantos do mundo! Oh, que Cristo seja glorificado na igreja!

Conclusão

Portanto, de acordo com a história da redenção, a natureza da igreja e a Grande Comissão, a igreja deve funcionar como uma embaixada do céu que cresce em unidade, pureza e conhecimento, e se reúne para comunhão, edificação mútua e instrução através da explicação e aplicação das Sagradas Escrituras. A igreja é propagada quando levamos o Evangelho aos nossos familiares perdidos, à comunidade e às partes mais remotas do mundo.

Perguntas para Estudo

1. Qual é a missão da igreja?
2. Quais são as chaves para o reino?
3. Quem recebeu as chaves do reino — (1.) os pastores ou (2.) a congregação ou (3.) a congregação incluindo os pastores?
4. Como é que ser encarregado do Evangelho forma o propósito da igreja?
5. Como as três marcas da igreja (unidade, pureza e verdade) moldam o propósito da igreja?
6. Qual é o objetivo principal da Grande Comissão?
7. Como a missão da igreja deve moldar as atividades da igreja?
8. A igreja é livre para criar o seu próprio propósito?
9. Por que é que as missões começam em casa?
10. Por que a adoração familiar é importante?
11. Quem é o responsável pela evangelização?
12. Por que as missões internacionais devem ser enviadas a partir da igreja local?
13. Por que os missionários devem procurar estabelecer novas igrejas locais?

A Metodologia da Igreja

O objetivo principal e único da igreja é trazer glória a Deus. No entanto, glorificar a Deus não pode acontecer sem santidade, e a santidade não pode existir à parte da verdade. Foi para esse propósito que o Senhor estabeleceu a igreja — para que ela glorificasse a Deus ao ser um meio de evangelizar os perdidos e santificar os santos através da verdade.

Uma vez que a igreja é o povo santo e unido de Deus a quem foi confiada a verdade, segue-se, então, que Deus está apenas pedindo à igreja para ser o que ela é, na prática. Estaria fora de questão, por exemplo, a igreja procurar redefinir a si mesma devido a um desejo de aumentar a sua influência e aceitabilidade no mundo. Ao invés disso, a igreja é chamada para ser ela mesma e viver conforme sua própria natureza em um mundo de trevas, hostil e profano. De um ponto de vista prático, a igreja não deve ser influenciada e moldada *pela* cultura, mas exercer uma influência santificadora *sobre* a cultura.

É precisamente nesse ponto — a forma como a igreja se envolve com a cultura — que a igreja é tentada a abandonar o seu propósito. A Bíblia é clara ao dizer que a igreja é santa e é chamada a ser santa e o mundo é profano e sempre será profano. A cultura do mundo é moldada por seus valores — as coisas da carne — enquanto a cultura da igreja é moldada pelos valores dela — as coisas do Espírito.

Porque os cristãos vivem em ambas as esferas (o reino de Deus e o reino deste mundo), haverá alguma sobreposição nas atividades culturais que o cristão desfruta (por exemplo, música, língua, comida, vestuário). Mas quando a igreja esquece que as principais influências da cultura secular são valores mundanos e que os valores do mundo estão em oposição aos valores espirituais da igreja, não demorará muito para que a igreja seja moldada por esses valores caídos. Quando a igreja começa a ser influenciada pelos valores do mundo e esquece a distinção entre santidade e mundanismo, ela logo esquecerá seu propósito. E se a linha entre uma igreja santa e o mundo secular fica borrada, sem dúvida a igreja se torna antropocêntrica (centrada no homem) em vez de cristocêntrica (centrada em Cristo).

Minimizando a Santidade da Igreja

Frequentemente as igrejas começam a se distanciar de Deus ao comprometer sua santidade em busca de ampliar seu impacto e influência na sociedade. Isso não quer dizer que influenciar a cultura seja um objetivo mau, mas ele nunca deve ultrapassar o objetivo principal. Por quê? Porque uma vez que alcançar o homem se torna uma preocupação mais elevada do que a preocupação em glorificar a Cristo, o propósito da igreja passa a obedecer ao método que é mais eficaz para atrair pessoas à igreja.

O problema é que as pessoas seculares não estão interessadas em adorar e se submeter a um Deus santo. E visto que pessoas carnis não são atraídas por uma igreja cheia de pessoas santas que adoram um Deus santo, a igreja é tentada a secularizar a santidade para ganhar a atenção e a aprovação de uma sociedade secular; ou seja, para superar o desdém que naturalmente uma cultura secular sente pela santidade, a igreja é tentada a pegar o que é santo (a igreja de Jesus Cristo) e *propositalmente* cobri-lo com um papel de embrulho secular para torná-lo mais atraente para pessoas seculares que são moldadas por valores seculares.

Em nome do alcance da comunidade, o foco, a energia e os recursos da igreja começarão a ser desviados da doutrina, que leva à santidade, para criar e manter várias atividades e programas que levarão à expansão. O sucesso será determinado não pela conversão dos pecadores e pelo grau de santidade dos membros, mas em quão eficaz a igreja é em alcançar a comunidade, à medida que isso é evidenciado pelo seu crescimento numérico.

As igrejas começam a competir para ver quem pode atrair o maior número de pessoas. Nesse ponto, há uma corrida em andamento para ver qual igreja pode construir os mais impressionantes prédios para suas instalações. Tudo, desde cafeterias até academias, tem sido empregado pelas igrejas para se tornarem mais receptíveis e atraentes para as pessoas que julgam as igrejas com base em padrões mundanos.

As igrejas de hoje não só procuram atrair pessoas por meios tangíveis, tais como programas, templos e cafeterias, mas também utilizam meios intangíveis, como por exemplo, a criação do “ambiente certo”. Para alcançar a sociedade, as igrejas procuram se tornar culturalmente relevantes, contextualizando a sua aparência, o seu culto e a sua mensagem para manter contato com a cultura secular. Isso pode começar de maneira inocente por parte da igreja, que procura eliminar obstáculos desnecessários que podem impedir que pessoas de fora entrem pelas portas da igreja. Um dos primeiros passos para criar uma atmosfera convidativa é rebaixar o traje de camisa e gravata para calça jeans azul e camiseta.

Não se trata tanto da vestimenta (que por si só é bastante inocente), mas sim de criar um ambiente menos reverente e mais casual. Então a igreja se afasta lentamente do canto congregacional para um estilo de adoração que parece mais divertido — como uma performance de show. Quanto mais os sentidos puderem ser estimulados por meio da música e da iluminação, melhor. Essas mudanças são importantes para criar uma atmosfera relevante para que os não cristãos possam desfrutar e se relacionar — pois isso lhes permite uma transição suave e confortável de um espetáculo secular no sábado à noite para um culto no domingo pela manhã.

Essa mudança de propósito também tem afetado a estrutura dos edifícios da igreja. As igrejas já não querem parecer

“eclesiásticas”, por isso procuram eliminar as torres e encontrar um velho armazém ou um salão de eventos para realizar a sua adoração.

Além disso, mesmo a forma como a igreja retrata Cristo precisa ser contextualizada. O Senhor Jesus não precisa mais ser retratado como santo e digno de reverência, mas como alguém que é moderno e relevante. As igrejas devem trabalhar duro para se manter *relevantes* às tendências e modas em constante mudança do mundo, se quiserem permanecer na vanguarda. Aqueles que estão na equipe da igreja (ou pelo menos aqueles que vão ser vistos no palco) precisam parecer elegantes e atraentes. Toda a imagem ou pessoa relacionada à igreja precisa ser atraente.

Da mesma forma que uma popular cadeia de cafeterias tem se destacado com sucesso ao criar uma experiência pessoal em suas lojas para os clientes, a igreja tem procurado comercializar a si mesma, fornecendo uma impressão multissensorial semelhante para os visitantes. As lojas tradicionais compreendem que precisam oferecer mais do que um preço competitivo para competir com as lojas e vendedores de serviços online; precisam oferecer uma experiência aos seus clientes. Se uma combinação de aromas, música suave ao fundo e cores relaxantes com tons de terra podem estimular a venda de café, talvez as personalidades certas, a iluminação e a música possam estimular o crescimento da igreja. No final das contas, para obter uma audiência mais ampla, a atmosfera, o culto, a mensagem e a imagem da igreja precisam ser aceitáveis e atraentes para a cultura.

Quando a Escritura fala do homem tendo um encontro pessoal com a Presença Divina, ela retrata o homem como impressionado com a santidade de Deus e respondendo com temor e humildade, e depois alegria. A atmosfera que estava presente quando Isaías

entrou no templo, com os querubins cobrindo seus rostos e clamando, “Santo, Santo, Santo”, imediatamente o levou cair sobre seu rosto e exclamar: “Ai de mim” (Isaías 6:1-6), esse não é bem o ambiente que a igreja moderna está procurando reproduzir. Ao contrário, o objetivo da igreja moderna é criar uma atmosfera muito descontraída e casual, que se assemelha a um jogo de futebol, na qual as pessoas, com seus chinelos de dedo, aplaudem enquanto um cântico a “J-E-S-U-S” é entoado. Mais uma vez, essas mudanças retratam a quem a igreja procura agradar.

Minimizando a Depravação do Mundo

Depois que a igreja sensível aos buscadores^[41] baixar o seu padrão interno de santidade, o próximo passo lógico é elevar o nível de bondade dos que estão fora da igreja. Quando se torna difícil distinguir entre a cultura da igreja e a cultura do mundo, a igreja logo verá a humanidade como sendo basicamente boa. O grande problema da sociedade não é o pecado, mas a fome e outras questões sociais. O mundo não precisa mais que Cristo seja um Redentor que salva a humanidade de sua depravação, mas que Cristo seja o grande exemplo que traz alívio aos oprimidos, desprivilegiados, doentes e famintos. A missão da igreja passa de redimir os pecadores para redimir a cultura.

Igrejas que colocam o homem acima de Deus, acabarão pregando um evangelho antropocêntrico e social. Essas igrejas abandonaram a verdade autoritativa da Palavra de Deus, comprometem a santidade (por exemplo, aceitando a homossexualidade), e negam a doutrina da depravação total do homem ao exaltarem a bondade da humanidade. Em troca, o melhor que essas igrejas liberais podem fazer é ajudar o homem a se autoajudar, fornecendo-lhe alguma orientação moral e alguns pratos de sopa ao longo do caminho.

Uma Advertência de Charles H. Spurgeon

Em 1888, Charles Spurgeon viu a igreja da sua época comprometer o seu propósito para ampliar a sua influência no mundo e emitiu esta advertência: Os homens parecem dizer: “Não vale a pena continuar da maneira antiga, tirando um aqui e outro ali da grande massa. Queremos uma forma mais rápida. Esperar até que as pessoas nasçam de novo, e se tornem seguidoras de Cristo, é um longo processo; vamos abolir a separação entre os regenerados e os não regenerados. Venham para a igreja, todos vocês, convertidos ou não convertidos. Vocês têm bons desejos e boas resoluções; isso servirá — não se incomodem com mais. É verdade que vocês não acreditam no Evangelho, mas nós também não. Vocês que creem em alguma coisa ou outra, venham! se não creem em nada, não importa; a “dúvida honesta” de vocês é de longe melhor do que a fé.

“Mas”, você diz, “ninguém fala assim”. Possivelmente eles não usam as mesmas palavras, mas esse é o verdadeiro significado da religião atual; essa é a tendência dos tempos. Posso justificar a afirmação mais ampla que fiz pelas ações ou pelos discursos de certos ministros, que traem perfidamente a nossa santa religião sob o pretexto de adaptá-la a esta era progressista. O novo plano é conformar a igreja ao mundo, a assim incluir uma área maior dentro dos seus limites. Por meio de performances semidramáticas, eles fazem casas de oração se parecerem com teatros; transformam seus cultos em exhibições musicais e seus sermões em discursos políticos ou ensaios filosóficos — na verdade, eles trocam o templo pelo teatro, e transformam os

ministros de Deus em atores, cujo objetivo é entreter os homens.

Não é assim, que o dia do Senhor está se tornando cada vez mais um dia de recreação ou de ociosidade, e a casa do Senhor em uma casa cheia de ídolos, ou um clube político, onde há mais entusiasmo por um partido do que zelo por Deus? Ah! As cercas estão derrubadas, as paredes estão demolidas, e para muitos, doravante, já não há nenhuma igreja a não ser que ela seja como uma parte do mundo, e nenhum Deus, a não ser que ele seja como uma força incognoscível pela qual as leis da natureza trabalham.^[42]

Por favor, não entenda mal! O esforço para alcançar a comunidade, o convite aos não crentes para virem à igreja, as atividades sociais, o jeans azul, as instalações modernizadas e os capuccinos não são errados em si mesmos. Uma igreja não deve ser julgada pelo fato de ter ou não um campanário. Revisar tradições antiquadas e fazer mudanças para ajudar a receber os visitantes pode ser uma coisa boa. Ajudar os necessitados é algo legítimo, e todas as igrejas deveriam evangelizar os perdidos. Além disso, que frequentador de igreja teria problemas com uma boa xícara de café?

No entanto, o problema entra em cena quando as igrejas se preocupam mais com o marketing e a marca de uma imagem (para criar uma impressão estética que apela aos cinco sentidos) do que se preocupam em ser conhecidas como a coluna e firmeza da verdade. A preocupação é quando a igreja está mais focada em criar uma imagem baseada na estética exterior (isto é, edifícios, estilo de música, coreografia e apresentações teatrais para o culto) do que em construir uma reputação baseada em uma beleza interior de santidade. Quando a igreja desvaloriza seu papel como meio de

santificação para os santos e seculariza aquilo que se destina a ser santo para tornar o Evangelho mais atraente para o mundo, ela corre o risco de perder a noção de seu verdadeiro propósito — a glória de Deus.

A Igreja Não Deve Imitar o Mundo

John MacArthur nos lembra que “o mundanismo é o pecado de permitir que os desejos, ambições ou condutas sejam moldados de acordo com os valores terrenos”.^[43] Portanto, quando a igreja, de forma *consciente* e *proposital*, corre atrás das tendências e influências do mundo a fim de obter a aprovação do mundo, então a própria igreja se torna mundana.

O que o mundo precisa não é de uma igreja igualmente mundana. A igreja não precisa adicionar coquetéis às águas vivas para adoçar seu apelo. Acrescentar adoçantes ao Evangelho não só desonra a Cristo, mas não pode satisfazer aqueles que estão verdadeiramente sedentos. Os doentes, os que gemem, os enlutados e aqueles que sabem que estão perdidos não procuram um cristianismo frio ou uma mensagem que tenha sido contextualizada para se encaixar em uma cultura hollywoodiana, mas um Evangelho que seja sério, sincero e sem floreios. O velho e simples Evangelho ainda é relevante para aqueles que estão perecendo e ainda conduz aqueles que são vivificados pelo Espírito a depositarem sua confiança em Cristo Jesus.

A Santidade Interior Afeta as Aparências Externas

Os chinelos de dedo ou os ternos não são a verdadeira questão, e o legalismo e o ascetismo não são a resposta. Equiparar a vestimenta puritana e a hinologia tradicional à santidade não é bíblico, e tentar livrar a igreja de todas as influências culturais é uma insensatez.

O legalismo não é a resposta para o mundanismo. A santidade não se origina de fora da pessoa. Pelo contrário, a santidade vem de dentro (Mateus 23:25-26). Igrejas que procuram estabelecer a santidade a partir de fora, através da imposição de leis rigorosas, não produzirão nada além de orgulho e justiça própria em sua membresia. A imposição de leis externas nunca pode mudar o coração. Em vez disso, a verdadeira santidade vem do alto por meio do Espírito aplicando a verdade da Palavra de Deus ao coração. É por isso que as igrejas devem procurar limpar o interior do copo antes de se concentrarem em limpar o exterior (Mateus 23:26).

Igrejas que se orgulham de suas normas rigorosas de vestuário (ou aquelas que propositalmente procuram parecer fora de moda e antiquadas) estão em perigo de fazer a mesma coisa que as igrejas que intencionalmente procuram se destacar por estarem atualizadas e na moda — ambas estão focando no que é exterior. E quando o foco está no exterior, isso mostra a quem a igreja está procurando agradar — o homem.

Perseguir a santidade não se trata tanto de regular o exterior (ternos ou chinelos), mas sim de focalizar a devoção e o amor interior que a igreja tem por Deus. No entanto, a devoção privada a Deus se refletirá no comportamento e na vestimenta externa da pessoa. A santidade interna do coração se manifesta transformando

o exterior. Quando os cristãos são mudados a partir de dentro, outros notarão observando sua conduta. À medida que os cristãos se preocupam mais com as coisas de Deus, eles se tornarão menos preocupados com as coisas do mundo (1 João 2:15-17). Quando as mulheres cristãs desejarem agradar a Deus, elas naturalmente vão querer se vestir mais modestamente (1 Timóteo 2:9). Em outras palavras, quando a santidade aumenta, o mundanismo diminui.

Dessa forma, as aparências externas são importantes. Por exemplo, Pedro afirma que a beleza que as mulheres piedosas devem procurar demonstrar não é uma beleza exterior que consiste meramente em roupas caras e impressionantes, mas uma beleza interior que consiste em mansidão e quietude de espírito (1 Pedro 3:3-4). Paulo argumenta que a falta de modéstia e o vestuário questionável podem distrair os outros de enxergarem a beleza interior, oculta no coração (1 Timóteo 2:9-10). Quando as mulheres cristãs forem decidir o que devem vestir, elas precisam verificar seus motivos e perguntarem a si mesmas a quem estão procurando agradar e para o que estão procurando chamar a atenção dos outros — para sua beleza exterior ou interior?

Por que uma igreja local desejaria ser conhecida como “a igreja que está na vanguarda”? Isso é colocar o foco na coisa errada. Ao contrário, a reputação que toda igreja deve desejar é a de unidade, pureza e verdade. Não parece razoável que uma igreja que procura promover internamente a *beleza da santidade* dentro de seus membros procure também uma imagem exterior que corresponda à vaidade dos costumes sempre mutáveis de uma cultura cada vez mais secular. Só porque vivemos na *Feira das Vaidades* não significa que tenhamos de parecer com ela sob a alegação de que queremos alertar aqueles que a amam a abandoná-la.

Motivos

Mais uma vez, não entenda mal! A resposta não é que a igreja se retraia de todas as influências culturais e acabe com qualquer preocupação com a estética exterior. Isso não só é impossível, como também não é a verdadeira questão com que devemos nos preocupar. Por exemplo, quando Paulo exortou as mulheres piedosas a se preocuparem mais em mostrar sua beleza interior do que sua beleza exterior, ele não estava sugerindo que elas parassem de pentear os cabelos e eliminassem toda preocupação que pudessem ter com sua aparência exterior. Da mesma forma, há um lugar para o embelezamento das instalações da igreja, execução habilidosa de instrumentos musicais e vestimentas apropriadas para a adoração. Contudo, essas coisas externas não devem ofuscar ou distrair os outros do que é importante — o Evangelho de Jesus Cristo.

Igrejas com diferentes demografias terão naturalmente um aspecto externo diferente. Uma megaigreja em Seattle pode não se parecer com uma igreja pequena e rural no Mississippi, mas nenhuma das igrejas deve procurar se destacar por sua aparência externa. Uma igreja de surfistas, uma igreja de hipsters, uma igreja de pessoas de classe social média e alta ou uma igreja de pessoas de classe social baixa podem ser atraentes para grupos específicos de pessoas, mas tais apelos externos colocam o foco na coisa errada.

Portanto, a verdadeira questão aqui é o *motivo* por trás de tal marketing e apelos externos. Qual é a razão pela qual a igreja quer apelar aos sentidos físicos das pessoas? Eles estão procurando honrar a Cristo ou estão procurando ganhar uma audiência mais

ampla apelando ao desejo das pessoas de serem entretidas e terem seus sentidos físicos estimulados por uma experiência multissensorial? Por que uma igreja buscaria *propositalmente* florear o glorioso Evangelho com imagens que são culturalmente populares (e até mesmo usando pessoas perdidas) para ser ousada, provocadora e desafiadora? As igrejas também precisam ter cuidado para que seus motivos não sejam forjados por um desejo oculto de chocar conservadores, fundamentalistas e tradicionalistas, apelando ao espírito rebelde que é natural do homem perdido.

Quebrando as Barreiras Culturais

É necessário construir uma ponte e buscar alcançar pessoas por amor. No entanto, a melhor maneira de romper as barreiras culturais e de se conectar com os pecadores é apresentando um Evangelho claro, pregado com amor, sinceridade e humildade. O método bíblico de atrair pecadores para Cristo e à sua igreja não se encontra em estratégias superficiais de marketing, mas na demonstração de unidade, pureza e verdade. Aqueles que estão fora da igreja devem ver na igreja algo que eles não têm, algo que desejam, algo que precisam e algo que Hollywood não pode oferecer — a santidade que vem somente pelo glorioso Evangelho de Jesus Cristo.

A verdade e a santidade são relevantes a todas as pessoas e transcendem todas as barreiras culturais. O homem está universalmente buscando um remédio para sua culpa e, portanto, o Evangelho pode se conectar com todos os tipos de pecadores porque é a única cura verdadeira para uma consciência culpada. Essa é uma boa notícia para igreja e para o cristão. A igreja não precisa ser uma igreja de jovens para efetivamente alcançar, entender e se conectar com jovens. O cristão não deve se vestir intencionalmente como um nerd para poder testemunhar do Evangelho aos nerds, nem usar certas roupas para ser um evangelista eficaz nos subúrbios da cidade. Tudo bem, se você usa botas de cowboy ou se você usa chinelos de dedo; o importante é não procurar chamar uma atenção desnecessária para a sua aparência exterior e certificar-se de que há um esforço por levar o Evangelho a todas as pessoas em amor e humildade. Se as pessoas lhe rejeitarem, que não seja porque foram ofendidas por

sua aparência exterior, mas porque foram ofendidas pelo seu Mestre (João 15:20).

Conclusão

Não é necessário que a igreja reembale o Evangelho em um papel de embrulho secular para fazer com que o Deus todo-adorável se torne mais atraente e aceitável para a cultura secular. A marca distintiva de cada igreja verdadeira não deve ser suas instalações, seus programas relacionados à faixas etárias, seu estilo de música, ou qualquer outra questão secundária. Em vez disso, a marca distintiva de cada verdadeira igreja deve ser *a verdade*.

Alcançar a cultura é um bom objetivo, mas não deve se tornar o objetivo *principal*. Quando o faz, a igreja não pode alcançar a cultura efetivamente. Um testemunho prejudicado é a última coisa que o mundo precisa. Ao contrário, a Escritura ensina que o objetivo da igreja deve ser a busca pelo Deus santo. Quanto mais dedicada e rapidamente a igreja buscar a Deus (por meio da verdade), maior será a sua iluminação espiritual neste mundo profano e secular. E somente quando a igreja é cristocêntrica e não se envergonha de todo o conselho de Deus é que ela é uma verdadeira luz no mundo.

Perguntas para Estudo

1. De que forma as igrejas locais são tentadas a perder o foco do seu propósito na tentativa de alcançar a cultura?

2. De que forma você vê as igrejas locais comprometendo seu testemunho para ampliar seu apelo?

3. Por que é importante que as igrejas locais sejam centradas em Deus em sua tentativa de alcançar as pessoas?

4. Por que ser para a igreja ser santa é mais importante do que ser apelativa?

5. Por que a santidade afeta nossas ações externas?

6. As aparências são importantes?

7. Por que a igreja local deve ser centrada em Deus?

O Ensino da Igreja

Muito do cristianismo contemporâneo abandonou suas raízes e se tornou abertamente não confessional. As igrejas não são mais batistas, presbiterianas ou metodistas, mas se tornaram não denominacionais. A Primeira Igreja Batista mudou seu nome para *A Jornada*, e a Igreja Bíblica se tornou a *Igreja Nova Vida*. A *Igreja na Rocha* saiu das Assembleias de Deus, mas quem precisa saber? Em nome do crescimento e da inclusão, as igrejas têm medo de se definir e de dizer para as pessoas no que elas acreditam. A ambiguidade doutrinária substituiu as antigas confissões de fé, e o cristianismo contemporâneo parece bastante satisfeito em se identificar apenas com generalidades vagas. O objetivo é *experimental* Jesus e encontrar significado e propósito pessoal sem nenhuma definição clara. Essa nova atitude é exemplificada nesta declaração que alguém postou no Facebook: Teologia e doutrina são muito raramente (se é que alguma vez foram) amigas de Jesus. Elas são bem-intencionadas, mas o inimigo não ama nada mais do que ver os filhos de Deus renunciando a um relacionamento de amor vibrante e apaixonado com Jesus e substituindo-o por declarações doutrinárias e teses. Por favor, nunca abra a Bíblia para encontrar o que dizer aos outros sobre o que você acredita; abra a Palavra de Deus para estar na presença dele, para falar com ele e para que ele fale com você. Jesus odeia ser estudado. Ele é uma pessoa e convida você a conhecê-lo.

Embora isso soe espiritual, é ingênuo pensar que é possível conhecer a Cristo *experencialmente* sem a doutrina bíblica. Tais

afirmações não são apenas ingênuas, são contraditórias. Aqueles que fazem tais afirmações estão fazendo uma declaração doutrinária e dizendo aos outros no que acreditar.

Essa substituição de confissões por concessões é a nova teologia mística do cristianismo de hoje. Parece haver várias razões pelas quais o cristianismo contemporâneo substituiu suas confissões doutrinárias por generalidades vagas e imprecisas: (1.) indiferença, (2.) ignorância, (3.) pragmatismo e (4.) misticismo.

Dentre essas quatro razões, o misticismo é o que queremos expor mais demoradamente neste capítulo. Não é que as outras três razões sejam irrelevantes, mas parece que o misticismo é a verdadeira raiz por trás das outras três. Entretanto, antes de saltarmos para o misticismo, falaremos rapidamente sobre as três primeiras razões pelas quais as confissões foram descartadas pelo cristianismo contemporâneo.

1. A Indiferença

Alguns cristãos não enxergam nenhum valor nas confissões de fé. Não é como se esses crentes fossem contra as confissões, eles simplesmente não lhes dão muito valor. Eles pensam algo semelhante a isto: A doutrina não é assim tão importante contanto que as pessoas amem a Jesus. Quando procuram por uma nova igreja para se juntar, os membros desse grupo não estão tão preocupados com os padrões doutrinários da igreja tanto quanto estão em saber a respeito das programações para as crianças e sobre o estilo musical de adoração. Para eles, o que caracteriza uma boa igreja não são suas crenças, mas suas programações atraentes.

2. Ignorância

Geralmente, esse grupo consiste daqueles que se orgulham de fazer da Bíblia a sua confissão de fé preferida. “Nenhum credo senão a Bíblia” é o seu credo. Aqueles que se orgulham desse tipo de posição anticredal geralmente pensam que um credo ou confissão suplantam a Palavra de Deus como a autoridade suprema de fé e prática. Esse ponto de vista pode vir de um coração bem intencionado, mas também provém de uma mente desinformada. Como B.H. Carroll explicou: Nunca houve um homem no mundo sem um credo. O que é um credo? Um credo é o que você acredita. O que é uma confissão? É uma declaração do que você acredita. Essa declaração pode ser oral ou pode estar expressa de forma escrita, mas o credo está lá, expresso ou implícito.^[44]

O argumento de Carroll é que é impossível não ter um credo ou uma confissão. Só porque uma igreja se recusa a adotar uma confissão ou a expor suas crenças por escrito, não significa que não possuam credos, pois elas possuem o seu próprio modo de interpretar as Escrituras. Dizer, “eu não tenho nenhum credo senão a Bíblia”, é como dizer, “meu único credo é a minha compreensão da Bíblia” e, contudo, recusar-se a esclarecer, de forma elaborada, a sua compreensão da Bíblia. O fato de a igreja ser encarregada de pregar e ensinar a Bíblia é uma evidência de que a igreja deve fazer com que sua interpretação da Bíblia seja conhecida por todos.

3. Pragmatismo

Outra razão pela qual as igrejas não querem se definir doutrinariamente é por pensarem que as confissões públicas são muito restritivas. As confissões devem ser guardadas no sótão porque o objetivo é crescer. Assim, quanto mais inclusiva for a igreja, melhor. Para se acomodar ao objetivo dos dias de hoje, o credo da igreja passou a ser agora: “Mentes abertas, corações

abertos e portas abertas”. Esse credo é inclusivo e não fecha a porta para nenhuma pessoa religiosa. Esse tipo de abertura ecumênica provém da recusa em defender publicamente a verdade.

Para essas igrejas, dizer que possuem uma “mente aberta” significar dizer que elas ainda não chegaram a quaisquer conclusões até agora. Todos os visitantes, com suas diversas opiniões e estilos de vida, são bem-vindos para participar da discussão em curso. Afirmar e expor a depravação do homem, por exemplo, pode ofender os visitantes e impedi-los de vir à igreja e experimentar Jesus na adoração. Assim, é melhor minimizar a verdade doutrinária e manter o amor (uma emoção subjetiva) e um Jesus sem sabedoria como o ponto central. Essas igrejas pensam que esse modo pragmático de agir é a melhor maneira de fazer a igreja crescer e conectar as pessoas ao amor de Jesus.

Pelo fato de que a solidez doutrinária não é uma prioridade para a maioria das pessoas que vão à igreja, as igrejas intencionalmente se recusam a fazer da solidez doutrinária a sua prioridade. Menos verdade significa mais pessoas, infelizmente. E porque seu objetivo final é crescer, essas igrejas se contentam em confessar o mínimo possível para se manterem dentro dos limites da ortodoxia cristã.

4. Misticismo

Um dos principais problemas — se não o principal — do cristianismo anticonfessional de hoje é o misticismo. O misticismo é uma tentativa de encontrar um sentido à parte das definições. Ele busca uma experiência existencial para autovalidação e uma experiência pessoal que “fala comigo” fora da Escritura. Por causa de um desejo por algo novo ou diretamente pessoal, as pessoas não estão buscando por instrução doutrinária.

Para que as igrejas ajudem a trazer os visitantes descrentes (que não estão interessados em conhecer e obedecer a Deus) a uma experiência de adoração, eles precisam manter o foco fora da verdade das Escrituras — pois os descrentes podem desfrutar do culto enquanto não souberem quem e o que eles estão adorando. E se as igrejas puderem manter o foco nas *emoções* do adorador, então os adoradores incrédulos podem adorar mesmo não crendo.

Não precisa haver nenhum fundamento doutrinário por trás da emoção, desde que as emoções sejam *autênticas*. Quando palavras são usadas, não é o seu significado objetivo que é importante, mas, ao contrário, as suas conotações subjetivas. Termos religiosos vagos como *Deus*, *Espírito*, *Jesus*, e até mesmo a palavra *Evangelho* são bem aceitas desde que não estejam claramente definidos. É melhor permitir que os adoradores se sintam espirituais sem ter que pensar, do que fazer com que eles se sintam não espirituais porque foram forçados a pensar. Se as palavras usadas na adoração permanecem vagas, os adoradores podem experimentar um momento transcendente sem serem confrontados por um Deus santo enquanto permanecem em seus pecados. E novamente, quanto mais espirituais, transcendentais, místicas e vagas forem as letras dos cânticos e o sermão, maior a probabilidade de estimularem uma experiência emocional e inefável para o adorador.

O objetivo desses adoradores começa com um desejo de ter uma conexão espiritual com Deus, mas a experiência em si é mais buscada do que o próprio Deus. “Eu estou aqui para adorar”, como diz a canção, pode conduzir a esse tipo de autofoco. É esse impulso e desejo de uma experiência mística hoje que atua como uma nuvem escura e espessa infiltrando-se nas fendas da igreja contemporânea com a promessa de proporcionar uma adoração

“autêntica”. Em resumo, para que o misticismo funcione, o ensino doutrinário claro deve ser deixado como uma coisa do passado.

A Natureza do Misticismo

O misticismo pode parecer um assunto misterioso e difícil de se entender, mas os princípios básicos do misticismo são simples. Em todas as várias formas de misticismo, há três ideias básicas: 1. A realidade última é inefável ou incognoscível (transcendendo a linguagem humana e o pensamento racional).

2. A única maneira de conhecer essa realidade última é por meio de alguma forma de experiência existencial (por experiência *existencial*, quero dizer uma experiência que transcende o processo racional do pensamento cognitivo).

3. Uma vez que os místicos ou adoradores tenham experimentado a realidade última, é impossível para eles comunicar ou compartilhar essa experiência com outros — pois ela permanece inefável e, portanto, misteriosa. Diferentes tipos de misticismo têm rótulos diferentes para essa “realidade última” e vários métodos para alcançar essa experiência existencial, mas todos eles procuram alguma forma de conexão com a realidade última que transcende o processo do pensamento cognitivo.

A linha de fundo é que o misticismo permite que o adorador ou visitante religioso tenha uma experiência sem ter que fundamentá-la objetivamente com a Escritura.

A Influência do Misticismo

A igreja emergente nada mais é do que uma forma de misticismo — uma tentativa de encontrar um sentido sem absolutos. Pensar que o resto do cristianismo não foi influenciado pelo misticismo é ingênuo. As igrejas em todo o mundo se desviaram da experiência enraizada na doutrina para a experiência enraizada no misticismo. Os sermões se afastaram da teologia (como conhecer e amar a Deus) para discursos motivacionais (como ter sua vida melhor agora). Quando os termos teológicos são usados, eles permanecem vagos e sujeitos a diversas interpretações. A música tem tido prioridade sobre a pregação. As letras ricas e doutrinárias dos antigos hinos que focalizavam a obra de Cristo foram substituídas por algumas palavras superficiais e repetitivas que focalizam as emoções do adorador. O culto contemporâneo é predominantemente composto por indivíduos imersos em seus próprios sentimentos e em amor para com um deus vago ao invés da igreja louvando corporativamente ao Deus da Bíblia por seu amor como manifestado na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

A razão pela qual o misticismo é tão popular nas igrejas não é necessariamente porque oferece significado e esperança em um clima pós-moderno de falta de sentido e desespero, mas porque pode fazer as pessoas não espirituais se sentirem espirituais. Essas experiências místicas são reais para o adorador e são facilmente criadas pela equipe da igreja encarregada de dirigir o culto. Apagar as luzes, deixar as pessoas entusiasmadas pela batida e pelo ritmo da música, proferir alguns jargões religiosos, levar os adoradores a se concentrarem em suas emoções e — pronto! — as pessoas se sentem espirituais.

Outra razão pela qual o misticismo é eficaz é que o homem é religioso por natureza e tem um desejo inato de adorar. Crie a atmosfera certa, então dê aos pagãos um ídolo (ou aos brasileiros um Jesus legal), e eles adorarão. Para testemunhar essa adoração superficial, tudo o que você tem que fazer é acompanhar seus amigos não convertidos até a igreja e vê-los levantar as mãos enquanto se entregam no *ato* de adoração. Isso não quer dizer que o verdadeiro cristão que está no mesmo banco não esteja adorando o verdadeiro Senhor Jesus. Mas que simplesmente por manipular a atmosfera é possível criar a falsa adoração na pessoa que estão ao lado. Retenha a teologia das pessoas e lhes dê emocionalismo, e elas desfrutarão de uma experiência mística de se sentirem espirituais.

Como Corrigir o Misticismo

Claro que existem alguns paralelos entre a teologia mística e o cristianismo bíblico. Um conhecimento salvífico do Senhor Jesus Cristo inclui mais do que uma compreensão cognitiva das declarações da verdade bíblica (Tiago 2:19). Pela fé, as pessoas experimentam um conhecimento pessoal do Senhor Jesus (Efésios 3:14-19). Esse conhecimento salvífico traz um amor, alegria e paz indizíveis. Além disso, esse conhecimento experiencial de Cristo Jesus vem somente pela iluminação espiritual. Assim, um conhecimento pessoal do Senhor é incomunicável — pois é impossível compartilhar nosso conhecimento experiencial de Cristo Jesus com outros.

Dito isso, o cristianismo bíblico não é misticismo. A diferença fundamental é que a fé salvífica e o conhecimento experiencial de Cristo Jesus não vêm de uma experiência existencial que transcende o pensamento cognitivo e racional. Não há um salto de fé para as trevas da ignorância, mas sim um salto de fé para a luz da Palavra de Deus. A fé salvífica vem somente pelo ouvir, e o ouvir vem somente pela Palavra articulada de Deus sendo claramente proclamada (Romanos 10:17). Conhecer a Cristo inicialmente e crescer no conhecimento do Senhor requer o conhecimento das Escrituras (João 17:17). A doutrina, inclusive a doutrina profunda, é vital para a vida cristã (2 Tessalonicenses 2:13). Além do mais, *doutrina* significa simplesmente ensino bíblico. Portanto, se a igreja quer ajudar as pessoas na adoração e no crescimento espiritual, então eles colocarão o foco no ensino da Palavra de Deus escrita.

O erro do misticismo é que ele é fundamentado no falso pressuposto de que Deus é inefável e incognoscível. Sim, estamos

limitados pela nossa finitude, mas isso não exclui a possibilidade de comunicação divina entre Deus e o homem. Em primeiro lugar, o homem foi criado à imagem de Deus, o que proporciona um terreno comum entre o Deus infinito e o homem finito. Por causa desse terreno comum, o homem não só é capaz de se comunicar com Deus, mas Deus é capaz de se comunicar com o homem. Segundo, Deus tem se comunicado ao homem por meio da revelação natural e da revelação especial (Salmos 19:1-6).

Portanto, Deus não é incompreensível. Além disso, a revelação divina é universalmente compreensível, a ponto de deixar todos os homens sem desculpas (Romanos 1:20).

E quanto aos efeitos noéticos da queda — os resultados da depravação sobre a mente? A Escritura não diz que o homem natural é incapaz de discernir a verdade espiritual (1 Coríntios 2:14)? Sim, o homem caído é alienado da vida de Deus e não tem conhecimento pessoal dele. Devido à depravação de seu coração, o homem permanecerá incapaz e relutante em colocar sua fé e confiança em Deus. Mas isso não significa que o homem caído não possa compreender racionalmente a verdade — as reivindicações das Escrituras. A Bíblia não é irracional nem contrária à percepção sensorial. Na verdade, a cosmovisão bíblica é a única que discerne a realidade como percebida pelos sentidos empíricos. É a única visão de mundo racionalmente consistente consigo mesma.^[45]

O problema do homem caído não é a falta de evidência ou de compreensão da verdade, mas a ausência de apreço e amor pela verdade. A luz veio ao mundo, e a Bíblia diz que o homem amou as trevas ao invés da luz (João 3:19). O problema com o pensamento do homem está na sua recusa em se submeter, não na falta de provas. O homem ama a si mesmo. O homem ama a noção que entretém a respeito de sua própria autonomia. O homem ama o seu

pecado. Portanto, o homem prefere acreditar em uma mentira ou aceitar uma cosmovisão inconsistente do que se submeter a um Deus santo (2 Tessalonicenses 2:10-11). O homem está submisso ao seu coração depravado. Essa falta de submissão ao Deus santo é o problema, por isso o Senhor disse que mesmo que uma pessoa fosse ressuscitada dos mortos, isso não convenceria um pecador a se arrepender (Lucas 16:31).

A questão é que a revelação divina é eficaz na comunicação da verdade ao homem caído, mesmo que ele não a aceite. O conhecimento e a rejeição da verdade pelo homem será a própria coisa que o condenará no dia do julgamento.

Uma Defesa das Confissões

O remédio para o misticismo não é eliminar as emoções e experiências da fé cristã. Isso levaria, de fato, a uma ortodoxia morta. Emoções são vitais para a fé cristã, e não há salvação sem um conhecimento experiencial de Cristo. As canções de louvor têm o seu lugar para expressar as emoções do adorador.

Mesmo assim, a resposta ao misticismo é assegurar que nossas experiências e emoções estejam fundamentadas na verdade bíblica. E assim o é porque Deus escolheu transformar o coração pela verdade. Não há nenhum encontro pessoal com Deus à parte da verdade.

Mais uma vez, a minha principal preocupação aqui é chamar a atenção para o popular misticismo autocentrado dos nossos dias. Sem dúvida, há um lugar adequado em nossas vidas para uma experiência mística da verdade e de Cristo, conduzida pelo Espírito, que esteja em harmonia com a Escritura, mas nunca à parte dela ou em contradição com ela. A resposta dos nossos corações e pensamentos, em um verdadeiro tipo de mística bíblica, sempre exalta Cristo e não a experiência em si.

Conclusão

Em conclusão, mesmo que tudo no universo esteja em fluxo, Deus é constante, pois o grande *EU SOU* nunca muda. Deus é o ponto de referência último, e o Deus absoluto e imutável quebrou o muro transcendente que separa o infinito do finito e nos falou claramente em sua Palavra — o fundamento de nossa fé. Devido ao fato de sermos feitos à semelhança de Deus, nós somos os destinatários adequados dessa comunicação. No entanto, por causa da queda, podemos interpretá-la mal. Contudo, porque a Bíblia pode tanto ser compreendida como mal compreendida, a verdade não se torna relativa. Ao contrário, a verdade e o erro são antitéticos; uma interpretação da Escritura ou é certa ou errada. Ou as pessoas entendem o significado pretendido da Escritura corretamente, ou não o entendem.

Porque a verdade é cognoscível e absoluta, as confissões de fé são ainda mais importantes. Se fosse impossível entender a Bíblia, ou se fosse impossível entendê-la de forma errada, então nenhuma confissão de fé seria necessária. Mas visto que existem interpretações corretas e interpretações incorretas, é essencial saber o que uma igreja crê para comparar sua confissão de fé com a Palavra de Deus. Cada membro ou potencial membro da igreja tem o direito de saber como a igreja interpreta a Escritura. Visto que há uma grande quantidade de falsos ensinamentos por todos os lados, não é suficiente que as igrejas apenas digam que acreditam na Bíblia ou simplesmente que amam a Jesus. Esse tipo de confissão genérica diz pouco. É a verdade que salva e é a verdade que santifica. É hora de a igreja local parar de se esconder atrás de generalidades vazias e termos religiosos indefinidos em nome de

experiências místicas infundadas, e começar a afirmar claramente no que cremos.

Perguntas para Estudo

1. Quais são as quatro razões apresentadas neste capítulo sobre por que as igrejas minimizam a doutrina?

2. Por que o pragmatismo é um problema tão grande nas igrejas?

3. Por que é impossível para os crentes e igrejas não terem uma profissão de fé?

4. O que é o misticismo?

5. Por que o misticismo é uma ameaça à sã doutrina?

6. Porque é que o misticismo é tão apelativo?

7. Por que as igrejas devem confessar o que acreditam?

8. Por que as declarações confessionais são importantes?

PARTE 4

O Culto da Igreja

Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.

João 4:24



A Teologia do Culto

Dado que o propósito da igreja é promover a maturidade pela unidade, pureza e verdade, então as atividades e funções específicas da igreja devem ser focalizadas para alcançar esses objetivos mais amplos. Porém, muitas igrejas se perderam nesse ponto. A ênfase foi retirada desses objetivos bíblicos e colocada em preocupações secundárias ou, pior ainda, centradas no homem. Frequentemente, o crescimento numérico se tornou a prioridade, demandando ser feito o que quer que fosse necessário para preencher os bancos de igreja, mesmo que o método empregado não tivesse qualquer fundamentação bíblica. Ao fazer isso, muitas igrejas abandonaram o modelo bíblico, e se tornaram pragmáticas, relativistas, mercantilizadas e voltadas para o consumidor.

Esse tipo de filosofia — de que os fins justificam os meios — reduz a igreja a nada mais do que uma empresa destituída de poder do alto. Atividades desordenadas e divididas por idade, que desconectam a família e criam “sua própria experiência pessoal de adoração dinâmica”, devem ser realizadas conforme previamente anunciado. Por que esse modelo caracterizado por apelo e barganha se tornou tão popular? Simplesmente porque isso é o que os frequentadores da igreja moderna estão procurando em um estilo de vida já tão agitado. Lamentavelmente, muitas pessoas escolhem uma igreja não por causa de sua fidelidade às Escrituras e de sua unidade e semelhança com Cristo que veem em seus membros, mas pelo estilo musical de adoração e pelo número de programas e atividades sociais oferecidas. As pessoas procuram conexões

sociais e, portanto, são atraídas pelas igrejas frequentadas por mais pessoas. Os pais desistem de sua escolha por uma determinada igreja, sob o pretexto de querer o que é melhor para as crianças. E assim, em busca de uma igreja que lhes atenda, eles vão ao cardápio de igrejas disponíveis no mercado, as quais entraram em uma concorrência frenética para oferecer a próxima técnica de atração e sedução. Tais igrejas sensíveis aos que buscam têm se preocupado em dar às pessoas o que elas querem, não o que elas precisam. Elas deixaram de tentar agradar a Deus e caíram na armadilha de tentar agradar aos homens. Como tais igrejas funcionam mais como um negócio, elas estão prontas oferecer tudo aquilo que passar a ser procurado.

A igreja primitiva tinha uma abordagem muito mais simples ao focalizar na Palavra pregada, na comunhão e na oração (Atos 2:42). Por mais que isso soe aos ouvidos modernos como algo nada emocionante, foi isso que a igreja primitiva procurou fazer. Substituir esses objetivos bíblicos por interesses secundários ou centrados no homem só pode resultar em um cristianismo nominal.

Para entender porque a igreja deve cultuar a Deus através dos meios prescritos, é importante entender como o culto funciona. Em última análise, o que determina como uma igreja se esforça para cultuar a Deus é a teologia dela.

Em outras palavras, embora a composição cultural e demográfica de uma congregação possa influenciar o seu culto, a principal característica que molda o culto é a teologia da igreja. Toda igreja tem crenças fundamentais sobre Deus, a salvação e o homem. Mesmo uma teologia pobre e ruim ainda é uma teologia, e a teologia de cada igreja molda o seu culto. O culto católico romano se concentra em torno da missa porque a teologia católica da salvação é baseada nos sacramentos. A teologia de Charles Finney levou muitos na igreja mudarem de um culto orientado por palavras

para um culto orientado para a emoção. Por quê? Porque, de acordo com Finney, a salvação é o resultado de apelo emocional e persuasão. Da mesma forma, o pragmatismo é a teologia que finalmente impulsiona a igreja sensível ao que busca. Assim, as exigências do consumidor fizeram com que a igreja transformasse seu culto em uma forma de entretenimento temperada com uma lição terapêutica e motivadora. A *criatividade* no culto, que é enfatizada pela igreja emergente, é baseada em uma teologia em constante mudança e que não contém absolutos.

O ponto aqui é que a teologia é importante quando se trata de culto. Nós aprendemos o que uma igreja acredita sobre Deus, o homem e a salvação, pela forma como a igreja cultua a Deus. Por essa razão, a igreja precisa adorar de uma maneira que reflita uma teologia sólida de culto. Se a igreja deseja adorar a Deus, é fundamental que ela primeiro saiba o que é o culto *bíblico*.

O Culto Tem sua Origem em Deus

Cultuar é render a Deus a glória (valor), honra e louvor devido ao seu nome. No entanto, tal adoração é impossível por parte de um coração descrente e de uma mente que está em trevas. Antes que alguém possa adorar a Deus apropriadamente, ele deve conhecer a Deus.

Portanto, o homem nunca cultuará a Deus de forma aceitável à parte da revelação divina. Isso acontece porque o culto é o resultado da revelação de Deus ao homem. Somente depois que o homem vir quem Deus realmente é e receber um coração para temer, amar e apreciá-lo, é que ele realmente se submeterá e dedicará sua vida e louvor a Deus. O fato de a adoração ser iniciada por Deus implica onde não há revelação e conhecimento de Deus, não há verdadeira adoração a Deus (João 4:22). Pois sem teologia saudável, a adoração é idolatria.

Por outro lado, quanto mais conhecemos a Deus, mais profunda será a nossa adoração a Ele. No final das contas, Deus deve primeiro revelar a si mesmo ao homem para que ele possa *verdadeiramente* cultuá-lo. Portanto, a adoração é sempre uma resposta à verdade que Deus revelou sobre ele mesmo em sua Palavra.

O Culto é por Meio de Cristo

A adoração procede de Deus, e Deus escolheu se revelar somente por meio de Cristo. Nosso conhecimento de Deus vem até nós por meio da pessoa de seu Filho Jesus Cristo (2 Coríntios 4:4). Além disso, por causa da impureza e indignidade do homem, o culto deve sempre retornar a Deus por meio de Cristo (1 Timóteo 2:5). Não há outro caminho para o Pai senão através da obra expiatória do Senhor Jesus Cristo.

O Culto é em Verdade

Cristo Jesus nunca nos será conhecido a não ser através da verdade que se encontra na Sagrada Escritura (Romanos 10:14-15). Se o culto é derivado do conhecimento de Deus, então ele deve estar enraizado na verdade da Escritura. A fé está no coração do culto, e os adoradores devem viver de toda Palavra inspirada que saiu da boca de Deus — as palavras que são registradas na Sagrada Escritura. Novamente, culto sem teologia é idolatria.

O Culto é pelo Espírito

Devemos adorar em verdade, mas a verdade nunca penetrará ao coração à parte da iluminação do Espírito Santo (1 Coríntios 2:10-16). Portanto, também devemos adorar em Espírito. No entanto, o Espírito nos fala pelas, nas e através das Escrituras. Se hoje a igreja anseia por ouvir a voz do Espírito, então a igreja deve ensinar as Escrituras. O culto em Espírito, portanto, deve ser baseada na verdade das Escrituras. É por isso que o Espírito deve capacitar nosso culto para que ele seja aceitável a Deus.

O Culto é Prestado em Santidade

A verdade iluminada pelo Espírito santifica e muda o coração do adorador (João 17:17). Temor, amor, culto e louvor só podem vir de um coração que tenha sido purificado pela Palavra de Deus. O culto acontece quando a mente e o coração do adorador são convertidos da rebelião e do orgulho para a submissão e a humildade. Contudo, humildade e devoção procedem apenas de um coração espiritualmente regenerado e transformado pela poderosa verdade da Palavra de Deus. É somente quando o adorador é santificado pela Palavra que ele pode oferecer um culto aceitável a Deus. Sem *santidade*, o culto é em vão.

O Culto é para Deus

Somente depois que os adoradores tiverem sido transformados é que eles naturalmente, livremente e de boa vontade oferecerão sua reverência, submissão, louvor e serviço a Deus (Mateus 16:17). Só depois de terem recebido novos olhos para ver a majestade de Deus é que eles verão que só ele é digno de todo o seu louvor. A adoração vem de Deus; e volta para Deus, pois a glória pertence somente a Deus.

Conclusão

Em suma, Deus é o autor, capacitador e objeto do nosso culto. Nós não podemos adorar a Deus sem o poder de Deus. O Espírito de Deus deve iluminar a verdade do Filho de Deus para que nós possamos dar glória a Deus. Nós não podemos cultuar a Deus se não o fizemos em Espírito e em verdade. Se essa é a teologia do culto, o modo como a adoração funciona, então é impossível cultuar a Deus à parte da Palavra de Deus.

Perguntas para Estudo

1. Como aprendemos sobre o que uma igreja crê ao observarmos como a igreja adora?
2. Podemos iniciar a verdadeira adoração? Por que sim ou por que não?
3. Por que o verdadeiro culto vem de Deus?
4. Por que a adoração aceitável tem que ser mediada através de Cristo?
5. O que Cristo quis dizer quando afirmou que nós devemos adorar em verdade?
6. Como o Espírito capacita o culto?
7. Nós podemos adorar a Deus sem santidade?

Os Elementos do Culto

Porque a verdadeira adoração é a resposta apropriada à Palavra de Deus, nós não podemos cultuar a Deus à parte da Palavra de Deus. E, se não podemos cultuar a Deus à parte da sua Palavra, então não somos livres para inventar novas abordagens para cultuar a Deus só porque elas ajudam a facilitar uma experiência emocional. Nós não podemos experimentar verdadeiramente o que não conhecemos, e não podemos conhecer a Deus a menos que ele se revele a nós em sua Palavra. Adoração, temor a Deus, obediência e louvor vêm somente de um coração que tem sido iluminado pela Palavra de Deus. Portanto, a Palavra de Deus deve ser central à vida e adoração da igreja. Em outras palavras, onde a Palavra está ausente, não há nem uma igreja verdadeira nem uma adoração verdadeira.

Por essa razão, o culto está restrito aos meios divinos pelos quais Deus prometeu nos comunicar a sua Palavra. Esses meios, conhecidos como *meios ordinários de graça*, incluem: pregar a Palavra de Deus, ler a Palavra de Deus, cantar a Palavra de Deus, orar a Palavra de Deus, ver a Palavra de Deus nas ordenanças e comunhão em torno da Palavra de Deus. E a única coisa que os meios de graça ordinários têm em comum é que todos eles são os meios prescritos que Deus deu à igreja para comunicar sua Palavra.

Quais são, então, as verdadeiras atividades bíblicas da igreja local? De acordo com as Escrituras, a igreja deve se reunir para glorificar a Cristo na busca da unidade, pureza e verdade, concentrando-se em cinco atividades simples.

1. Cultuar a Deus através da Pregação da Palavra

Martyn Lloyd-Jones acreditava que a pregação não é apenas a tarefa principal da igreja, mas que tudo o mais realizado pela igreja é subsidiário a ela.^[46] E João Calvino disse: “A igreja é edificada apenas pela pregação expressa, e os santos são mantidos unidos por um padrão apenas”.^[47]

No entanto, algumas igrejas têm a impressão de que cantar (por causa do poder que a música tem sobre nossas emoções) é o meio mais eficaz de cultuar a Deus. Consequentemente, o tempo destinado ao canto tem aumentado, enquanto os sermões têm se tornado mais curtos. Quarenta anos atrás, Martyn Lloyd-Jones notou uma mudança da igreja com em relação à pregação: Tem sido esclarecedor observar essas coisas; como a pregação tem declinado, e outras coisas têm sido enfatizadas; e isso tem sido feito de forma completamente deliberada. É, em parte, devido a essa reação contra a pregação que as pessoas têm sentido que é mais digno prestar maior atenção ao cerimonial, à forma e ao ritual. Pior ainda tem sido o aumento do elemento de entretenimento no culto público — o uso de filmes e a introdução de mais e mais cantos; a leitura da Palavra e a oração tiveram seu tempo drasticamente encurtado, porém mais e mais tempo tem sido destinado aos cânticos.^[48]

É verdade que o canto congregacional é uma parte essencial do culto, mas não deve ser a parte principal dele. Veja quantas vezes no Novo Testamento as palavras *pregar*, *pregando*, *ensinar* e *ensinando* são escritas em comparação com *cantar*, *cantando*, *hinos*, *cânticos*, e outras palavras relacionadas. A pregação é a atividade que foi predominante realizada por Cristo, Seus apóstolos e a igreja ao longo do Novo Testamento. Se as igrejas querem voltar

ao modelo bíblico de como cultuar a Deus, então a pregação deve ser colocada de volta em sua prioridade bíblica!

Por que é que as igrejas tiraram a atenção da pregação e a colocaram no canto? Muitas vezes é porque cantar é divertido e mais apelativo para os sem igreja. Se não for por essa razão, pode ser porque a música pode criar uma espécie de experiência de adoração poderosa para o adorador. A emoção é muitas vezes elevada acima do conhecimento. Por outro lado, a pregação bíblica e doutrinária é vista por muitos como chata e enfadonha, e, às vezes, condenatória e difícil de suportar.

Cantar, por outro lado, é agradável e até empolgante. A música tem o poder de criar uma experiência mística de adoração, até mesmo para os incrédulos. É aqui que o não convertido pode se sentir à vontade e um pouco espiritual. Quanto mais dinâmica for a música e quanto mais sentimentos positivos puderem ser despertados, melhor. Através da música, mesmo os incrédulos podem desfrutar de uma experiência de adoração dinâmica. Se essa abordagem é mais eficaz para encher os bancos, então por que não a usar?

Contudo, seguindo o escopo das Escrituras Deus é mais glorificado e os santos são mais edificados quando a Palavra de Deus é explicada com precisão à mente e é corretamente aplicada ao coração pelo poder do Espírito Santo, e não por um despertar das emoções através do poder da música. A pregação desperta ambos, a mente com a sã doutrina e o coração, com a aplicação prática — e isso é o que é necessário. A pregação exhibe a glória de Deus e é o principal meio que ele escolheu para salvar os perdidos e santificar os santos (1 Coríntios 1:18; Efésios 4:11-15). Uma pregação profunda resultará em uma adoração profunda.

2. Cultuar a Deus através da Oração da Palavra

Uma segunda atividade vital da igreja é a oração individual e corporativa. A realidade e vitalidade de uma igreja é diretamente proporcional à sua vida de oração (Mateus 21:13). Onde há uma igreja com pouca ou nenhuma oração, há uma igreja com pouca ou nenhuma vida.

A falta de oração é o motivo pelo qual as igrejas podem se tornar tão fracas; a falta de oração é o motivo pelo qual pode haver tão pouca eficácia no momento da pregação. E é por falta de oração corporativa (e privada) que as pessoas podem se tornar tão insensíveis ao que ouvem na igreja contemporânea. A oração é como um cabo elétrico que nos conecta ao céu; sem ela, simplesmente não há poder. Os bancos da igreja podem estar todos ocupados no domingo de manhã, mas veja como eles estão vazios na reunião de oração na quarta-feira à noite.

Se a igreja fosse realmente dependente de Deus, então ela deixaria de fazer pesquisas e consultorias de marketing e cairia de joelhos diante de Deus em oração particular e corporativa (Salmos 127:1). Ah, se as igrejas entendessem a magnitude da oração — pois a oração não é apenas uma atividade boa, ela é essencial.

3. Cultuar a Deus por meio de Ver a Palavra nas Ordenanças

A igreja foi encarregada de duas ordenanças bíblicas: o batismo do crente e a ceia do Senhor (1 Coríntios 11:26, Atos 2:41). O batismo é um testemunho público de arrependimento do pecado e um ato de obediência ao Senhor. Embora o batismo não seja essencial para a salvação, é altamente improvável que uma pessoa tenha realmente nascido de novo e ainda assim não tenha um grande desejo de seguir o Senhor nesse primeiro mandamento que

Deus dá ao novo cristão (Atos 2:38). O batismo é uma confissão pública de Cristo (Mateus 10:32-33) que evidencia à igreja e ao mundo que houve uma transformação radical no interior do crente. O batismo também é um sermão visível. Demonstra uma realidade espiritual da morte para o pecado e da ressurreição para a novidade da vida em Cristo Jesus.

A ceia do Senhor é um memorial da morte de Cristo (1 Coríntios 11:26). Como o batismo, a ceia do Senhor é um sermão visível que ilustra uma realidade espiritual. Mais do que isso, a ceia do Senhor não apenas retrata a morte de Cristo, mas também mostra a comunhão espiritual entre Cristo e seu povo. Ela também é chamada de comunhão porque mostra como Cristo e seu povo estão unidos em um só corpo (1 Coríntios 10:16). A participação do pão e do vinho ilustra como o povo de Deus tem união e comunhão com Cristo pela fé. A participação coletiva dos elementos pelo povo de Deus também ilustra como o povo de Deus está igualmente unido uns com os outros.

4. Cultuar a Deus por meio de Cantar da Palavra

Adorar ao Senhor com cânticos é um desejo gerado pelo Espírito nos cristãos. Embora tenha sido apontado que a Palavra pregada deve ser o ponto central do culto de adoração, o canto corporativo de louvores a Deus não deve ser minimizado. A Bíblia instrui a igreja a se dirigir, ensinar e admoestar uns aos outros por meio de salmos, hinos e cânticos espirituais (Efésios 5:19; Colossenses 3:16). Cantar é um meio maravilhoso de expressar os mais profundos sentimentos de alegria, admiração e louvor em relação a Cristo. Portanto, um culto de adoração saudável inclui cânticos sinceros, fervorosos e espirituais, enraizados nas gloriosas verdades da Palavra de Deus.

Outrossim, se o objetivo da igreja é glorificar a Cristo na promoção da unidade, pureza e verdade espiritual, então nossos cânticos de adoração precisam refletir esse objetivo. Independente do estilo musical utilizado no culto, as perguntas que precisam ser respondidas são: 1. As letras de nossos cânticos são doutrinariamente sólidas e centradas em Cristo?

2. O estilo musical promove a participação corporativa entre os irmãos?

3. A maneira ou o modo como cultuamos é reverente e santa?

Embora uma expressão contemporânea de adoração possa ser espiritualmente refrescante, o culto que é dirigido a um Deus santo nunca deve ser guiado pela nossa cultura secular (Levítico 10:3). Devemos lembrar que o secularismo é o oposto da santidade. O culto nunca deve ser casual. A Escritura mostra que algumas pessoas morreram por não levar o culto a sério (veja Levítico 10:1-2; 1 Coríntios 11:30).

5. Cultuar a Deus por meio da Comunhão em Torno da Palavra

Outra das principais atividades da igreja primitiva é a comunhão cristã (Atos 2:42). Se a igreja tem a fraternidade e a unidade como objetivos bíblicos, então a comunhão será encontrada ali.

A comunhão bíblica é o Espírito Santo ministrando aos santos por meio da interação espiritual dos crentes uns com os outros. É o Espírito que ministra a um crente por meio de outro crente. O Espírito Santo vive dentro de todos os crentes, e é o Espírito Santo dentro dos crentes que faz a comunhão cristã ser santificadora. O amor que os cristãos têm por Deus e uns pelos outros, manifestado em sua comunhão e conversas espirituais, é edificante para os santos. A reunião e a comunhão dos santos é um meio bíblico de

crescimento espiritual. Dessa forma, a comunhão espiritual é um meio de graça, e a igreja local não deve negligenciá-la.

Entretanto, a comunhão cristã parece ter perdido seu lugar de importância nas prioridades de muitos membros da igreja — cinco minutos antes e depois do culto dominical parece ser suficiente para os frequentadores da igreja de hoje. Porém, a comunhão espiritual em torno de Cristo não é algo que pode ser negligenciado nem pelos cristãos e nem pelas igrejas que buscam seguir o modelo do Novo Testamento.

Os verdadeiros cristãos amam uns aos outros. Eles amam o Senhor e, assim, desejam estar rodeados daqueles em cujo coração são habitados pelo Deus vivo. Os cristãos precisam do Senhor, e porque o Senhor habita nos cristãos, então eles precisam uns dos outros. Por causa dessa realidade interna, as igrejas precisam fornecer a oportunidade para os cristãos estarem uns ao redor dos outros fisicamente.

De um ponto de vista prático, as igrejas devem ser intencionais em reservar tempo adequado para que os membros tenham a oportunidade de cumprir suas responsabilidades uns com os outros. Se os membros da igreja são obrigados pelas Escrituras a se dedicarem uns aos outros, amarem uns aos outros e assim por diante, eles não podem desempenhar essas responsabilidades sem passarem tempo suficiente juntos, tanto aos domingos como em outros dias da semana.

Portanto, uma marca de uma igreja saudável não é apenas que ela é uma igreja que ora, mas também que ela é uma igreja que regularmente provê e encoraja tempo suficiente para a comunhão espiritual.

Conclusão

Embora haja outras atividades dentro da vida da igreja, pregar, orar, cantar e participar das ordenanças são os elementos de culto que guiam todo o restante. Essas são as atividades que Deus prescreveu para a igreja como um meio de comunicação e aplicação da Palavra de Deus escrita. Somente quando esses meios de graça são realizados fielmente é que a igreja deve esperar a presença do Espírito.

Perguntas para Estudo

1. Quais são as atividades prescritas ou os meios dados à igreja para que ela cultue a Deus?
2. O que todas essas atividades têm em comum?
3. Por que é impossível cultuar a Deus sem a comunicação da Palavra de Deus?
4. A igreja é livre para cultuar a Deus de qualquer maneira que queira?
5. Por que a pregação é o meio principal de adoração?
6. Por que a doutrina superficial leva à adoração superficial?
7. Por que a comunhão deve fazer parte das atividades da igreja?
8. O Espírito age e opera à parte da verdade? Explique.

12

Os Princípios do Culto

“Não importa como adoramos”, alguns podem pensar, “desde que estejamos adorando a Deus”. Infelizmente, isso é o que muitos adoradores acreditam, e é por isso que quase tudo é permitido nos cultos de adoração hoje em dia.

Mas quando lemos as Escrituras, aprendemos que Deus matou adoradores não porque eles adoraram um deus falso, mas porque não adoraram o Deus verdadeiro da maneira que ele prescreveu (Levítico 10; 1 Coríntios 11:30). Deus não está simplesmente preocupado em ser adorado; ele também está preocupado em *como* nós o adoramos.

Baseado na teologia do culto, explicada no capítulo anterior, há pelo menos sete princípios bíblicos que regulam nosso culto, princípios que transcendem as influências culturais.

1. O Culto Deve Ser Centrado em Deus

Até que ponto a adoração deve ser dirigida e agradável a Deus, e até que ponto a adoração deve ser agradável à igreja e sensível ao que os visitantes buscam na igreja?

De acordo com as Escrituras, a adoração não é 50/50 e nem mesmo 90/10, mas 100% teocêntrica (centrada em Deus). Não só a adoração deve ser dirigida inteiramente a Deus, mas também ela edificará os santos e condenará os perdidos à medida em que glorifica a Deus. A adoração centrada no homem não amadurece o

corpo de Cristo e nem convence os pecadores da sua indignidade natural de estarem na presença de Deus.

2. O Culto deve Ser Centrado na Palavra

Até que ponto a adoração deve ser guiada pela Palavra, e até que ponto a adoração deve ser guiada pelo Espírito? Em outras palavras, até que ponto a adoração deve ser objetiva e dirigida à mente, e até que ponto a adoração deve ser subjetivamente sentida e expressa a partir do coração? Até que ponto o líder de adoração ou a equipe de louvor deve procurar despertar as emoções da congregação pelo ritmo e estilo da música?

De acordo com as Escrituras, a igreja deve adorar em espírito e verdade (João 4:24). Sem dúvida, a adoração precisa ser objetivamente baseada na verdade e subjetivamente sentida e expressa de coração. Mesmo assim, a igreja é chamada a fixar a sua adoração na objetividade da Palavra de Deus e não nos sentimentos subjetivos e nas várias experiências espirituais.

A. O culto deve ser regulado pela Palavra porque o Espírito convence, consola, fortalece e santifica os santos por meio da Palavra; ou seja, o Espírito trabalha na e pela Palavra, e os sentimentos subjetivos devem fluir da verdade objetiva da Palavra de Deus (Hebreus 4:12). A Palavra é a espada do Espírito que corta o coração (Efésios 6:17), isto é, o Espírito escolheu usar as Escrituras (que ele inspirou) para inflamar a fé, o amor e a devoção a Deus.

B. O culto deve ser regulado pela Palavra porque a igreja não tem a autoridade ou a habilidade de transmitir o Espírito Santo (João 3:8). Portanto, a igreja deve focar naquilo que lhe foi dado como responsabilidade para ela fazer: cantar, pregar e observar as ordenanças. A adoração acompanhada de poder espiritual não

ocorre quando usamos de manipulações ou mesmo de coreográficas para criar uma atmosfera emocional, mas sim pelo ouvir da Palavra de Deus sendo pregada e cantada.

C. O culto deve ser regulado pela Palavra porque é a Palavra que o Espírito nos deu para provar e examinar várias experiências espirituais e subjetivas (1 João 4:1).

D. O culto deve ser regulado pela Palavra porque nossas emoções nos desencaminharão se não estiverem enraizadas e fluindo da verdade objetiva da Palavra de Deus.

E. O culto deve ser regulado pela Palavra porque não há edificação espiritual sem o entendimento cognitivo da verdade. Houve uma necessidade de interpretação das línguas porque o raro emocionalismo experimentado por indivíduos não tinha valor espiritual na adoração congregacional. A edificação espiritual requer uma compreensão da mente. Se cantamos com nosso espírito, como diz Paulo, cantemos também com nossa mente; quando se trata de adoração, o engajamento da mente é vital (1 Coríntios 14:15-16).

As emoções piedosas (por exemplo, amor, louvor, adoração) são uma resposta à adoração centrada na Palavra. Por essas razões, a adoração deve ser centrada na Palavra.

3. O Culto Deve Ser Santo

Quanto do culto deve ser santo e expresso em santidade, e quanto do culto deve ser contextualmente influenciado e destinado a alcançar a cultura secular?

Embora seja impossível remover todas as influências culturais do culto, a igreja nunca deveria propositalmente moldar seu culto de modo a se assemelhar aos costumes da cultura secular

(especialmente a cultura popular profana). O culto a um Deus santo realizado por um povo santo deve ser sempre santo em sua natureza, prática, expressão e forma exterior.

O Culto é Santo por sua Própria Natureza

O culto é um ato sagrado e santo assistido pelo poder do Espírito Santo e dirigido a um Deus santo. Quando olhamos para a teologia do culto, aprendemos que o culto vem de um coração que foi santificado pela verdade. A adoração ocorre quando Deus encontra seu povo em seu contexto cultural, então os santifica pela verdade para que possam estar na presença de Deus, que habita em lugares celestiais.

Em outras palavras, cultuar é deixar o átrio desse mundo e atravessar o véu, Cristo Jesus, para o santo dos santos. Portanto, enquanto os adoradores sobem os degraus em direção ao trono de Deus, os cuidados deste mundo devem ser deixados para trás.

O Culto Deve Ser Santo na Prática

Deus não recebe os louvores dos homens quando eles abrigam o pecado em seus corações (Salmos 66:18). Aqueles que buscam adorar a Deus devem primeiro reconhecer, confessar e arrepender-se de seus pecados antes de poder elevar seus louvores a um Deus santo de uma maneira aceitável (Mateus 5:24).

O Culto Deve Ser Santo na Expressão

Entrar na presença de um Deus santo é uma coisa temível (Salmos 5:7). O culto nunca é um assunto casual, pois não estamos entrando na presença de um simples homem, mas de um Deus transcendente e santo. “Sirvamos a Deus agradavelmente, com

reverência e piedade” (Hebreus 12:28). Devemos nos alegrar, mas devemos nos “alegrar com tremor” (Salmos 2:11). Portanto, considerar e agir como se Cristo Jesus fosse nosso “parceiro” é tratar o Santo de Israel com desprezo.

O Culto Deve Ser Santo em sua Forma Externa

Alguns morreram (tanto no Antigo como no Novo Testamento) porque não se aproximaram de Deus de uma forma santa e aceitável. A igreja é chamada a adorar na beleza da santidade (Salmos 29:2, 96:9). Se a forma externa de culto não importava, por que Deus disse a Moisés para tirar suas sandálias quando ele se aproximava da sarça ardente?

É uma premissa falsa pensar que o culto precisa ser contextualizado culturalmente para ser mais eficaz em alcançar a cultura. Isso porque o que se entende por contextualização não é tornar o Evangelho claro e fácil de entender, mas tornar o Evangelho mais apelativo e atraente à sociedade, integrando música secular, um Jesus moderno e “bacana” e práticas da moda na adoração. Segundo a lógica que eles seguem, quanto mais secular for o culto, mais a sociedade irá adorar.

Porém, o problema é que o verdadeiro culto nunca será agradável a uma cultura secular. Os incrédulos não podem e não adoram a Deus. As igrejas podem ajudar os não convertidos a desfrutar de um estilo místico de adoração que apela aos sentidos, mas nunca podem fazê-los desfrutar e se deleitar na santidade de Deus.

O mundo deveria se sentir desconfortável e condenado na presença de Deus. Para que um culto seja santo ele não precisa buscar se igualar a costumes antiquados e puritanos do passado, mas a santidade também não inclui o desejo de imitar a cultura

popular retratada nos filmes ou na TV — uma cultura que está tão manifestamente associada à rebelião e à impiedade.

Aqueles que querem ver onde está a linha divisória (a linha que separa a santidade do mundanismo) são os mesmo que querem ver o quão perto podem chegar dessa fronteira. Ao invés disso, a igreja deveria desejar ser pura em cada detalhe de seu culto — tudo o que for questionável, ofensivo, provocativo, ousado ou mesmo de gosto um pouco duvidoso deve ser evitado (1 Tessalonicenses 5:22). Prestemos atenção às palavras de Richard Baxter, que nos lembrou: Lembrem-se das perfeições daquele Deus a quem vocês adoram, que ele é Espírito e, portanto, deve ser adorado em espírito e verdade; e que ele é grandioso e terrível,^[49] e, portanto, deve ser adorado com seriedade e reverência, e não deve ser afrontado, ou cultuado com gracejos ou palavras destituídas de vida; e que ele é muito santo, puro e zeloso, e, portanto, deve ser adorado com pureza; e ainda que ele está presente entre vocês, e todas as coisas estão nuas e descobertas diante daquele a quem devemos adorar.^[50]

Que o Senhor ajude a igreja a não se conformar com o mundo, e que o povo de Deus busque para sempre cultuar a Deus em pureza, pelo poder do Espírito e pela iluminação de sua Palavra.

4. O Culto Não Deve se Concentrar no que é Físico

Qual é o uso adequado de objetos tangíveis dentro do culto espiritual?

Objetos físicos e rituais externos eram uma parte vital do culto da Antiga Aliança. O local, os sacrifícios de animais, o templo, a mobília do templo, as vestimentas sacerdotais, o incenso e vários outros objetos corpóreos eram utilizados no culto. Na verdade, o

culto da Antiga Aliança não seria aceitável se não fosse prestado por meio do uso desses objetos físicos.

Hoje, o culto Católico Romano está intimamente ligado ao material. Para facilitar a missa, a Igreja Católica construiu catedrais imensas, implementou o uso de imagens, erigiu estátuas e altares, e adornou seus ministros com vestes sacerdotais. Todos esses objetos ajudam a criar uma dimensão visível e tangível para a adoração. Para envolver os outros sentidos empíricos (por exemplo, olfato e audição) a Igreja Católica implementou o uso de incenso, que estimula uma sensação aromática, e vários sons que apontam subjetivamente para o Deus transcendente.

O culto protestante contemporâneo, do mesmo modo, passou a ser caracterizado por uma expressão multissensorial de adoração. Iluminação fraca, velas, incenso, música agitada alta, vídeos e outros efeitos visuais estão lá para ajudar a carne a ter uma experiência emocional. Todas essas coisas criam uma sensação completa para o adorador.

A verdadeira adoração, por outro lado, não pode ser fabricada através do estímulo dos sentidos físicos, mas pela verdade sendo espiritualmente iluminada até o coração da fé. Alguém pode perguntar: por que a adoração deve ser espiritual em vez de física? A tréplica é simples: “Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade” (João 4:24). Os adoradores não podem ver o reino de Deus e o Cristo invisível a menos que nasçam de novo e lhes seja concedido os olhos da fé (João 3:5-8; Hebreus 11:1). Portanto, o homem natural não pode adorar a Deus, o qual ele sequer pode ver.

Aqueles que são incapazes de discernir a verdade espiritual transformam a adoração em uma experiência carnal. Aqueles que não apreciam a sã doutrina buscam meramente uma experiência

emocional. Os que estão na carne adoram na carne por meio do estímulo dos sentidos físicos através daquilo que é tangível e visível. John Owen colocou isso dessa forma: “Para o homem natural, portanto, nenhuma adoração religiosa é agradável, a menos que ele possa ver algo de glória e esplendor. Mas ninguém vê a glória da adoração espiritual, a menos que ele próprio também seja espiritual”.^[51] Martyn Lloyd-Jones fez esta análise: “Quanto maior for a atenção dada a esse aspecto da adoração — a saber, o tipo de estrutura, o cerimonial, o canto e a música — menos espiritualidade haverá”.^[52]

Sem dúvida, a verdadeira adoração acontecerá dentro de edifícios e com o uso de vários objetos corpóreos, tais como hinários, púlpitos e até mesmo a própria Bíblia. As ordenanças também trazem elementos físicos ao culto congregacional — água, pão e vinho. No entanto, a fé (que está no coração da adoração) não se prende ao físico, mas ao espiritual e à verdade. A música e os edifícios podem ajudar a facilitar o culto, mas a menos que a adoração seja realizada em espírito e verdade, ela não passa de uma experiência emocional produzida pelo estímulo dos sentidos físicos.

5. O Culto Deve Ser Ordeiro

Quanto de culto deve ser ordenado, e quanto do culto deve ser livre e espontâneo?

De acordo com 1 Coríntios 14:26-33, um culto de adoração não é um culto livre para todos, onde cada cristão pode fazer o que quiser. Há momentos apropriados em que as pessoas podem compartilhar uma palavra ou dar um testemunho no culto. Contudo, mesmo sob a influência do Espírito, os cristãos são chamados por

Deus para se submeterem à ordem apropriada do culto (1 Coríntios 14:32). Isto porque o objetivo do culto corporativo é a edificação coletiva de toda a congregação, não a expressão individual de louvor. Qualquer coisa que chame a atenção desnecessária para si mesmo ou que faça com que os outros se distraiam deve ser rejeitada. Embora a Escritura não estabeleça uma ordem explícita de adoração, ela deixa claro que tudo deve ser feito decentemente e ordeiramente (1 Cor. 14:40).

6. O Culto Deve Ser Centrado na Congregação

Quanto da adoração deve ser impulsionada por arranjos musicais, instrumentos e vocalistas principais, e quanto da adoração deve ser impulsionada pelo canto congregacional? E o que é melhor, cantar música cristã contemporânea ou os velhos hinos da fé?

Sendo todas as coisas iguais, uma canção escrita há quinhentos anos ou uma canção escrita ontem faz pouca ou nenhuma diferença. É maravilhoso cantar hinos que têm sido cantados por várias gerações de cristãos. Isso mostra continuidade doutrinária e unidade ecumênica dentro da igreja histórica. Canções que resistiram ao teste do tempo não devem ser desconsideradas. Por outro lado, cantar novas canções também é encorajador para a igreja. O dom de escrever hinos bíblicos e espirituais não terminou com Isaac Watts e John Newton. Felizmente, muitos hinos cristãos contemporâneos serão cantados por muitas gerações vindouras.

A verdadeira questão não é entre a música tradicional e a contemporânea, mas entre os grupos de louvor e o canto congregacional. O que deve ser mais proeminente: a música, os instrumentos, o(s) vocalista(s) principal(is), ou as vozes humanas da assembleia dos santos? Nossa atenção está sendo constantemente

atraída ao que está acontecendo no palco, ou nossa adoração é auxiliada principalmente pelas vozes que nos cercam nos bancos?

De acordo com as Escrituras, a razão pela qual cantar é uma parte vital do culto corporativo não se deve ao poder que a música tem em estimular as nossas emoções. Nós cantamos congregacionalmente por causa da edificação mútua recebida enquanto os santos cantam alegremente letras bíblicas entre si (Efésios 5:19). Que cada instrumento musical louve ao Senhor, mas é a voz humana que serve melhor para elevar louvores a Deus. Assim como a comunhão espiritual é espiritualmente benéfica, ouvir nossos irmãos e irmãs cantando para o Senhor é um meio espiritual de instrução e encorajamento (Colossenses 3:16). Somos ajudados em nosso amor por Deus quando ouvimos nossos irmãos e irmãs expressando seu amor por Deus.

Deixamos de contribuir para a adoração congregacional quando nos focamos no culto pessoal e esquecemos nossas responsabilidades para com nossos irmãos e irmãs ao nosso redor. O benefício do culto corporativo é encontrado enquanto as vozes da assembleia se harmonizam como um só corpo. Deus é mais glorificado quando os santos adoram juntos em um só espírito e uma só mente do que quando indivíduos adoram independentemente. Benjamin Keach, que foi fundamental para a reintrodução do canto corporativo no culto, disse: Saibam meus irmãos, “que Deus ama as portas de Sião mais do que todas as moradas de Jacó” (Salmos 87:2). Portanto, a adoração pública a Deus deve ser preferida antes da adoração privada. (1.) Isso supõe que deve haver uma igreja visível. (2.) E que eles frequentemente se reúnem para cultuar a Deus. [\[53\]](#)

Não se trata tanto de adoração tradicional ou contemporânea, mas sim de qual estilo de música facilita mais a adoração

congregacional. Qualquer música que dificulte a participação congregacional e afaste o foco das vozes da assembleia coletiva é antibíblica. Uma igreja pode adorar sem uma banda, mas não pode adorar sem o canto das vozes da congregação. Por essa razão, os músicos e vocalistas principais devem ajudar a congregação a se envolver no louvor. Eles estão lá para ajudar, não para predominar. Eles não estão ali para chamar a atenção para si mesmos. Eles devem constantemente lembrar a si mesmos que seu objetivo principal não é serem artisticamente criativos, demonstrar seus dons, mas sim ajudar a congregação a louvar a Deus coletivamente e a edificar uns aos outros com suas vozes. Como João Batista procurou diminuir para que Cristo pudesse aumentar, aqueles que facilitam a parte musical da adoração devem procurar se esconder atrás das vozes dos santos. Somente quando os músicos e vocalistas principais estão apoiando o canto da congregação é que eles estão ajudando adequadamente a igreja a adorar a Deus.

Quando o culto é centrado na congregação, o arranjo musical, a iluminação, o volume dos microfones e os instrumentos devem ser intencionalmente monitorados para ajudar, em vez de anular o culto corporativo. Músicos talentosos muitas vezes preferem arranjos complexos, mas normalmente, as congregações cantam mais alto quando as canções são familiares e previsíveis. Além disso, se o canto congregacional é uma prioridade bíblica, então cada membro da igreja tem a responsabilidade de ministrar uns aos outros através do instrumento da sua voz. Cantar músicas, hinos e cânticos espirituais uns para os outros é um mandamento bíblico.

7. O Culto Deve Seguir o Princípio Regulador de Culto

Quais são os meios escriturísticos de adoração, e quanta liberdade a igreja tem para introduzir novos modos de adoração

dentro do culto da igreja?

Existem certos meios prescritos de adoração — oração, pregação e ensino, leitura pública da Palavra, canto (salmos, hinos e cânticos espirituais) e observação das ordenanças (batismo e ceia do Senhor). Muitos têm feito acréscimos a essa lista (por exemplo, queimar incenso, teatro, dança, vídeo). Alguns estão convencidos de que esses elementos adicionais podem ser ainda mais eficazes para facilitar a adoração. Contudo, a igreja não tem a liberdade de introduzir novas formas de adoração dentro do culto (Levítico 10:1-3). Nem a oração, a pregação, o canto ou as ordenanças são algo que a igreja tem a liberdade de remover.

“Qual é o problema que há nisso?” — alguém pode perguntar. Só esses últimos elementos são as atividades ordenadas à igreja como meios de graça. Por meios de graça, queremos dizer que eles são os modos de culto que Deus prometeu abençoar e usar para edificar o corpo de Cristo e os métodos divinos que Deus escolheu para comunicar a verdade ao seu povo. Entretanto, incenso, teatro ou atividades adicionais (não importa o quão empolgantes possam ser) não têm tal promessa ligada a eles.

Além disso, a igreja não tem autoridade para obrigar a consciência dos santos às práticas não bíblicas. Assim como a igreja não tem autoridade bíblica para impor o *homeschooling* à congregação, a igreja não tem o direito de submeter o povo de Deus a atividades adicionais dentro do culto. Ao invés de procurar acrescentar ao culto novos modos de adoração, que a igreja procure fazer o que tem sido prescrito e o faça bem feito. Como Jeremiah Burroughs afirmou há muito tempo atrás: Na adoração a Deus, não deve haver nada que seja oferecido a Deus a não ser o que ele tem ordenado. O que quer que nós venhamos a introduzir na adoração a Deus deve ter sido ordenado a nós explicitamente na Palavra. [\[54\]](#)

As Escrituras têm muito a dizer sobre como devemos adorar a Deus. Se procuramos agradar a Deus em nosso culto, então fazemos bem em procurar cultuar da maneira que ele prescreveu.

Conclusão

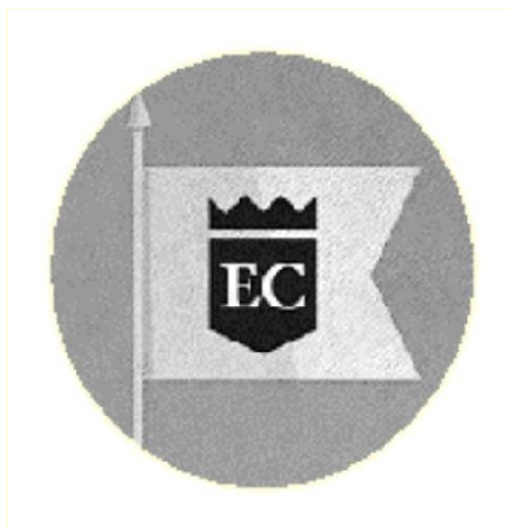
Neste livro, eu tenho me esforçado para explicar a natureza, autoridade, propósito e adoração da igreja. É minha esperança que, juntamente com a obtenção de uma melhor compreensão da natureza da igreja, desfrutemos de um maior apreço e amor pela igreja que nos leva a estar fielmente comprometidos em servir e glorificar a Cristo na igreja.

Perguntas para Estudo

1. Por que a Bíblia regula a forma como cultuamos a Deus?
2. Por que o culto não deve ser centrado no homem?
3. Por que o culto deve ser centrado na Palavra?
4. Por que a santidade é vital na adoração?
5. Por que o culto é espiritual?
6. Por que o culto deve ser ordeiro?
7. Por que o canto deve ser congregacional?
8. Qual é o princípio regulador de culto?
9. Por que o princípio regulador é importante?

Ora, àquele que é poderoso
para fazer tudo muito mais abundantemente

além daquilo que pedimos ou pensamos,
segundo o poder que em nós opera,
A esse glória na igreja, por Jesus Cristo,
em todas as gerações, para todo o sempre. Amém.
Efésios 3:20-21



A editora *O Estandarte de Cristo* é fruto de um trabalho que começou a ser idealizado por volta do início de 2013, por William e Camila Rebeca, com o propósito principal de publicar traduções de autores bíblicos fiéis. Fizemos as primeiras publicações no dia 2 de dezembro de 2013 (publicação de 4 eBooks). De lá para cá já são quase 7 anos e centenas de traduções de autores bíblicos fiéis, sobre diversos temas da fé cristã.

Somos uma editora de fé cristã batista reformada e confessional. Estamos firmemente comprometidos com as verdades bíblicas fielmente expostas na Confissão de Fé Batista de 1689.

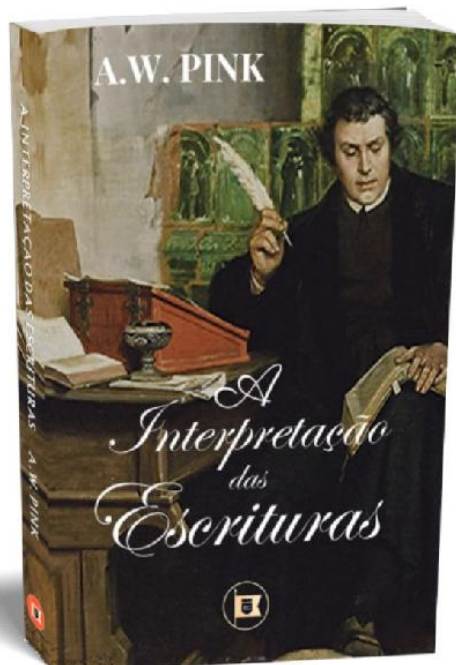
OEstandarteDeCristo.com

Conheça outros livros publicados pela editora
O Estandarte de Cristo



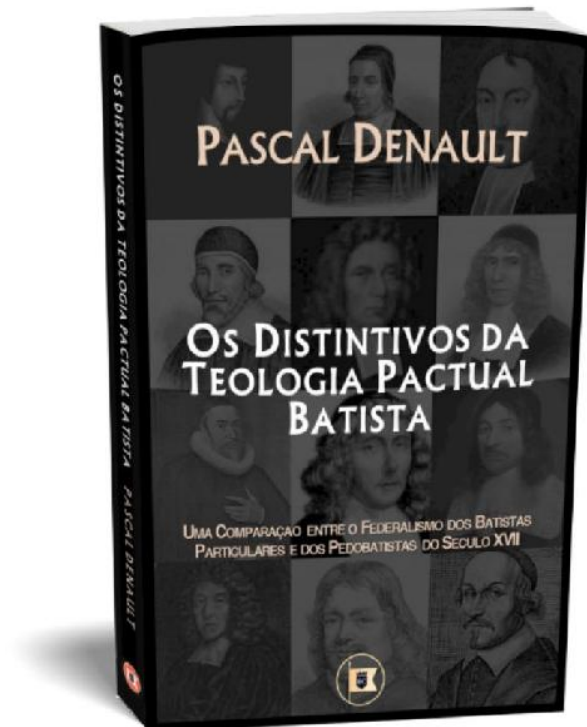
**[A Confissão de Fé Batista de 1689 + Catecismo Puritano
compilado por C.H. Spurgeon](#)**

“ Nós precisamos de um estandarte pela causa da verdade; pode ser que esse pequeno volume ajude a causa do glorioso Evangelho, testemunhando claramente quais são as suas principais doutrinas... Aqui os membros mais jovens da nossa igreja terão um Corpo de Teologia, que servirá como uma pequena bússola, e por meio de provas bíblicas, estarão prontos para dar a razão da esperança que há neles... Apeguem-se fortemente à Palavra de Deus que está aqui mapeada para vocês. ” — C.H. Spurgeon, 1855



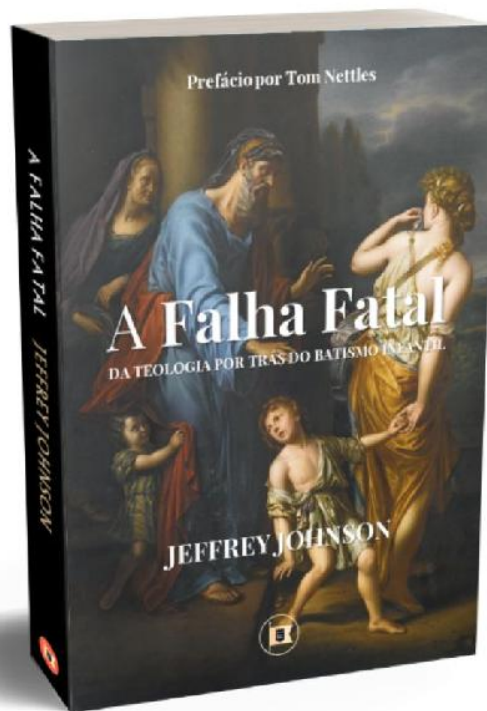
A Interpretação das Escrituras
A.W. Pink

“ Dificilmente encontraremos um “tratado sobre hermenêutica”, tão bíblico e completo, tão profundo e ao mesmo tempo tão prático, como diz o próprio autor: Nestes capítulos temos nos esforçado para colocar diante de nossos leitores as regras que temos usado há muito tempo em nosso próprio estudo da Palavra; elas foram projetadas mais especialmente para os jovens pregadores. Nós não poupamos esforços para torná-los tão lúcidos e completos quanto possível, colocando em suas mãos esses princípios de exegese que nos foram de grande proveito. ”



[Os Distintivos da Teologia Pactual Batista](#) [Pascal Denault](#)

“ Pascal Denault merece muitos agradecimentos por seu trabalho ao pesquisar e descrever as nuances da teologia do pacto da Inglaterra no século XVII. Ele mostrou fatores significantes que contribuíram para as diferenças entre o pensamento e a prática dos presbiterianos e batistas particulares, descrevendo categorias teológicas em termos fáceis e acessíveis. ” — James M. Renihan, Ph.D. Deão e professor de teologia histórica
Institute of Reformed Baptist Studies



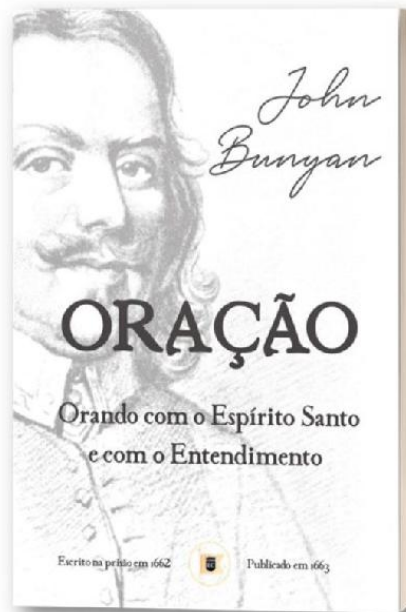
A Falha Fatal da Teologia por Trás do Batismo Infantil
Jeffrey Johnson

“ Jeffrey Johnson produziu uma interação minuciosa, vigorosa e impressionante com a teologia pactual, enquanto usada como apoio para o batismo infantil. Ele expôs uma análise detalhada de cada parte do sistema, aprovou o que era biblicamente fundamentado, desafiou o que é indefensavelmente inventado e ofereceu alternativas convincentes para cada parte do sistema que ele desafiou. ” — Tom J. Nettles, Ph.D. Professor de teologia histórica Southern Baptist Theological Seminary



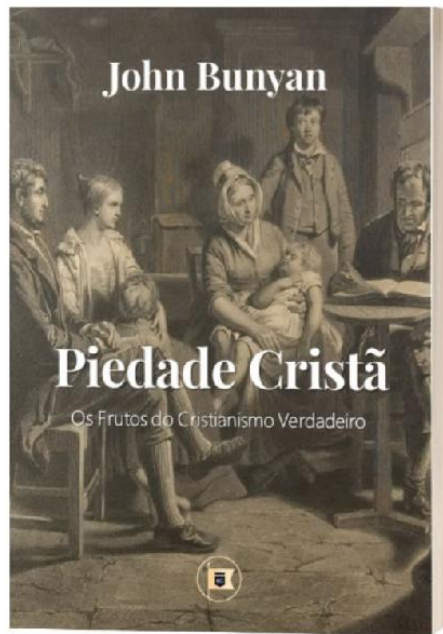
Um Guia para a Oração Fervorosa
A.W. Pink

“ A oração particular é o teste de nossa sinceridade, o indicador de nossa espiritualidade, o principal meio de crescimento na graça. A oração particular é a única coisa, acima de todas as demais, que Satanás busca impedir, pois ele bem sabe que, se ele puder ser bem sucedido neste ponto, o cristão falhará em todos os outros... Por mais desesperado que seja o nosso caso, maior é nossa necessidade de orar, se a graça em nós está fraca, a contínua negligência em orar a fará ainda mais fraca, se nossas corrupções são fortes, a omissão em orar as fará ainda mais fortes. ”



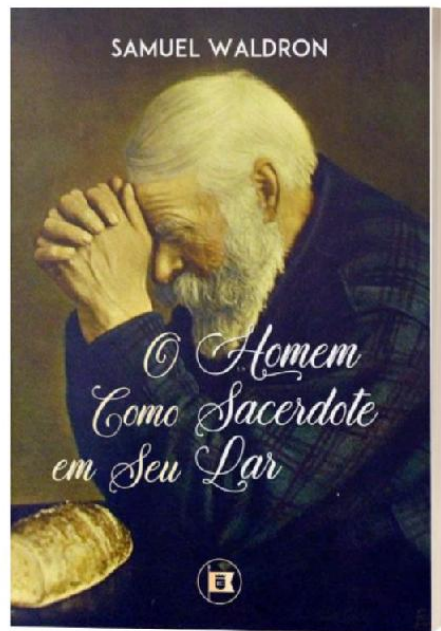
Oração: Orando com o Espírito Santo e com o Entendimento **John Bunyan**

“ A oração é uma ordenança de Deus que deve ser praticada tanto em público quanto em particular. Além disso, é uma ordenança que conduz aqueles que possuem o espírito de súplica para grande familiaridade com Deus, e também possui efeitos tão notáveis que alcançam grandes coisas de Deus, tanto para a pessoa que ora como para aqueles por quem ela ora. A oração abre o coração de Deus e através dela a alma, mesmo quando vazia, é preenchida. Através da oração o cristão também pode abrir seu coração a Deus como o faria com um amigo, e obter um testemunho renovado de Sua amizade. ”



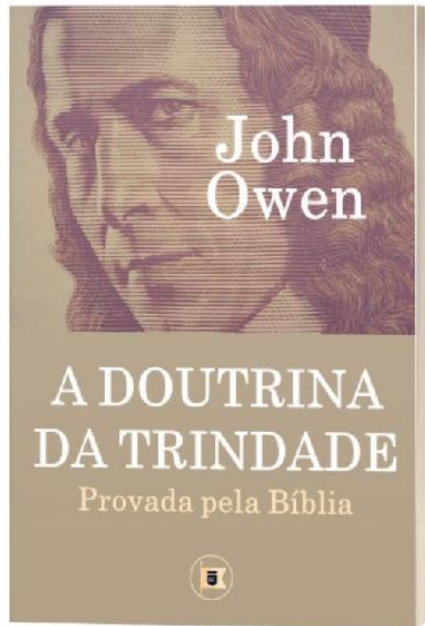
Piedade Cristã: Os Frutos do Verdadeiro Cristianismo
John Bunyan

Todo aquele que foi justificado pela graça de nosso Senhor Jesus Cristo encontrará aqui um excelente guia para que possa viver de modo agradável a Deus. Este livro faz lembrar a magistral obra, *A Prática da Piedade*, do piedosíssimo Lewis Bayly, por seu fervor e fidelidade bíblicos, e por sua sobriedade e zelo piedoso de obedecer aos mandamentos do Senhor em todas as áreas de nossas vidas e em todos os nossos relacionamentos. O autor nos exorta à prática da verdadeira piedade cristã a partir de Tito 3:7-8.



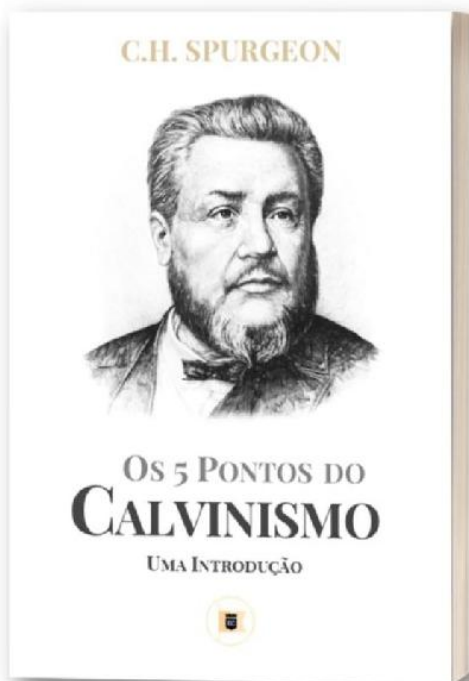
O Homo como Sacerdote em seu Lar
Samuel Waldron

“ A ideia de que um homem é sacerdote em seu lar se deriva naturalmente da tese de que todo ministério cristão tem caráter sacerdotal. No entanto, esse assunto confronta os homens com algumas das responsabilidades mais difíceis que enfrentaremos. Quando cumprimos nosso dever e sentimos nosso pecado e fraqueza nessa área, devemos constantemente nos lembrar da graça e das promessas que Deus nos deu. Não podemos fazer progresso confiando em nossas próprias forças. Somente cresceremos e assumiremos nossas responsabilidades com a ajuda de Deus. ”



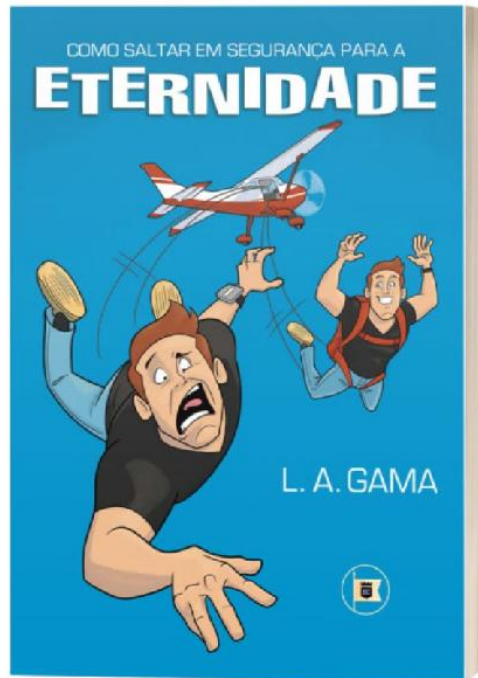
A Doutrina da Trindade
John Owen

John Owen fez uma defesa magistral da grande doutrina bíblica da Santíssima Trindade contra os socinianos. Dificilmente veremos hoje alguém que se denomine um sociniano, mas não é tão raro assim encontrar alguém indouto e inconstante que segue as pisadas deles e nega a verdade bíblica sobre a bendita doutrina da Trindade, para sua própria perdição eterna (2Pe 3:16). Portanto a refutação que Owen faz das principais objeções dos oponentes dessa doutrina permanece útil também para os nossos dias. Sobretudo é proveitosa a exposição fiel e profunda feita por ele sobre os principais textos bíblicos que revelam essa verdade fundamental sobre o único e verdadeiro Deus: Pai, Filho e Espírito.



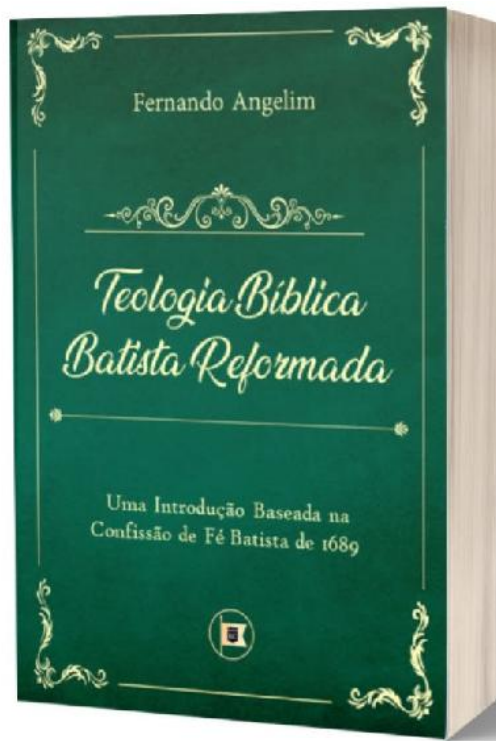
Os 5 Pontos do Calvinismo
C.H. Spurgeon

Nesta excelente coletânea de sermões Charles Spurgeon expõe o ensino bíblico sobre aqueles que ficaram conhecidos como os 5 Pontos do Calvinismo: 1. Depravação Total; 2. Eleição Incondicional; 3. Expição Limitada; 4. Graça Irresistível; 5. Perseverança dos Santos. A capacidade ímpar com que Deus dotou o pregador e a beleza e firmeza da verdade bíblica por ele tratada fazem deste livro um recurso extremamente importante para todos aqueles que desejam obter uma compreensão clara e robusta do ensino bíblico acerca da soberania da graça divina na salvação dos homens.



Como Saltar em Segurança para a Eternidade
Lidiano Gama

“ Com habilidade, o autor L.A. Gama desenvolveu a viagem de Greg Thopp rumo à eternidade sempre ladeado pelas doutrinas que foram o fundamento e alicerce não apenas dos batistas particulares (reformados), mas da própria Reforma Protestante e do puritanismo inglês e norte-americano que se seguiu. O livro é valioso para todos os cristãos, mas, sobretudo, é uma preciosa contribuição para os batistas e uma excelente oportunidade para se examinar cuidadosamente esse documento, a Confissão de Fé Batista de 1689. ” — Marcus Paixão



Teologia Bíblica Batista Reformada
Fernando Angelim

“Estou convencido da extrema necessidade e urgência da igreja brasileira, especialmente os batistas, recuperar um entendimento bíblico profundo e piedoso sobre os pactos de Deus. E estou igualmente convencido de que este livro tem muito a contribuir para esse fim. Escrito de maneira clara e didática, e sobretudo bíblica, este livro se mostrará útil tanto para o pai de família que deseja conhecer melhor sua Bíblia e guiar a sua família piedosamente quanto para aquele que foi chamado a se “apresentar a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2 Timóteo 2:15).” — William Teixeira

[1] John Murray, *Redemption Accomplished and Applied* (Grand Rapids: Eerdmans, 1955), 113.

[2] John Owen, “The Mutual Care of Believers Over One Another”, in *The Works of John Owen* (Edinburgh: Banner of Truth, 1965), 16:477-78.

- [3] John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, ed. John T. McNeill, trans. Ford Lewis Battles (Philadelphia, PA: Westminster Press, 1977), 4.1.2.
- [4] François Turretini, *Compêndio de Teologia Apologética*. Vol. 3. São Paulo: 1ª ed. Editora Cultura Cristã, 2010. p. 47.
- [5] R. C. Sproul, *Getting the Gospel Right: The Tie that Binds Evangelicals Together* (Grand Rapids: Baker, 1999), 23.
- [6] Sproul, 24.
- [7] James Bannerman, *The Church of Christ* (Edinburgh: Banner of Truth, 1974), 1:14.
- [8] Benjamin Keach, *The Glory of a True Church* (Conway, AR: Free Grace Press, 2016), 21.
- [9] Calvin, *Institutes*, 4.1.3.
- [10] William Dell, “The Way of True Peace and Unity in the True Church of Christ” in *Several Sermons and Discourses of William Dell* (London: Giles Calvert, 1652), 152.
- [11] R.B. Kuiper, *The Glorious Body of Christ* (Edinburgh: Banner of Truth, 2001), 58.
- [12] Kuiper, 58.
- [13] Martyn Lloyd-Jones, *Preaching and Preachers* (Grand Rapids: Zondervan, 2011), 26.
- [14] Calvin, *Institutes*, 4.1.9.
- [15] John Owen, “Discourse on Christian Love and Peace”, in *The Works of John Owen* (Edinburgh: Banner of Truth, 1998), 15:96.
- [16] Michael Horton (@MichaelHorton_), Twitter, December 30, 2016, 2:38 a.m., https://twitter.com/michaelhorton_/status/814737287951040512.
- [17] Jonathan Leeman, *Church Membership* (Wheaton, IL: Crossway, 2012), 31.
- [18] James Bannerman, *The Church of Christ* (Edinburgh: Banner of Truth, 1974), 1:2.
- [19] Mark Dever, *What Is a Healthy Church?* (Wheaton, IL: Crossway, 2007), 26, emphasis original.

- [20] Jay Adams, *Handbook of Church Discipline* (Grand Rapids: Zondervan, 1986), 81n3.
- [21] Bannerman, *Church of Christ*, 1:19.
- [22] Joel Beeke, “Glorious Things of Thee Are Spoken” in *Onward Christian Soldiers*, ed. Don Kistler (Morgan, PA: Soli Deo Gloria, 1999), 33.
- [23] Cited in Tom Carter, *Charles Spurgeon at His Best* (Grand Rapids: Baker, 1988), 34.
- [24] Charles Hodge, *Commentary on the Epistle to the Ephesians* (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 31.
- [25] Alan Stibbs, *God’s People* (London: IVF, 1959), 46.
- [26] Stibbs, *God’s People*, 46.
- [27] Joel Beeke, “Glorious Things of Thee Are Spoken” in *Onward Christian Soldiers*, ed. Don Kistler (Morgan, PA: Soli Deo Gloria, 1999), 39.
- [28] Charles Hodge, *Commentary on the Epistle to the Ephesians* (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 310.
- [29] Donald S. Whitney, “To Her My Toils and Cares Be Giv’n” in *Onward Christian Soldiers*, ed. Don Kistler (Morgan, PA: Soli Deo Gloria, 1999), 196–97.
- [30] John Owen, “The Nature of the Gospel Church”, in *The Works of John Owen* (Edinburgh: Banner of Truth, 1995), 16:18.
- [31] Beeke, “Glorious Things”, 39.
- [32] Martyn Lloyd-Jones, *Knowing the Times* (Edinburgh: Banner of Truth, 1989), 30.
- [33] Observe que essa é a única diferença essencial entre os ofícios de presbítero e o pastor — a aptidão para o ensino.
- [34] John Owen, “The True Nature of a Gospel Church and Its Government”, in *The Works of John Owen: The Church and the Bible*, ed. William H. Goold (Edinburgh: Banner of Truth, 1991), 16:74.
- [35] John Owen, “The Duty of a Pastor”, in *The Works of John Owen: Sermons to the Church*, ed. William H. Goold (Edinburgh: Banner of Truth, 1991), 9:453.

[36] Nota de edição: No original, o autor usa a expressão, “home-church movement”, a qual traduzimos como *movimento de igrejas nos lares*, que, por sua vez, denota um movimento no qual grupos de cristãos buscam se reunir regularmente para o culto em casas particulares.

[37] Earl M. Blackburn, *Jesus Loves the Church and So Should You* (Birmingham, AL: Solid Ground Christian Books, 2010), 43.

[38] Blackburn, *Jesus Loves the Church*, 43.

[39] Don Kistler, “Blest Be the Tie That Binds” in *Onward Christian Soldiers*, ed. Don Kistler (Morgan, PA: Soli Deo Gloria, 1999), 98.

[40] Charles H. Spurgeon, *Morning and Evening*, rev. and updated by Alistair Begg (Wheaton, IL: Crossway, 2003), Evening, July 11.

[41] Nota de edição: No original o autor usa a expressão, *seeker-sensitive church*, que pode ser traduzida literalmente como, igreja sensível ao buscador, e denota uma técnica de crescimento de igreja segundo a qual a igreja deve adaptar-se (incluindo sua pregação, louvor, ambiente, instalações etc.) à cultura secular para atrair e agradar aqueles que estão *buscando* uma igreja que atenda às suas demandas pessoais.

[42] Charles H. Spurgeon, “No Compromise” in *Metropolitan Tabernacle Pulpit* (Pasadena, TX: Pilgrim, 1988), Vol. 34, No. 2047.

[43] John MacArthur, *Ashamed of the Gospel* (Wheaton, IL: Crossway, 1993), xvii.

[44] B.H. Carroll, “Creeds and Confessions of Faith”, in *Baptists and Their Doctrines*, eds. Timothy and Denise George (Nashville: Broadman & Holman, 1995), 81.

[45] Nota de edição: Para saber mais sobre o pensamento de Jeffrey Johnson sobre isso, leia seu livro *O Absurdo da Incredulidade*, também publicado pela editora O Estandarte de Cristo. O propósito principal do livro é mostrar que a cosmovisão cristã bíblica é a única racionalmente consistente em todos os sentidos, e que todas as outras cosmovisões são simplesmente inconsistentes, irracionais e absurdas.

[46] See Martyn Lloyd-Jones, *Preaching and Preachers* (Grand Rapids: Zondervan, 1972), 26.

[47] John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, ed. John T. McNeill, trans. Ford Lewis Battles (Philadelphia, PA: Westminster Press, 1977), 4.1.5.

[48] Lloyd-Jones, *Preaching and Preachers*, 16-17.

[49] Nota de edição: o adjetivo “terrível” era usado por reformadores e por puritanos, como Calvino e Baxter, em relação a Deus para denotar que ele “deve ser temido, reverenciado”.

[50] Richard Baxter, “A Christian Directory”, in *The Practical Works of Richard Baxter* (London: George Virtue, 1838), 1:179.

[51] John Owen, *Biblical Theology*, trans. Stephen P. Westcott (Morgan, PA: Soli Deo Gloria, 2002), 665.

[52] Martyn Lloyd-Jones, *Preaching and Preachers* (Grand Rapids: Zondervan, 1972), 267.

[53] Benjamin Keach, *The Glory of a True Church* (Conway, AR: Free Grace Press, 2015), 77.

[54] Jeremiah Burroughs, *Gospel Worship* (Morgan, PA: Soli Deo Gloria, 1990), 11.